

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

NICOLE TIRELLO ACQUOLINI

**PRÁTICAS INFORMACIONAIS EM PERFIL FEMINISTA DO INSTAGRAM: ENTRE
LETRAMENTOS E DESINFORMAÇÃO DE GÊNERO**

Porto Alegre
2023

NICOLE TIRELLO ACQUOLINI

**PRÁTICAS INFORMACIONAIS EM PERFIL FEMINISTA DO INSTAGRAM: ENTRE
LETRAMENTOS E DESINFORMAÇÃO DE GÊNERO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCIN), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito parcial para a obtenção do grau de mestra em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Informação e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa

Porto Alegre
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos André Bulhões Mendes

Vice-reitora: Prof^a. Dr^a. Patrícia Helena Lucas Pranke**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**Diretora: Prof^a. Dr^a. Ana Maria de MouraVice-diretora: Prof^a Dr^a. Vera Regina Schmitz**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Coordenador: Prof. Dr. Thiago Henrique Bragato Barros

Coordenador substituto: Prof. Dr. Moisés Rockembach

CIP - Catalogação na Publicação

Acquolini, Nicole Tirello
Práticas informacionais em perfil feminista do
Instagram: entre letramentos e desinformação de gênero
/ Nicole Tirello Acquolini. -- 2023.
110 f.
Orientador: Rodrigo Silva Caxias de Sousa.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da
Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Desinformação de gênero. 2. Práticas
informacionais. 3. Letramentos. 4. Instagram. I.
Sousa, Rodrigo Silva Caxias de, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

PGCIN-UFRGS

Rua Ramiro Barcelos, 2705.

CEP: 90035-007 Porto Alegre – RS

Telefone: + 55 (51) 3308-5067

E-mail: ppgcin@ufrgs.br

NICOLE TIRELLO ACQUOLINI

**PRÁTICAS INFORMACIONAIS EM PERFIL FEMINISTA DO INSTAGRAM: ENTRE
LETRAMENTOS E DESINFORMAÇÃO DE GÊNERO**

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Alba Cristina Couto dos Santos Salatino
Membro titular externo (IFRS)

Prof. Dr. André Iribure Rodrigues
Membro titular (PPGCOM – UFRGS)

Prof. Luís Fernando Herbert Massoni
Membro titular (UFRGS)

Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa
Orientador (PPGCIN – UFRGS)

Profa. Dra. Ana Claudia Borges Campos
Membro suplente (UFES)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos meus pais, Márcia Candida Tirello e Cezar Noronha Acquolini (*in memoriam*) por sempre me encorajarem, me incentivarem a estudar e me apoiarem incondicionalmente. E da mesma forma, agradeço à minha irmã, Gabriela Tirello Acquolini que sempre me fortaleceu e tenho como exemplo acadêmico.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e a todos e todas que dela fazem parte, pelo papel fundamental na minha formação acadêmica e de vida.

Ao querido Professor Rodrigo Silva Caxias de Sousa por toda sua confiança, atenção e ensinamentos dedicados durante as orientações no decorrer desses dois intensos anos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - PPGCIN e a todos os docentes com quem tive o privilégio de interagir ao longo do meu percurso acadêmico, pelos valiosos conhecimentos adquiridos, e especialmente ao Professor Thiago Henrique Bragato Barros, que me fez sentir parte do Programa.

Aos Professores André Iribure Rodrigues e Luís Fernando Herbert Massoni por terem aceitado participar da banca de qualificação e defesa e por todas as sugestões que me deram. À Professora Alba Cristina Couto dos Santos Salatino por ter aceitado participar da banca final e se dispor a ler e avaliar o meu trabalho. E também a Professora Ana Claudia Borges Campos por ter aceitado participar como suplente da banca.

Ao João Rodrigo Vargas Pilla Dias, por estar comigo desde o início, compartilhando minhas inquietações e me acompanhando nos perrengues (que não foram poucos). Tua companhia foi essencial e só tenho a agradecer por todo suporte, amor e carinho recebido.

A todas e todos estimados colegas de PPGCIN, com um agradecimento especial ao grupo Amizades PPGCIN, em particular, ao Maurício Coelho da Silva, pelo apoio, inspiração e amizade ao longo dessa jornada e também ao Stheve Balbinotti Pereira pelas boas risadas.

Às minhas amigas, amigos e todas as pessoas que de alguma forma fizeram parte da minha vida durante esse tempo.

Àqueles e àquelas que não mencionei e merecem igualmente minha gratidão.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pelos subsídios que tornaram esta pesquisa possível.

E por fim, agradeço também a todos e todas pela compreensão da minha ausência nesse período, por vezes árduo, mas que foi enriquecedor e com certeza valeu a pena.

Com carinho,
Nicole.

RESUMO

A presente pesquisa apresenta, sob a perspectiva da Ciência da Informação e áreas correlatas, conceitos e concepções relacionadas às práticas informacionais na *web* social, pós-verdade, desinformação e variantes, desinformação de gênero, violência contra a mulher, e uma breve contextualização dos feminismos. Considerando a desinformação de gênero (feminino) como um fenômeno prejudicial e nefasto para a sociedade, uma vez que perpetua as relações desiguais de poder, reforçando a marginalização da mulher como segundo sexo, entende-se a necessidade de compreender como são promovidas ações de letramento por meio das práticas informacionais do perfil Planeta Ella no Instagram (recorte da *web* social), de modo que possam também mitigar desinformações de gênero. Este estudo é de natureza aplicada, com abordagem qualitativa e de caráter exploratório-descritivo. Caracterizou-se por um levantamento bibliográfico e pela Análise de Conteúdo (AC) juntamente da Observação Assistemática a partir de *posts* no *feed* do perfil feminista Planeta Ella no Instagram. Desse modo, o *corpus* se constituiu em 158 postagens que datam do mês de abril de 2022 e do dia 04 de janeiro de 2023 a 23 de junho de 2022 (seguindo uma ordem cronológica inversa). As investigações dos dados revelaram sete categorias emergidas: ações de informação - práticas informacionais; fontes; hiperlinks; ocorrência de desinformação de gênero; tipificação da desinformação; formas de desinformação de gênero; intencionalidade para letramentos. As práticas informacionais empiricamente identificadas estão fundamentadas tanto em quesitos instrumentais que se relacionam às facilidades tecnológicas, quanto em perspectivas que envolvem uma complexidade de temáticas abordadas nos *posts*, sendo elas: violência contra a mulher; representatividade da mulher em esferas da sociedade; empoderamento da mulher; desigualdade de gênero; saúde da mulher; maternidade; direitos e legislação da mulher; objetificação da mulher; estereótipo da mulher; combate ao machismo. A partir da análise, verificou-se que o perfil selecionado não tem como objetivo principal o combate à desinformação de gênero, porém ele fornece oportunidades de letramentos, que por meio da apropriação da informação, empoderam indivíduos, desconstruem estereótipos, promovem a igualdade e fomentam uma consciência crítica, oferecendo-lhes ferramentas para identificar, questionar e confrontar informações equivocadas, falsas e prejudiciais relacionadas a questões de gênero.

Palavras-chave: Desinformação de gênero; Práticas informacionais; Letramentos; Instagram.

ABSTRACT

This research presents concepts and conceptions related to informational practices on the social web, post-truth, disinformation and variants, gender disinformation, violence against women from the perspective of Information Science and related areas, and a brief contextualization of feminisms. Considering gender (female) disinformation as a harmful and disastrous phenomenon for society since it perpetuates unequal power relations and reinforces the marginalization of women as the second sex, it is understood the need to understand how literacy actions are developed through the informational practices of the Planeta Ella profile on Instagram (from the social web), so that it can also mitigate gender disinformation. This applied nature study has a qualitative approach and exploratory-descriptive character. It is characterized by a bibliographical survey, Content Analysis (CA) with the "Unsystematic Observation" of posts from the feed of the profile Planeta Ella on Instagram. It was studied a total of 158 posts dating from april 2022 and from january 4, 2023 to june 23, 2022 (following reverse chronological order). Data investigation revealed seven emerging categories: information actions - informational practices; sources; hypermedia; occurrence of gender disinformation; typification of disinformation; forms of gender disinformation; intentionality for literacies. The empirically identified informational practices are based both on instrumental questions that relate to technological convenience, and perspectives that involve a complexity of themes addressed in the posts, namely: violence against women; representativeness of women in spheres of society; women's empowerment; gender inequality; women's health; maternity; women's rights and legislation; objectification of women; woman stereotype; fight against misogyny. The analysis demonstrates that selected profile does not primarily aim combating gender disinformation, but it provides literacy opportunities, which through the appropriation of information, empower individuals, deconstruct stereotypes, promote equality and foster critical awareness, offering them tools to identify, question and confront misguided, false and harmful information related to gender issues.

Keywords: Gender disinformation; Informational practices; Literacies; Instagram.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|--------------------|--|----|
| Figura 1 - | Efeito Matilda (exemplo de <i>post</i> no <i>feed</i>)..... | 53 |
| Figura 2 - | Violência contra mulheres Yanomami (exemplo de <i>post</i> no <i>feed</i>). .. | 54 |
| Figura 3 - | Interface Planeta Ella no Instagram..... | 55 |
| Figura 4 - | Principais países com base no tamanho do público do Instagram em janeiro de 2023 (em milhões)..... | 56 |
| Figura 5 - | Distribuição de usuários do Instagram (por idade e sexo) em todo o mundo até janeiro de 2023..... | 57 |
| Figura 6 - | <i>Post</i> que aborda a temática da violência contra a mulher..... | 69 |
| Figura 7 - | <i>Post</i> que recebeu maior volume de curtidas no período da coleta dos dados..... | 72 |
| Figura 8 - | <i>Post</i> com exemplo de compartilhamento e reuso de informações. .. | 74 |
| Figura 9 - | <i>Post</i> que apresenta imagem+texto..... | 76 |
| Figura 10 - | <i>Post</i> com exemplo de desinformação que afeta especificamente mulheres..... | 78 |
| Figura 11 - | <i>Post</i> com exemplo de desinformação evidente..... | 80 |
| Figura 12 - | <i>Post</i> com exemplo de <i>disinformation</i> | 81 |
| Figura 13 - | <i>Post</i> com possibilidades para o letramento contra a desinformação de gênero..... | 84 |
| Figura 14 - | <i>Post</i> com exemplo de possibilidades de letramentos..... | 86 |
| Figura 15 - | <i>Post</i> com exemplo de possibilidades de letramento informativo e representativo..... | 87 |

LISTA DE QUADROS

| | | |
|-------------------|---|-----|
| Quadro 1 - | Estratégias de busca e documentos recuperados..... | 108 |
| Quadro 2 - | Perfis feministas no Instagram..... | 50 |
| Quadro 3 - | Categorias/subcategorias emergidas da Análise de Conteúdo (AC)..... | 64 |
| Quadro 4 - | Parâmetros operacionais para organização, detalhamento e descrição das postagens (<i>posts</i>)..... | 67 |
| Quadro 5 - | Categorias temáticas emergidas da AC conforme incidência (número de ocorrências) no conteúdo das postagens..... | 68 |
| Quadro 6 - | Ações de informação - práticas informacionais conforme incidência (número de ocorrências)..... | 73 |
| Quadro 7 - | Plataformas provenientes das repostagens conforme incidência (número de ocorrências)..... | 75 |
| Quadro 8 - | Suportes utilizados para apresentação da postagem conforme incidência no <i>feed</i> (número de ocorrências)..... | 75 |
| Quadro 9 - | <i>Links</i> das postagens representadas por figuras no estudo..... | 110 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 - Formas de desinformação de gênero conforme incidência no <i>feed</i> (número de ocorrências)..... | 77 |
| Tabela 2 - <i>Ocorrência de desinformação de gênero conforme incidência no feed</i> | 79 |
| Tabela 3 - Tipificação da desinformação conforme incidência (número de ocorrências)..... | 81 |
| Tabela 4 - Ocorrência de letramentos combinando subcategorias conforme incidência..... | 83 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC - Análise de Conteúdo

ANCIB - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação

BRAPCI - Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação

CI - Ciência da Informação

EUA - Estados Unidos da América

FEM - Fórum Econômico Mundial

GIF - *Graphics Interchange Format*

GBD - *Gender-Based Disinformation*

GT - Grupo de Trabalho

IGF - *Internet Governance Forum*

IGTV - Instagram Televisão

LGBTQIAPN+ - Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais.

OAS - *Organization of American States*

PSOL - Partido Socialismo e Liberdade

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 13 |
| 1.1 | Problema de pesquisa..... | 15 |
| 1.2 | Justificativa..... | 15 |
| 1.3 | Objetivos..... | 17 |
| 1.3.1 | Objetivo Geral..... | 17 |
| 1.3.2 | Objetivos Específicos..... | 17 |
| 2 | ASPECTOS TEÓRICOS: ABORDAGENS E CONCEITOS..... | 20 |
| 2.1 | Práticas informacionais: um panorama desde o surgimento até a produção, compartilhamento e reuso de informações na <i>web</i> social..... | 20 |
| 2.2 | Desinformação no cenário da pós-verdade..... | 29 |
| 2.2.1 | Desinformação de gênero: do qualificador à violência..... | 34 |
| 2.2.2 | Do letramento informacional ao de gênero: aspectos complementares | 42 |
| 3 | METODOLOGIA..... | 47 |
| 3.1 | Levantamento bibliográfico..... | 49 |
| 3.2 | Processo exploratório preliminar: aproximações aos objetivos.... | 50 |
| 3.3 | Contexto do estudo: rede de feminismos Planeta Ela no Instagram..... | 55 |
| 3.4 | Coleta dos dados..... | 62 |
| 3.5 | Análise dos dados..... | 64 |
| 4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO..... | 68 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 89 |
| | REFERÊNCIAS..... | 92 |
| | APÊNDICE A..... | 108 |
| | APÊNDICE B..... | 110 |

1 INTRODUÇÃO

Considerando o cenário atual de excessiva quantidade de desinformações circulando, principalmente a partir do meio digital, as ações de informação¹ mostram ter menos atenção com a fidedignidade dos fatos, com a autoria das informações e com uma ética da verdade. É relevante atentar-se para o fato de que o fenômeno da desinformação pode violar princípios como a veracidade, a transparência e a responsabilidade, assim como prejudicar o exercício de direitos básicos das pessoas, tais como a liberdade de expressão, a privacidade e a segurança, além de poder causar danos emocionais e físicos.

A desinformação pode ter impactos negativos graves em diversas áreas, como na saúde pública, na economia, na política e na justiça. Sua disseminação pode levar a tomada de decisões equivocadas, prejudicando a sociedade como um todo. Além disso, há também, sensibilidades morais acionadas por meio de histórias infundadas que foram enraizando-se em nosso meio social, especificamente quanto a questões normativas de gênero e subestimação feminina, e que no presente, com a explosão informacional na *web*, vem sendo disseminadas em grande escala, debilitando a luta feminista e de equidade de gênero.

Assim, emergem manifestações fundamentadas em desinformações de gênero, as quais consistem em um conjunto de informações estruturadas de forma ilegítima e deturpada que incidem sobre determinados grupos (minorias que se encontram em situação de desvantagem social), com a intenção de acometer e prejudicar pessoas com base em seu gênero, buscando alcançar objetivos políticos, ideológicos, sociais ou econômicos. Outro aspecto a ser considerado está relacionado ao fato de que a desinformação de gênero é atrelada também à violência, respaldada por relações de poder constituídas historicamente, sendo que tais violências, sobretudo contra as mulheres, podem ser classificadas como: violência física, emocional, sexual, psicológica, patrimonial e moral. Para tal, utilizou-se contribuições de Judson (2020), Curzi (2021), Jonusaite *et al* (2022), Butler

¹ “Aspectos decisivos e seletivos (individual e social, de caráter emocional, cultural, prático e gnoseológico, participa da emergência de um valor de informação)”. (GÓMEZ, 1999, p. 3).

(1990, 2000) Lelo e Caminhas (2021), Campos e Almeida (2017), Nicholson (2000), Scott (1995), Silva (2018), Brisola e Bezerra (2018), Wardle e Derakhshan (2017), Stahl (2006), Karlova e Fisher (2013), Silva e Tanus (2019), como referências balizadoras no processo de revisão da literatura.

Na Ciência da Informação (CI), desenvolvida no âmbito brasileiro, tem-se evidenciado o surgimento de um conjunto expressivo de estudos relacionados a grupos que tradicionalmente sofrem violências dos mais diversos tipos ao longo do tempo, despontando recentemente para a criação de um Grupo de Trabalho (GT) da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação - ANCIB sobre Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades. Acenando para futuras ampliações metodológicas e teóricas no campo, bem como tornando-se uma tendência de pesquisa na área. A formação deste GT possibilita inclusive, a institucionalização dessa pauta e sua legitimação no ambiente científico.

Diante disso, além dessa temática ter se mostrado contemporânea no campo da CI, também se defende como uma pauta urgente em esfera nacional, considerando que o país ocupava até 2021 o 93º lugar no ranking da igualdade de gênero de acordo com o *Global Gender Gap Report*² 2021 do Fórum Econômico Mundial (FEM). No que concerne aos dados sobre feminicídio (homicídio de mulheres devido a sua condição de gênero)³ de 2022, conforme o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022), o Brasil apresentou a taxa de 1,4 mil mulheres mortas. Considerado uma das mais altas taxas do mundo⁴, é válido rememorar que nos últimos quatro anos, na gestão do ex-presidente, houve um retrocesso em investimentos⁵ em políticas públicas voltadas ao combate à violência contra as mulheres, prejudicando bastante esta pauta.

² WORLD ECONOMIC FORUM. **Global Gender Gap Report 2021**: insight report. Cologny: World Economic Forum, 2021. Disponível em: https://www3.weforum.org/docs/WEF_GGGR_2021.pdf. Acesso em: 11 maio 2022.

³ "Prevê o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio. [...] Inciso VI - contra a mulher por razões da condição de sexo feminino." (BRASIL, 2015).

⁴ AGÊNCIA BRASIL. **ONU: mais de 81 mil mulheres foram assassinadas em 2021, diz relatório**. 2022. Disponível em: <https://shre.ink/QUT2>. Acesso em: 02 fev. 2023.

⁵ CARTA CAPITAL. **Bolsonaro cortou 90% das verbas de programas de combate à violência contra mulher**. 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-cortou-90-das-verbas-de-programas-de-combate-a-violencia-contra-mulher/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

Levando em conta esse contexto, a perspectiva teórica busca interpretar práticas informacionais na *web* social que fomentam letramento informacional e de gênero como alternativa a esse cenário. Para isso, baseou-se nos seguintes autores: Araújo (2017, 2019), Talja (2005), Savolainen (1995), Marteleto (1994,1995), Ferreira *et al* (2018), Duarte (2017), Pinto e Araújo (2019), Recuero (2013), Brisola e Romeiro (2018), Vitorino e Piantola (2011), Santos (2017). Tewell (2015), Freire (1994), Ferreira (2021), entre outros.

Em suma, as práticas informacionais se constituem por processos e ações de informação que são construídas socialmente e dialogicamente no espaço-tempo de uma determinada comunidade ao mesmo tempo em que constituem e reconstituem a cultura que influencia a realidade deste grupo. Estes estudos avançaram quanto à compreensão da informação não como um processo vivenciado exclusivamente na perspectiva centrada nos desdobramentos cognitivos do uso da informação, mas também por uma concepção informacional que reúna processos de apropriação, imaginação e questionamentos efetivados a partir da construção social.

No que se refere ao letramento informacional, pode ser entendido não só como o processo de busca, seleção das informações, mas também pelo uso, apropriação e criticidade perante elas, para que se possa tomar decisões e resolver problemas, de maneira que fomente conscientização crítica e autonomia para o livre pensar do exercício da cidadania, propulsionando potenciais emancipatórios nos indivíduos. Somando a este aspecto elementos que viabilizem e esclareçam questões generificadas, afloram-se os letramentos de gênero, que podem agir até mesmo como uma prática de leitura política do mundo.

Inegavelmente, as redes virtuais (com seu traço colaborativo, interativo e mutável), agem como palco para manifestações de desinformações, devido ao escasso ou inexistente controle de conteúdos compartilhados, tal qual, em contrapartida, dispõem de espaços que oportunizam diferentes letramentos, suscitando em alternativas para defrontar a desinformação presente nas redes (bem como fora delas).

Em razão de tais constatações, propõe-se a análise das práticas informacionais na rede social Instagram⁶, no perfil selecionado Planeta Ella, buscando apurar postagens⁷ que intencionam letramentos que possam mitigar e rearticular violências exercidas contra as mulheres, especificamente concernentes à desinformação de gênero feminino, e promovendo o uso responsável e ético da informação. Esta pesquisa pretende ampliar o escopo de estudos sobre desinformação na CI, ao considerar um tipo específico desse fenômeno: a desinformação de gênero, em virtude de seu ineditismo no que tange aos estudos no âmbito da CI no Brasil.

1.1 Problema de pesquisa

A partir do tema exposto na introdução, este trabalho tem o seguinte **problema de pesquisa**:

Como se caracterizam as práticas informacionais no perfil do Instagram Planeta Ella, tendo em vista letramentos que auxiliem no combate e na prevenção à desinformação de gênero?

1.2 Justificativa

Este trabalho se justifica e merece evidência, pois traça um panorama, por meio de uma Análise de Conteúdo (AC) fundamentada pela observação assistemática a respeito de práticas informacionais utilizadas no Instagram (no perfil Planeta Ella) de maneira que possam promover alternativas de letramento para o combate à desinformação de gênero feminino. A plataforma Instagram foi escolhida

⁶ Justificativa da escolha da plataforma Instagram a seguir.

⁷ Apesar das distinções em seus significados, onde "postagem" envolve a ação de criar e compartilhar conteúdo em plataformas de mídia social ou *blogs*, e "publicação" que se refere ao ato de disponibilizar algo ao público por meio de impressão ou divulgação *online*, como também "*post*", que em inglês é relativo à "postagem", e "*post no feed*" que diz respeito a uma publicação exibida no *feed* de notícias ou na linha do tempo dos seguidores ou contatos, foi decidido utilizar esses termos como sinônimos neste trabalho devido a suas proximidades, assim como para evitar muitas repetições.

devido ter sido classificada como a terceira rede social mais utilizada no Brasil e a quarta mais utilizada no mundo.⁸ Quanto à definição do perfil Planeta Ella se deu por meio de um processo exploratório preliminar.

A desinformação de gênero feminino não se configura apenas como um tipo de desinformação, mas também como uma grave forma de violência que acomete distintas mulheres em modo privado, mas essencialmente em modo público (e *online*), prejudicando o acesso de mulheres a oportunidades na esfera econômica, política, educacional e cultural. Logo, explorar esse tema auxilia não apenas na interpretação sobre a desinformação e suas nuances, mas também colabora na percepção de mecanismos que possam de alguma maneira reduzir os danos causados por ela.

Dessa forma, com intuito de compreender estes aspectos e melhor interpretar os objetos mencionados, este estudo fundamenta-se por discussões teóricas que aproximam conceitos fundamentais à área da Ciência da Informação, tais como: práticas informacionais, desinformação, pós-verdade, letramento informacional - e suas relações com o letramento de gênero. Outro aspecto a ser destacado remete ao fato de que, em razão de se constituir numa área inter/transdisciplinar⁹, relaciona as conceituações advindas de forma transversal de outras áreas tais como: questões de gênero e violências contra as mulheres.

Mais um aporte considerável, articula-se com a linha de pesquisa Informação e Sociedade¹⁰, uma vez que o objeto proposto sobre desinformação de gênero (abordagem ainda incipiente nos estudos da CI) está vinculado às práticas sociais relativas à apropriação e disseminação da informação, visando direcionar demandas éticas, sociais e culturais de fluxos informacionais em diversos contextos.

Ademais, há ainda a motivação pessoal da autora, que como mulher, inserida nesse cenário de desigualdade e injustiças, tem interesse e ânimo de estudar essa potente temática sobre gênero que circunda em domínio cultural, político e científico

⁸ Segundo o Relatório *We Are Social* de 2023 (KEMP, 2023a, 2023b).

⁹ Tendo como desafio a exploração de uma temática que pertence predominantemente às ciências humanas e sociais.

¹⁰ Linha orientada às discussões das políticas, dos dispositivos e das práticas sociais sobre a apropriação da informação a partir de aspectos éticos, culturais e sociais do fluxo informacional em ambientes, contextos sociais e institucionais diversos. (PPGCIN UFRGS, 2022).

brasileiro. E, para que de alguma forma, este estudo possa contribuir para uma efetiva equidade de gênero em todos os âmbitos da sociedade.

1.3 Objetivos

Encontram-se abaixo elencados o objetivo geral e os objetivos específicos.

1.3.1 Objetivo Geral

Compreender como são promovidas ações de letramento por meio das práticas informacionais do perfil Planeta Ella no Instagram, de modo que possam também mitigar desinformações de gênero.

1.3.2 Objetivos Específicos

- a) Apresentar perspectivas conceituais e contextuais acerca da compreensão sobre práticas informacionais efetivadas na *web* social, assim como desinformação e pós-verdade;
- b) arrolar os conceitos de desinformação de gênero, questões de gênero, violência contra as mulheres, letramento informacional e letramento de gênero;
- c) elencar aspectos e características do Instagram e do perfil Planeta Ella (rede de feminismos);
- d) analisar os conteúdos postados no *feed* através de práticas informacionais do perfil Planeta Ella;
- e) identificar no conteúdo do *feed* no perfil Planeta Ella possibilidades de letramentos de gênero que possam interceder contra a desinformação de gênero.

Para isso, o texto está ordenado no seguinte formato: panorama geral sobre práticas informacionais; conceito de *web* social e a produção, compartilhamento e reuso de práticas informacionais nesse âmbito; desinformação e pós-verdade; concepções sobre gênero, desinformação de gênero e violência contra a mulher; letramentos; metodologia; levantamento bibliográfico; processo exploratório

preliminar; contexto e perspectivas teóricas acerca o Instagram e Planeta Ella e seus feminismos; coleta e análise dos dados; resultados e discussões; e conclusões.

2 ASPECTOS TEÓRICOS: ABORDAGENS E CONCEITOS

Neste espaço de escrita são abordados aspectos contextuais e conceituais relacionados à escolha e argumentação da temática, sendo eles: práticas informacionais, desinformação e suas variantes; pós-verdade, desinformação de gênero e distintos letramentos.

2.1 Práticas informacionais: um panorama desde o surgimento até a produção, compartilhamento e reuso de informações na *web social*

A temática abordada nesta seção é vinculada ao campo dos Estudos de Usuários, que de maneira ampla, se faz para entender o que os indivíduos precisam em matéria de informação, como também, para saber as necessidades de informação, para quais fins os indivíduos usam a informação e quais fatores afetam tal uso, possuindo distintas abordagens com suas origens em pesquisas que datam de 1930. (FIGUEIREDO, 1994; ARAÚJO, 2016).

Referente a suas abordagens, há a tradicional, que nesse contexto inicial foi concebida como a fase de estudos quantitativos, baseada no positivismo, que envolve os estudos de comunidades visando o aperfeiçoamento dos sistemas de informação a partir do uso de diferentes suportes de informação, tendo como referência dados estatísticos em bibliotecas públicas e unidades de informação.

Posteriormente, em meados da década de 1970, contribuições advindas do behaviorismo e posteriormente do cognitivismo, pautaram a abordagem alternativa, que agrega também estudos qualitativos e conforme Galvão e Cunha (2007, p. 173)

[...] focaliza a sua atenção nas causas das reações dos usuários da informação e na resolução do problema informacional, ela tende a aplicar um enfoque mais holístico do que o método quantitativo. Além disso, ela dá mais atenção aos aspectos subjetivos da experiência e do comportamento humano.

Em que, dentre alguns de seus conceitos desenvolvidos, destaca-se o comportamento informacional (*information behavior*) centrado nos indivíduos. E vinculadamente, despontando a partir das críticas à perspectiva alternativa, há a

abordagem social, caracterizada pelos estudos das práticas informacionais, nas quais, seus conceitos serão abordados a seguir.

É importante destacar que as três formas de estudar os usuários da informação não são supressivas, porém, aqui no presente trabalho optou-se por utilizar a abordagem social, materializada nas práticas informacionais, pois demonstram um horizonte de possibilidades sociais e historicamente definidas a serem investigadas sob o viés da informação.

Na década de 1990, com um diferente enfoque das pesquisas até então elaboradas, desenvolveu-se os estudos das práticas informacionais, ou seja, “[...] o estudo do movimento por meio do qual os indivíduos agem no mundo, conformados pela cultura, e ao mesmo tempo constituem essa cultura que os influencia e a realidade em que atuam.” (ARAÚJO, 2017, p. 21).

Estes estudos progrediram quanto ao entendimento da informação não como um processo vivenciado exclusivamente na perspectiva individual cognitiva (cerne do comportamento informacional), mas sim a partir de uma concepção informacional que englobe também processos de apropriação, imaginação e questionamentos concebidos com base na construção social (ARAÚJO, 2017). Talja (2005, p. 123) diz que “a principal característica fundamental dessa abordagem é que ela representa uma linha de pesquisa mais sociológica e contextualmente orientada.”

Em seu princípio, essa abordagem concentrava-se em estudos de usuários na vida cotidiana (SAVOLAINEN, 1995), ao contrário da vertente tradicional e alternativa. Para isso, Savolainen (1995) revisita o conceito de *habitus* de Bourdieu (1984) para enfatizar a procedência das práticas cotidianas, que são culturalmente determinadas e são assimiladas pelos indivíduos através das expectativas e regras sociais. Subsequente, sua constituição transformou-se numa perspectiva que abarcava todas as categorias informacionais da vivência dos indivíduos.

Em conformidade com Silva (2020), todas as práticas humanas podem ser consideradas sociais, originárias das interações entre participantes de um coletivo. Por sua vez, validando e complementando essa concepção, Marteleto (1995) declara que toda prática social pode ser uma prática informacional:

Toda prática social é uma prática informacional – expressão esta que se refere aos mecanismos mediante os quais os significados, símbolos e signos culturais são transmitidos, assimilados ou rejeitados pelas ações e representações dos sujeitos sociais em seus espaços instituídos e concretos de realização (MARTELETO, 1995, p. 4).

Portanto, entende-se que a noção de práticas informacionais tem raízes nas práticas sociais, bem como compreendem ações relacionadas à informação que podem ocorrer em contextos característicos de cada grupo social a partir de signos culturais que são transferidos e compreendidos ou não entre os sujeitos.

Levando isso em conta, Tuominen, Talja e Savolainen (2005, p. 328) sinalizam que sob o olhar construcionista¹¹, se faz mais coerente o conceito de práticas informacionais ao invés do conceito de comportamento informacional, de maneira que os processos da informação são construídos socialmente e dialogicamente. Seguindo este argumento, as práticas informacionais buscam olhar para as “[...] interações do sujeito com o contexto numa perspectiva dialógica, em que tanto o contexto interfere nas práticas do sujeito quanto este altera o próprio contexto em que se insere.” (DUARTE, 2017, p. 70).

Tal como nos estudos de abordagem alternativa são identificadas proposições de modelos de comportamento informacional, na abordagem social, mesmo que de maneira não muito expressiva, surge de modo incipiente, estudos de práticas informacionais nos quais suas categorias e inter-relações são estruturadas por modelos explicativos ou descritivos que assumem uma perspectiva socioconstrucionista, em que são desempenhadas por sujeitos ativos que produzem a informação por meio de interações sociais localizadas em comunidades. (ROCHA; DUARTE; PAULA, 2017). São eles¹²: modelo bidimensional (MCKENZIE, 2003), a versão estendida do modelo de McKenzie (YEOMAN, 2010) e modelo de práticas informacionais de adolescentes criadores de conteúdos digitais (HARLAN, 2012).

Entretanto, Pilerot, Hammarfelt e Moring (2017), fazendo uso de análise qualitativa e análise bibliométrica, traçaram um panorama com diferentes faces de

¹¹ Conforme Duarte (2017) considerando a perspectiva do construcionismo social, o conhecimento só pode ser engendrado de maneira contextual, ou seja, configurado no coletivo. As frequentes interações do ser humano se apresentam através da linguagem, logo, as práticas informacionais decorrem destas interações relativas à linguagem.

¹² Apesar destes modelos contribuírem para os estudos em práticas informacionais, eles não serão detalhados em razão de não ser o foco do presente trabalho.

estudos em práticas informacionais, no qual, apontam a relevância da existência de diversas perspectivas, não sendo necessário construir um único modelo de análise para as práticas informacionais, devido ao fato de que elas são plurais de acordo com cada contexto específico e exigem concepções teórico-metodológicas engendradas e fundamentadas para que não haja imprecisões nos estudos.

Desta maneira, entendendo-as como plurais no espaço-tempo de uma comunidade, e construídas de modo convergente com as práticas sociais, para que haja dialogicidade entre os diversos sujeitos, se faz relevante considerar as perspectivas coletivas e individuais conjuntamente. Então, consistem numa mútua influência incessante e dinâmica entre estas duas dimensões:

É nesse sentido que estudar as práticas informacionais constitui-se num **movimento constante** de capturar as **disposições sociais, coletivas** (os significados socialmente partilhados do que é informação, de quais são as fontes ou recursos adequados) e também as **elaborações e perspectivas individuais** de como se e relacionar com a informação (a aceitação ou não das regras sociais, a negociação das necessidades de informação, o reconhecimento de uma ou outra fonte de informação como legítima, correta, atual), **num permanente tensionamento entre as duas dimensões, percebendo como uma constitui a outra e vice-versa.** (ARAÚJO; DUARTE; DUMONT, 2019, p. 92).

Uma importante contribuição dessa vertente é a compreensão de que não existe uma realidade externa independente dos sujeitos e seus atos, pois são os indivíduos, a partir de seus próprios atos que geram e renovam as regras e normas sociais. (PINTO; ARAÚJO, 2019).

Isto é, conforme estas disposições, entende-se que a manutenção do *status quo* que abriga as práticas informacionais se dá através dos sujeitos e suas ações de informação dentro de uma comunidade ou meio social. Para acrescentar, é necessário evocar Marteleto (1994, p. 133) quando diz que elas fazem parte da construção da cultura, “[...] admitindo-se que existem tantas formas de lidar com o mundo, quantas existem de experiências e de condições de vida.” E como tal característica, Ferreira, *et al* (2018, p. 30) ponderam que

A perspectiva das Práticas Informacionais recusa a ideia de que a informação existe como objeto, independente do sujeito, e que estaria apenas à espera de ser acessada e utilizada. Pelo contrário, conforme esta abordagem é necessário que o sujeito social esteja em ação ao (res)significar o mundo fazendo uso do seu arsenal cultural.

Com suporte nisso, pode-se refletir também em um sujeito do “conhecimento” conforme suas práticas sociais, “[...] entendido como aquele que interage com outros sujeitos na construção da informação” (FREIRE; AQUINO, 2000, p. 76), de tal forma que essas práticas permitem a ampliação do repertório social, cultural, ideológico, político com o objetivo de transformações na coletividade. Este indivíduo do “conhecimento” é encarregado da recepção, transmissão, usabilidade, comunicação, geração, acessibilidade e socialização da informação. Enfim, todo o processo político de cidadania que se pode também relacionar e fazer através do uso e acesso à informação (ARAÚJO, 2001, p. 2).

Consolidando o que foi explanado até agora, Pinto e Araújo (2019, p. 28) mediante seus estudos, consideraram as práticas informacionais como “necessidades, ações de busca, uso, produção e disseminação de informações num tempo e espaço determinados não somente pelas ideias dos sujeitos, mas pela historicidade, a posição de classe e os conflitos existentes.” Em suma, com respaldo nesses pressupostos, constata-se que elas são únicas, definidas social e historicamente pelas interações entre as pessoas (e suas singularidades) e a disposição das classes sociais que além de conflituosas, estão em constante movimento. Logo, sob esse viés, a seguir elas serão abordadas conforme a produção, compartilhamento e reuso de informações nas redes sociais, assim como suas implicações no ambiente virtual e em seus interagentes¹³.

Com o intuito de situar as práticas de produção, compartilhamento e reuso de informação no âmbito das redes sociais virtuais, onde apresentam um crescimento vertiginoso e cada vez maior na *web*, é imprescindível compreender também a disposição do espaço *online* e suas redes. Segundo Kemp (2023b), no relatório *We Are Social*, mais de 5,16 bilhões de pessoas (64,5% da população mundial) usam a internet ao redor do mundo até o momento em 2023.

¹³ Geralmente na Ciência da Informação denomina-se “usuário” para aquele que estabelece algum tipo de contato com a informação. Apesar da predominância desta expressão, como não existe um consenso, outros termos alternativos também aparecem na literatura, como: cliente, interagente, prosumidor (CORRÊA, 2014; SILVA; NUNES; TEIXEIRA, 2020), sujeito da informação, atores da informação, entre outros. Portanto, aqui no presente trabalho, quando e se utilizados, estes termos serão empregados como semelhantes devido a gama de possibilidades que correspondem.

De acordo com Recuero (2013), os sites de redes sociais¹⁴ na Internet viabilizam por meio das tecnologias de informação e comunicação (TICs) contemporâneas, interações e conexões entre os indivíduos. De tal modo que, as redes sociais na Internet retratam um atual “e complexo universo de fenômenos comunicativos, sociais e discursivos” devido a novos, diferentes e dinâmicos elementos que sua vinculação no ciberespaço apresenta. (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015, p. 25).

Além disso, as autoras Ellison e Boyd (2013, p. 158) definem as redes sociais na *web* recorrendo a três características marcantes: quanto aos perfis dos usuários que constituem as redes, a evidente conexão propiciada pelas interações, e os fluxos de conteúdo que se dão por intermédio dos perfis:

Um site de rede social é uma plataforma de comunicação em rede na qual os participantes **1)** possuem perfis de identificação única que consistem em conteúdos produzidos pelo usuário, conteúdos fornecidos por outros usuários, e/ou dados fornecidos pelo sistema; **2)** podem articular publicamente conexões que podem ser vistas e cruzadas por outros; e **3)** podem consumir, produzir e/ou interagir com fluxos de conteúdo gerado pelos usuários fornecidos por suas conexões no site (ELLISON; BOYD, 2013, p. 158, tradução nossa).

Indo ao encontro dessa definição, podemos trazer à superfície o termo *web* social que segundo o Dicionário Cambridge (2022, tradução nossa) diz que “o uso da internet é uma forma de comunicação entre as pessoas com os outros formando relações de variados tipos”. Chamada também de *web 2.0*¹⁵, ela “permite uma relação direta entre os usuários e a Internet. [...] Caracteriza-se pela interação, contribuição, comunicação e socialização desenvolvida através da Internet”. (PAGÁN; ORTIZ, 2017, p. 3, tradução nossa).

A *web* social pode ser considerada como um fenômeno que tem seu cerne pautado na participação do usuário, ampliando seu alcance e passando a ser “locais com intensas trocas de informação, podendo ser considerados, por conseguinte, ricos objetos de estudo para a Ciência da Informação.” (SOUZA, ARAÚJO, 2015,

¹⁴ Recuero, Bastos e Zago (2015, p. 24), ressaltam que o site não é a rede, mas sim o “suporte apropriado de diferentes formas pelos grupos sociais e cujos efeitos são construídos pelo complexo universo de negociação de normas e formas de interação”.

¹⁵ ou *web 3.0*. (PALETTA; MUCHERONI, 2014).

p.1). De tal forma que, aqui no trabalho, mesmo não havendo análise de interação, este termo será empregado devido a sua abrangência e relevância.

No contexto digital, essa dinâmica relacionada à informação adquire novas complexidades, considerando que os processos de produção, busca, acesso, apropriação, uso, compartilhamento e reutilização acontecem de maneira não linear devido às hipermídias. Segundo Gómez (2004), nas "redes sociais eletrônicas", surgem parâmetros textuais diferentes, nos quais o foco não está apenas no nível das palavras escritas. A internet e os novos dispositivos apresentam desafios que podem formular e redefinir "novas superfícies metainformacionais".

A "produção" da informação diz respeito ao processo de criação ou geração de informações ou dados. O "compartilhamento" da informação envolve a ação de tornar as informações disponíveis e acessíveis a outras pessoas. Quanto ao "reuso" da informação refere-se à utilização de informações existentes para fins diferentes daqueles para os quais foram originalmente geradas. Envolve a aplicação de informações disponíveis em novos contextos, análises ou estudos, possibilitando a reutilização dos dados ou conhecimentos previamente produzidos. O reuso da informação contribui para a ampliação do conhecimento, a geração de novas perspectivas e a promoção da pesquisa interdisciplinar.

O conceito de reuso é aplicado intensamente no domínio da pesquisa científica, onde dados e outros materiais são submetidos a outros olhares, analisados em contextos e disciplinas diferentes para os quais originalmente foram gerados, fomentando a pesquisa interdisciplinar e o compartilhamento de informação e conhecimento. (SAYÃO, 2016, p. 53).

Deste modo, a produção, compartilhamento e reuso das informações que se dão pela interação, podem contribuir para sujeitos que sejam protagonistas desse espaço:

Os recursos da *web* social apresentam-se como dispositivos que potencializam o compartilhamento e a produção da informação, favorecendo que os sujeitos sejam mais participativos e colaborativos, a partir da interação, atuando como protagonistas nesse meio. (FERREIRA; SANTOS; AMARAL, 2020, p. 151)

Em seguimento, é possível estabelecer uma conexão entre os fluxos de conteúdo gerados pelos usuários e suas conexões nos sites da *web* social, com a

produção e compartilhamento de informações em determinados contextos e grupos sociais na *web*. Em que, tais fluxos trazem conteúdos que passam pelos critérios dos próprios interagentes da informação, tal qual afirmam Peixoto e Araújo (2022, p. 163).

No contexto digital, as práticas informacionais conferem ao sujeito ações de informação que se traduzem na criação de categorias (interessante/desinteressante, bom/ruim etc.), **determinando a concordância ou reprovação de um conteúdo**. Isso mostra que uma determinada informação pode influenciar em seu comportamento, atitude e modos de pensar, **levando-o a disseminá-los nas mídias sociais**.

Relativo a esses critérios, é viável trazer a concepção de curadoria de conteúdo em redes sociais, que de maneira geral, refere-se ao processo de seleção, organização e apresentação de informações relevantes nas redes sociais, possibilitando aos usuários acesso a informações pertinentes, confiáveis e personalizadas, facilitando a descoberta de conteúdo de qualidade. (GORDON, 2014).

Além do exposto, constata-se que por meio de um desobstruído circuito de informações (em tempo real ou não) viabilizado pela *web* social (e que por vezes se caracteriza pela efemeridade¹⁶), o sujeito acaba operando heterogêneas funções (emissor, mediador, receptor e produtor) em processos também conhecidos como infocomunicacionais¹⁷ potencializando e promovendo a troca de informações e de conhecimentos.

Considerando a diversidade teórica sobre as práticas informacionais, no âmbito da *web*, percebem-se impasses que demandam alterações tecnológicas condicionantes na maneira como os usuários se relacionam com as informações e produtos disponibilizados na rede. Tais variações podem até mesmo ocasionar em

¹⁶ Conforme Gobbi, Betti e Assis (2017, p. 357-358) o desenvolvimento tecnológico influenciou “e por vezes determinou as relações que se estabelecem entre a efemeridade e a permanência na produção midiática”, considerando que tal processo é parte da cultura social. “Em um contexto de ampliação da capacidade de armazenamento e de efervescência de conteúdos, o esquecimento pode até ser entendido enquanto uma estratégia.”

¹⁷ Infocomunicacional é relativo à junção entre as práticas informacionais e comunicacionais, que podem agir de maneira paralela. Este termo e seu conceito estreiam na literatura precedido de e (eletrônico) e hífen no livro: PASSARELLI, B.; SILVA, A. M. da; RAMOS, F. (Orgs.). **E-infocomunicação: estratégias e aplicações**. São Paulo: Senac/Escola do Futuro USP, 2014.

adversidades sociais abordadas em diferentes contextos, consolidando-se em possíveis práticas e comportamentos informacionais a serem estudados.

Essas práticas revelam variantes em relação a públicos específicos, e apontam o quanto a rede pode se constituir num foco de investigação para distintas áreas do conhecimento, caracterizando-se também em um ambiente de manifestação de poder em que reafirma as relações de desigualdades estabelecidas pela lógica do capitalismo (SOUSA *et al.*, 2019).

Portanto, optou-se por executar o presente estudo através de práticas informacionais no Instagram, pois elas se constituem em ações de informação fundamentadas na produção, compartilhamento e reuso de conteúdos,¹⁸ influenciados pelas interações sociais presentes na *web*. Além do que, ainda segundo o Relatório *We Are Sociale* (KEMP, 2023a), no Brasil, o Instagram é a terceira rede social mais utilizada, com 113,5 milhões de usuários, ficando atrás apenas do Whatsapp (atividade principal: troca de mensagens) com 118 milhões e do Youtube (atividade principal: vídeos) com 142 milhões.

Com efeito, percebendo ações de informação executadas com eixos plurais¹⁹ e com diferentes intencionalidades, é possível observar estratégias de comunicação características da plataforma Instagram que se referem à adoção de “[...] uma linguagem informal, com textos, imagens e vídeos, visando uma fácil viralização, tendo por base uma ideia de comunicação humanizada.” (CARVALHO *et al.*, 2020, p. 3) e manuseadas “como uma maneira de estabelecer uma relação mais próxima com o público nos ambientes *on-line*” (COSTA, 2014).

Junto a ações humanizadas²⁰ que possuem o intuito de sensibilizar e engajar os usuários (VALERIM, 2022), o perfil no Instagram selecionado para a futura análise, traz uma diversidade de práticas informacionais com tendência a letramentos (informacional/gênero/ideológico/feminismo/multimodal) que buscam

¹⁸ Mediante a produção, compartilhamento e reuso de *posts* em *feed* (com fotos, imagens, textos e vídeos), *reels*, *stories*, comentários, curtidas e mensagens privadas, em que ensejam a interação e conexão entre os usuários.

¹⁹ Distintas estruturas e disposições informacionais.

²⁰ Considerando que, de acordo com Carvalho *et al* (2020, p. 18) “[...] adotar as estratégias de humanização nas mídias sociais digitais pode ser um caminho estratégico para aumentar o alcance do conteúdo extremamente relevante que é a checagem de fatos na era de desinformação, assim como criar relacionamento, criar credibilidade e se tornar referência.”

rearticular as relações de poder referentes ao gênero feminino²¹ (atinente à temática). Nesse sentido, eles passam a se constituir como manifestações que oportunizam a afluência entre diferentes atores sociais, possibilitando, com o auxílio de um conteúdo que rompe barreiras morais e estereótipos de gênero, maneiras de se combater e evitar as desinformações de gênero percebidas através das violências contra as mulheres.

Em função disso, para também entendermos o âmbito da desinformação que se faz constantemente presente no cotidiano da *web*, bem como no cotidiano de seus prosumidores²², impactando seriamente na vida social, política e ideológica dos sujeitos, na próxima seção as questões sobre desinformação, pós-verdade e desinformação de gênero serão exploradas.

2.2 Desinformação no cenário da pós-verdade

O paradigma social da CI, referente à natureza social e coletiva do uso da informação (CAPURRO, 2003), considera as implicações da produção, circulação, compartilhamento, uso e troca de informações, interpretando a informação como um fenômeno condicionado pelo contexto, historicidade e intervenções de cunho tecnológico, político e social. Em razão de que essa concepção é aqui adotada, nesta seção os conceitos são apresentados de maneira fundamentada no paradigma social, pois compreende-se aqui ser esse o viés paradigmático mais pertinente para o entendimento dos fenômenos de desinformação na atualidade.

Em vista disso, busca-se atentar para a importância e os desdobramentos investigativos que o termo desinformação passou a assumir na sociedade e em especial no âmbito da Ciência da Informação, o qual engendra práticas sociais coletivas balizadas, concomitantemente, tanto em informações verídicas quanto falsas. Dessa forma, informar não deve dicotomizar diante do ato de desinformar.

²¹ Perspectivas acerca a questões de gênero, assim como a nomenclatura “feminino”, serão abordadas na seção seguinte.

²² Ou seja, “ao mesmo tempo produtores e consumidores de conteúdo” (SILVA; NUNES; TEIXEIRA, 2020, p. 199).

A desinformação se afigura como uma alarmante ocorrência mundial, que dentre suas múltiplas feições, gera impactos (negativos) diretos ou indiretos em diferentes esferas e atores. Lelo e Caminhas (2021) resgatam a possibilidade de que a desinformação seria o mal do século, capaz de danificar as formas de aquisição do conhecimento humano. Cabañes (2020) destaca a sua possibilidade de gerar pânico morais e como sintetizam Andersen e Sør (2020), McKay e Tenove (2020), ela pode inclusive ameaçar as democracias. Suas consequências podem alcançar até mesmo as competências cognitivas dos indivíduos (BROWN, 2019, p. 6) e produzir vícios intelectuais (MEYER, 2019) que influenciam também em temáticas sobre a moralidade e a ética que transcorrem por nossa sociedade.

O universo das informações falsas remonta à antiguidade, há narrativas de que imperadores romanos as usavam para demonizar estrangeiros com o propósito de conseguir apoio da população nativa (MATTA, 2019). Elas também aparecem no Nazismo quando o governo de Adolf Hitler disseminou falsas ideias em notícias mentirosas para conquistar o apoio popular. Desse modo, percebe-se que esta prática existe há muito tempo (PETTEGREE, 2014) e como enuncia Rais (2017, n.p) “não é uma novidade na sociedade, mas a escala em que pode ser produzida e difundida é que a eleva em nova categoria, poluindo e colocando em xeque todas as demais notícias” - e informações.

A limítrofe das informações falsas, geralmente produto de ações instantâneas, acaba por se esvaír tendo por referência a mesma velocidade com que são produzidas. Essa efemeridade e volatilidade referem-se a um movimento de disseminação de elementos da informação aplicados a uma estrutura política que se estabelece em um imaginário junto a uma crise dos fundamentos da verdade (quesito explanado a seguir).

Materializada geralmente no âmbito digital, esse tipo de ação, acaba tornando-se manifestação da violação de direitos básicos e substanciais, resultando em interferências com inclinações políticas, econômicas e ideológicas, comprometendo o caráter libertário característico da livre e indiscriminada socialização de informações baseadas na verdade. Trata-se de um perigoso artifício

que compromete o viés progressista de desenvolvimento social e, como mencionado, das democracias. (SAMPAIO; LIMA; OLIVEIRA, 2018).

Nesse contexto, a informação em cunho instantâneo e interativo, faz com que os indivíduos encontrem-se submersos em espaços 'sócio tecnológicos' que expressam múltiplas linguagens com rápida disseminação de desinformações, seguindo uma lógica de produção e falta de validação de informações. Para Sousa *et al* (2021, p. 177):

Ao depararmos-nos com a danificação e ruptura das formas de produção simbólica de informações, buscamos compreender que o uso indiscriminado de (des)informação com o propósito de manipular e distorcer a opinião pública, torna-se estratégia preponderante. Como consequência, entram em risco a democracia, as mais honestas práticas informacionais e amplia-se o abismo informacional.

Assim, o paradigma social permite elucidar fenômenos que caracterizam-se também pela convergência dos novos instrumentos tecnológicos, a partir da explosão informacional e das mídias sociais. Dessa maneira, não se tem apenas o lado positivo (como o de aprendizagem facilitada, por exemplo), mas também o negativo, que provoca ruídos e prejuízos sociais de toda ordem, sendo nesse âmbito que se destaca a pós-verdade.

Este termo foi eleito em 2016 pelo Dicionário Oxford como a palavra-chave do ano, descrito como “relativo a circunstâncias nas quais as pessoas respondem mais a sentimentos e crenças do que a fatos”. (OXFORD, 2022, tradução nossa). Quanto à construção e derivação do termo, percebe-se que o prefixo em pós-verdade não se refere ao tempo após um acontecimento ou episódio específico, mas sim a um tempo em que o conceito da verdade tornou-se sem importância ou irrelevante. (DODEBEI, 2021).

Paralelo à definição de Oxford, o Glossário de Conceitos Infocomunicacionais (INFOCOM, 2020, p. 16) aponta pós-verdade como “circunstância em que se dá maior valor à opinião pública, às emoções, à crença pessoal do que para a verdade e para os fatos. Terreno fértil para a proliferação de desinformação”. Isto é, além de distorcer a noção da verdade, se faz também como um meio propício a exteriorização de questões sem correspondência com a realidade. Com tal característica:

A pós-verdade reside precisamente em descaracterizar a relação entre o verdadeiro e o falso e desfigurar uma relação entre o não-senso de sentido (elementos de intervenção/ interferência subjetiva e recepção) e o não-senso de significado (representação mental significa) que se firmam na relação de exclusão entre o que seria verdadeiro ou falso, conforme as evidências ideológicas e convicções psíquicas. (SILVA, 2018, p. 4).

Sendo assim, é possível assimilar que trata-se de uma conjuntura, de um contexto, em que o elo entre o verdadeiro e o falso é descaracterizado, onde a falta da verdade é vista como natural. Araújo (2021, p. 16) sintetiza pós-verdade: “designa, pois, uma condição, um contexto, no qual atitudes de desinteresse e mesmo desprezo pela verdade se naturalizam, se disseminam, se tornam cotidianos, normais, e até mesmo estimulados”.

Portanto, para melhor interpretar a desinformação ambientada na pós-verdade, por intermédio de circunstâncias pessoais que implicam no coletivo (o indivíduo passa a ser parte do todo, o ser como pensamento do outro ou alteridade), se faz necessário trazer um conceito bastante completo:

Desinformação envolve informação descontextualizada, fragmentada, manipulada, retirada de sua historicidade, tendenciosa, que apaga a realidade, distorce, subtrai, rotula ou confunde. A desinformação neste sentido não é necessariamente falsa; muitas vezes, trata-se de distorções ou partes da verdade. (BRISOLA; BEZERRA, 2018, p. 3319).

Devido a sua abrangência, Wardle e Derakhshan (2017, p. 17) a categorizam em sete tipos: sátira ou paródia (sem intenção de causar danos, com potencial para enganar), conteúdo enganoso (uso enganoso de informações para moldar um problema ou indivíduo), conteúdo impostor (fontes genuínas que são imitadas), conteúdo fabricado (100% falso, projetado para enganar e prejudicar), conexão falsa (quando manchetes, recursos visuais ou legendas não confirmam o conteúdo), contexto falso (conteúdo genuíno é compartilhado em contexto falso) e conteúdo manipulado (imagens/informações genuínas manipuladas para enganar).

Mas para além dessas categorias, a desinformação pode ser entendida de maneira geral, como uma ação de informação, intencional ou não, materializada em múltiplos recursos e que de alguma forma foi adulterada em seu processo de veracidade. O conceito de desinformação é anunciado por Pinheiro e Brito (2014, p.4) como:

O conceito desinformação traz subjacente uma amplitude de significados e de utilização diversas. Como percebemos, é empregado para definir a ausência de informação e o ruído informacional, ao mesmo tempo em que faz às vezes de dar sentido à informação manipulada para as amplas massas com o papel de manter sua alienação.

Nessa compreensão, a perda de credibilidade pode se dar pela ausência da informação, e às vezes também se caracteriza como informação manipulada. Em inglês, usualmente há dois termos empregados para corresponder à desinformação, sendo eles: *misinformation* e *disinformation*. Ambos significam informações falsas, entretanto, *misinformation* pode ser entendida como falsidade contingente ou ocasional e *disinformation* pode ser assimilada como a falsidade intencional (STAHL, 2006; VIGNOLI; RABELLO; ALMEIDA, 2021).

Karlova e Fisher (2013) entendem *misinforming* e *disinforming* como maneiras de comportamento informacional, e para tal necessitam ser investigadas no contexto do letramento informacional. As autoras compreendem também *misinformation* como informação imprecisa e *disinformation* como informação enganosa, sendo as duas apontadas como subcategorias de informação e podendo conter algum tipo de informatividade²³, mesmo que de maneira involuntária.

Somando a diferenciação da conceituação de desinformação pelos prefixos (*mis*) e (*dis*), Wardle e Derakhshan (2017) ao discutirem (em relatório publicado pelo Conselho Europeu) aspectos de desordem informacional, também apresentam a ideia de *malinformation* (má informação) com o prefixo (*mal*) se referindo à informação baseada na realidade, porém usada para infligir dano a uma pessoa, organização ou país.

Outro aspecto que prejudica a desordem informativa atual e requer ser explorado, como anteriormente mencionado, é o ambiente *online* da *web* social, pois ele se constitui como um dos principais espaços de consumo e interação de informações, tornando-se solo fértil para o crescimento da desinformação, visto que as notícias falsas se difundem mais rapidamente neste meio, perante a um contágio praticamente viral (TÖRNBERG, 2018).

²³ Buckland (1991) escreveu que "informativo" pode ser situacional. Nesse sentido, a informatividade depende do significado do objeto informativo, podendo também depender do conhecimento do receptor. Lara (2008) aponta o conceito de informatividade ao fato de que a percepção de um texto pode depender do conhecimento de outros textos.

Muitas vezes, os conteúdos das redes são comentados, curtidos e compartilhados sem uma devida leitura e apropriação da informação, o que acaba prejudicando na assimilação dos fatos. (ZAGO, SILVA, 2014). Ocorre também que a intensa competição entre os produtores de conteúdo para atrair a atenção dos usuários das redes acaba aportando materiais com chamadas apelativas e distorcidas “caça-cliques” e que por vezes podem não apresentar coerência. (VIEIRA; CHRISTOFOLETTI, 2015).

Essa poluição informacional é capaz de causar ruídos que podem provocar danos para indivíduos e para a sociedade em escala internacional. Corroborando essa perspectiva, Silva e Tanus (2019, p. 62) assinalam que este “fenômeno interfere no processo de comunicação e causa grandes transtornos na capacidade de lucidez e de discernimento entre os pontos decisórios e informacionais na sociedade contemporânea.”

A presente seção está assentada na perspectiva de compreender processos e aspectos de desinformação e seus delineamentos em conformidade ao paradigma social da Ciência da Informação, para tanto, a subseção a seguir tem como anseio conhecer e aprofundar-se quanto ao conceito de desinformação de gênero manifestada como uma forma de violência, especificamente contra as mulheres, de acordo a temática do estudo.

2.2.1 Desinformação de gênero: do qualificador à violência

Merece destaque um tipo específico de desinformação, a desinformação sobre o qualificador gênero, onde se faz indispensável considerar a problematização do gênero como uma forma primária de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1995), e a estrutura moral no qual se situam certas normatividades que conduzem o gênero e a sexualidade, em que, a partir de convenções socioculturais, determinam normas e princípios morais que são constantemente disputados e reiterados, interferindo na constituição das identidades e expressões de indivíduos sexualizados e generificados. (BUTLER, 1990; LELO; CAMINHAS, 2021).

Então, antes de pautar os desdobramentos quanto à desinformação de gênero, é relevante aproximar-se mesmo que brevemente às questões de gênero que se fazem vigentes e constantes em nossa sociedade, assim como no objeto deste estudo. O conceito de gênero possui distintas vertentes, não operando de maneira definitiva e consensual entre pesquisadores e pesquisadoras da área. Portanto, considerando a diversidade e a dinamicidade de suas perspectivas (SCOTT, 1995), aqui não há o objetivo de defini-lo ou traçar limiares.

Embora gênero por vezes ainda seja usado como sinônimo de sexo, nas ciências sociais, o termo corresponde às diferenças construídas socialmente, desconsiderando qualquer fator biológico. Em seu princípio, os estudos de gênero surgiram no cerne dos movimentos feministas que passaram a compreendê-lo a partir de possibilidades articuladoras da relação social entre os sexos. As facetas sobre gênero transpassam diferentes aspectos históricos e culturais, que acabam também por influir nas percepções psíquicas e de vida atribuídas pela sociedade às pessoas, assim como o exercício e relações de poder (BUFREM; NASCIMENTO, 2012) - comumente hierarquizadas e que favorecem as desigualdades e injustiças de gênero.

Para dar um exemplo básico a estes dois últimos (e isolado em relação a tantas outras privações que o gênero feminino tem enfrentando até hoje), aqui no Brasil o direito ao voto pelas mulheres foi concedido apenas em 1932 (tempo não muito distante no que se refere aos direitos civis) pelo Decreto 21.076, que criou a Justiça Eleitoral, Art. 2º e Art. 5º. (BRASIL, 1932).

Já no que diz respeito às relações de gênero entre as mulheres, é plausível entender que existem diferentes camadas e contextos que implicam distintas abordagens. Hoppen (2021, p. 59) sintetiza

[...] as relações de gênero não se dão de forma “universal” para todas as mulheres, pois embora possam ter tal denominação comum, são em realidade diferentes entre si. Os marcadores de cor, raça, etnia (para dar o exemplo mais óbvio), somam às relações de gênero muitas especificidades e camadas.

Considerando esses marcadores e sem reduzir suas multiplicidades, a palavra “feminino”²⁴ será utilizada aqui como categoria de análise relacionada a mulheres²⁵ com efeito de diferenciação de outros (plurais) gêneros, descartando a possibilidade de estereótipos tradicionais de fragilidade, passividade, delicadeza ou algum outro feminino relacionado a questões “sagradas” e religiosas que muitas pessoas têm em mente como representação. A palavra “feminino” será empregada inclusive com o intuito de avançar e contribuir para as discussões referentes ao seu uso, em oposição ao apagamento velado do termo que a cultura hegemônica patriarcal²⁶ se dispõe à sombra de preconceitos e estigmas que o permeiam.

Existem diversas representações, possibilidades e **desigualdades** de femininos (principalmente na cultura ocidental onde estamos situados). Joan Scott (1995, p. 82) acrescenta: “[...] as ideias conscientes sobre o masculino ou o feminino não são fixas, uma vez que elas variam de acordo com as utilizações contextuais.” E, pensar que um homem não pode ter características femininas e vice-versa com as mulheres, é um pensamento limitante que segue uma lógica binária (como bem e mal) e redutora das coisas:

Esta visão binária do mundo e das relações de gênero identifica o masculino e o feminino como termos opostos, ainda que complementares: eles podem conviver um com o outro, mas nunca um no outro. Os atributos considerados femininos são positivos se encontrados em mulheres, mas desqualificam os homens que os possuem, o mesmo se dando com a masculinidade em relação às mulheres. (TORRÃO FILHO, 2005, p. 143).

Neste pressuposto, o autor exemplifica uma imposta dicotomia que devido à plurais noções quanto ao gênero que possam existir, não se efetiva na realidade, do mesmo modo que se visto como regra social, pode reforçar estereótipos culturais de experiências masculinas e femininas, lembrando Nicholson (2000) quando fala em dualismo de gênero:

²⁴ Empregada para especificar as desinformações sobre o gênero feminino, diferentemente da expressão em inglês que não especifica e usa “*gender*” também como sinônimo de feminino/mulher.

²⁵ Pensando o conceito de mulher “cujo sentido não é encontrado através da elucidação de uma característica específica, mas através da elaboração de uma complexa rede de características.” (NICHOLSON, 2000, p. 35). Incluindo variadas identidades e expressões que mulheres podem se reconhecer, como: cisgênero, transgênero, gênero fluído ou ainda conforme Butler (2000) performatividades de gênero.

²⁶ Como se percebe no contexto brasileiro.

[...] o pensamento binário não é completamente estático nem permite uma perfeita articulação entre experiências masculinas e femininas e corpos masculinos e femininos [...] O marco binário também não consegue captar o nível de desvio das normas do gênero que existe em muitas de nós, reforçando tanto estereótipos culturais em relação ao significado das experiências masculinas e femininas bem como atuando politicamente na supressão de maneiras de ser que desafiam os dualismos do gênero. (NICHOLSON, 2000, p. 9).

Outro viés pertinente que também pode-se versar é a respeito de performatividade de gênero formulado por Judith Butler (2000) quando diz que as diferenças entre os gêneros são marcadas também por formas discursivas (considerando a categoria sexo como ideal regulatória cuja materialização é imposta), e que para tal são performatizadas perante reiterações forçadas de uma ou várias normas para afirmar um gênero, um sexo - uma sexualidade.

[...] Mas como, então, a noção de performatividade de gênero se relaciona com essa concepção de materialização? No primeiro caso, a performatividade deve ser compreendida não como um "ato" singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia. O que, eu espero, se tornará claro no que vem a seguir é que as normas regulatórias do "sexo" trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual [...] (BUTLER, 2000, p. 152).

Complementares concepções (pós-estruturalistas) quanto ao gênero que buscam sistemas de significação que transpassam os muros do sujeito individual (associando ao paradigma social da CI), como os trabalhos da Professora Guacira Lopes Louro (1995) sobre problematização das normatividades da sexualidade; as tecnologias de gênero (LAURETIS, 1994) e estudos *queer* (LOURO, 2004; BENTO, 2015), alinhando aos estudos das representações sociais (MOSCOVICI, 2003) e cultura e representação (HALL, 2013), aparentam ser uma das possíveis orientações para as pesquisas sobre gênero.²⁷

E para além dessas mencionadas²⁸ (que de certa forma seguem um contexto histórico hegemônico, alguns datando originalmente da década de 1980), as questões de gênero podem e devem ser entendidas também por estudos atuais e decoloniais que conversem com o sujeito latino, brasileiro, periférico (PEREIRA,

²⁷ Conforme a bibliografia estudada nas disciplinas ao longo do Mestrado.

²⁸ Aprofundadas ou não.

2012, 2015) com o intento de transcender a cultura colonialista, não para recusar ou “vencer” o colonialismo, mas para aproveitar seus componentes e transformá-los, oportunizando que as periferias tenham suas vozes ouvidas. “Em termos breves, busca “decolonizar” o pensamento”. (HOPPEN, 2021, p. 34).

No tocante ao mote da desinformação de gênero, pode-se dizer que ela não abrange só as atividades desinformativas quanto ao gênero feminino, mas também aos demais gêneros²⁹, atacando majoritariamente minorias sociais (pessoas que se encontram em situação de desvantagem social) por interferência de normatividades que regem questões morais. Consoante as disputas de poder na sociedade, a desinformação de gênero (sem especificidade de gênero) pode ser definida conforme o Relatório *Engendered Hate*:

Como tal, usamos "desinformação de gênero" como um termo guarda-chuva e apresentamos a seguinte definição: desinformação de gênero refere-se a **ações de informação (produção, compartilhamento e disseminação de conteúdos) que ataca ou prejudica as pessoas com base em seu gênero**; armam narrativas fraudulentas fundadas geralmente em estereótipos de gênero para **promover objetivos políticos, sociais ou econômicos**. (JUDSON; *et al*, 2020, p.12, tradução nossa).

Permitindo inferir que a desinformação de gênero está categoricamente articulada a violências que incidam sobre grupos sociais específicos. Na esfera *online*, a desinformação de gênero existe no entrecruzamento da desinformação com a violência *online*, revelando abusos e assédios, buscando impactar geralmente em nível político/público, embora também possa causar sérios danos em nível pessoal/privado.

Ela consiste na conjunção de informações que carregam boatos e estereótipos com narrativas falsas, enganosas ou odiosas, muitas vezes em linguagem abusiva, apelando a juízos de valores que remetem às questões de gênero. (CURZI, 2021). Ademais no relatório elaborado pela IGF³⁰ (2021, p. 12 tradução nossa) consta que a desinformação de gênero “[...] significa qualquer informação falsa e manipulada que se destine a causar danos a mulheres ou pessoas de diversos gêneros e sexualidades”.

²⁹ Porém, aqui no presente estudo, a desinformação de gênero será atribuída referente às mulheres.

³⁰ *Internet Governance Forum* (Fórum de Governança na Internet).

Jonusaite *et al* (2022, p. 3) expandem essa compreensão, quando declaram que a desinformação baseada em gênero³¹ (que vai além de uma concepção binária de gênero), concentra-se na “interseção entre desinformação e gênero” onde mulheres, “*gender non-conforming people*” e grupos marginalizados como a comunidade LGBTQIAPN+³², são assediados por conteúdos imprecisos ou enganosos sobre eles. Os meios de disseminar a desinformação de gênero são diversos e podem incluir comentários misóginos que reforçam estereótipos, sexualização e até difusão de conteúdo explícito, assédio online, ameaças e ataques cibernéticos.

Quanto ao gênero feminino, a desinformação está articulada a uma historicidade estruturada em um sistema social patriarcal habitualmente influenciado por premissas misóginas. E, como uma das profusas consequências disso, desponta um tipo de violência contra as mulheres, a desinformação de gênero. Nessa categoria, percebem-se sensibilidades morais acionadas por meio de informações infundadas que foram enraizando-se em nosso meio social, com estereótipos de gênero e subestimação feminina, e que atualmente, com a explosão informacional na *web* e a vigente onda conservadora mundial, vem sendo disseminadas em grande escala, prejudicando a luta feminista e de equidade de gênero.

Trazendo as mulheres em seu conceito, mas sem especificar o gênero no termo, a organização ‘*She Persisted*’ (2021) aponta também para a misoginia exercida nesse tipo de desinformação, acometendo geralmente figuras públicas femininas:

Desinformação de gênero é a disseminação de informações enganosas ou imprecisas contra mulheres líderes na política, jornalistas e figuras públicas femininas, seguindo linhas de história que se baseiam **na misoginia**, bem como estereótipos de gênero em torno do papel da mulher para minar suas percepções de sua participação em vida pública. (CURZI, 2021, p.147 tradução nossa).

Repercutindo então de forma grave e prejudicial ao direito de cidadania das mulheres globalmente, deslegitimando a presença das mulheres na esfera política,

³¹ Ou GBD do inglês *gender-based disinformation*, também chamada de desinformação de gênero.

³² LGBTQIAPN+ é uma sigla que abrange pessoas Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais.

enfraquecendo a democracia e os direitos humanos (IGF, 2021). Isto posto, entende-se que a desinformação de gênero feminino se configura também como uma grave forma de **violência contra a mulher** fundamentada na produção e disseminação de conteúdos informacionais deturpados e manipulados com o propósito de prejudicá-las.

A violência contra a mulher se transpõe como um lado perverso das relações de poder que se dão pelo gênero. Segundo a Política Nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres (BRASIL, 2011), documento estabelecido durante a gestão da Presidenta Dilma Rousseff, este tipo de violência é uma manifestação que atinge todos os âmbitos de atuação das mulheres, e conforme Campos e Almeida (2017, p. 353).

Carrega a marca distintiva da categoria social de gênero e assume formas diferenciadas, constituindo-se como toda ação ou conduta que cause não apenas o sofrimento ou dano físico à mulher, mas também psicológico, moral, patrimonial, sexual e inclusive danos causados por crime doloso, atos que se constituem como violações de direitos.

Essas violações se fazem vigentes no cotidiano de distintas mulheres, independente de raça, orientação sexual, origem, idade, classe social, escolaridade e estado civil (com o agravante de que algumas são mais afetadas que outras, sendo frequentemente mulheres negras e trans). Tendo em vista que a violência toma diferentes feições, alguns componentes começam a surgir como esforços explicativos para a dificuldade que seus tipos sejam percebidos para além da violência física. (CAMPOS; ALMEIDA, 2017). Isso acontece devido à construção social de valores e comportamentos patriarcais que naturalizam as violências de gênero, e que mesmo de maneira constante, é marcada pela banalização, invisibilidade e aceitação cultural (SCHRAIBER *et al.*, 2009).

No que tange a violência de gênero, é importante salientar que historicamente ela se concentra sobre os corpos femininos devido às relações assimétricas de poder:

[...] escolher o uso da modalidade **violência de gênero**, entende-se que as ações violentas são produzidas em contextos e espaços relacionais e, portanto, interpessoais, que têm cenários sociais e históricos não uniformes. A **centralidade** das ações violentas **incide sobre a mulher**, quer sejam estas violências físicas, sexuais, psicológicas, patrimoniais ou morais,

tanto no âmbito privado-familiar como nos espaços de trabalho **e públicos**. Não se trata de adotar uma perspectiva ou um olhar vitimizador em relação à mulher, o que já recebeu críticas importantes, mas destacar que a expressiva **concentração deste tipo de violência ocorre historicamente sobre os corpos femininos** e que as relações violentas existem porque as relações assimétricas de poder permeiam a vida rotineira das pessoas. (BANDEIRA, 2014, p. 451)

O reconhecimento da legitimidade e da gravidade da questão se consolidou a partir da militância e estudos feministas juntamente dos movimentos sociais, além é claro de denúncias e relatos expostos por mulheres vítimas deste tipo de violência.

Segundo o relatório Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil³³, de 2023, elaborado pelo Instituto de Pesquisa Datafolha e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, estamos vivendo uma epidemia de violência, em que, ao longo de suas vidas, 33,4% (21,5 milhões) das mulheres brasileiras com 16 anos ou mais sofreram violência física e/ou sexual por parte de parceiro íntimo ou ex-companheiro. Número maior do que a média global, de 27% de mulheres.

Mais alguns dados do relatório acerca ao último ano de 2022: 28,9% (18,6 milhões) de mulheres (65,6% negras, 29,0% brancas, 2,3% amarelas, 3,0% indígenas e 57,4% tinham filhos) sofreram algum tipo de violência ou agressão³⁴, sendo 23,1% (14,9 milhões) ofensas verbais, 13,5% (8,7 milhões) perseguição, 11,6% (7,6 milhões)³⁵ chutes e socos, 5,4% (3,5 milhões) espancamento ou tentativa de estrangulamento, 5,1% (3,3 milhões) ameaça com faca ou arma de fogo. (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2023).

Quanto ao assédio, 46,7% (30 milhões) das brasileiras afirmam ter sofrido alguma forma de assédio em 2022. Os assédios mais frequentes são: 41% (26,3 milhões) cantadas e comentários desrespeitosos na rua, 18,6% (11,9 milhões) cantadas e comentários desrespeitosos no ambiente de trabalho, 12,8% (8,2 milhões) assédio físico no transporte público, e 11,2% (7,2 milhões) abordagem de maneira agressiva em uma festa/evento. (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2023).

³³ FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**. 4. ed. [s. l.]: Datafolha, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-infografico.pdf>. Acesso em 01 de Abril de 2023.

³⁴ 50.962 sofreram violência diariamente em 2022.

³⁵ 14 mulheres agredidas por minuto.

Em vista disso, com o propósito de rearticular e problematizar as manifestações desinformativas (foco do estudo) contra as mulheres, também tidas como uma forma de **violência**, a próxima subseção irá explorar aspectos a respeito de distintos letramentos que possibilitem apropriação da informação e senso crítico nos indivíduos.

2.2.2 Do letramento informacional ao de gênero: aspectos complementares

Uma das soluções viáveis para o cenário apresentado na seção anterior pode manifestar-se pelo uso ético da informação e por diversos letramentos (como o informacional, ideológico, social, de gênero, multimodal, entre outros), dado que a ética concede a diferenciação da verdade e da mentira, afora disposições sobre o que pode ser certo ou não quanto à elaboração, uso e divulgação das informações.

No âmbito do letramento informacional (ou competência crítica em informação, como empregam os autores Brisola e Romeiro), busca-se promover a criticidade nos sujeitos, proporcionando a diferenciação entre o que é informação relevante ou não, selecionando fontes seguras de informação, bem como estimulando o indivíduo a hierarquizar as informações, utilizá-las, produzir novas informações, ser criativo, contextualizar, entre outros aspectos (BRISOLA; ROMEIRO, 2018).

A expressão letramento informacional provém do termo em inglês *information literacy*³⁶ e equivale ao processo de letramento do indivíduo para compreensão de todo o sistema informacional, fundamentando-se na produção de comportamentos, técnicas e atitudes nos usuários de informação que os auxiliem a buscar, recuperar, avaliar, organizar, comunicar e utilizar as informações perante uma conduta crítica e

³⁶ Quanto à tradução do termo para o português, ainda não é unânime entre as pesquisadoras e pesquisadores da área. Ela pode ser encontrada na literatura como: alfabetização informacional, competência em informação, competência informacional, competência crítica em informação, competência infocomunicacional, letramento em informação, letramento informacional, letramento crítico em informação e por aí vai. Aqui no trabalho o termo escolhido será o de letramento devido questões práticas quanto a sua tradução literal do inglês, idioma que surgiu a expressão (o termo e o conceito foram introduzidos pela primeira vez no país pela Professora Sônia Caregnato em 2000), porém, é importante frisar que essa decisão não descarta a contribuição e aplicação dos significados de todos esses outros termos.

ética, para resolver um problema ou necessidade, tal qual para gerar novos conhecimentos (SANTOS, 2017).

Especificamente quanto ao uso da expressão *critical information literacy*, Tewel (2015) traz a perspectiva de uma apreciação crítica nos preceitos da *information literacy*, assim como o incentivo à luta contra as configurações de poder que afirmam a produção e a disseminação hegemônica da informação. Nesse prisma, para alterar e entender essas estruturas que distorcem a verdade é necessário que os sujeitos tenham um letramento informacional baseado no pensamento crítico, na consciência crítica e no pensamento reflexivo.

O letramento ideológico como chamou Street (1984) tem um viés social e uma perspectiva crítica, apontando para o fato de que as práticas de letramento dependem da sociedade e suas ideologias em questão. É identificado ainda segundo o autor como um conjunto de práticas sociais que transitam entre investigações sobre a natureza da cultura, do poder, das relações sociais e das ideologias de comunicação da contemporaneidade.

Este recurso (de letramento) pode possibilitar uma construção do conhecimento com autonomia criativa e instrutiva para que os sujeitos intercedam na sociedade e exerçam a cidadania de maneira ampla. Vitorino e Piantola (2011, p. 101) salientam a importância social da informação como:

“[...] elemento constituinte da cultura de um grupo, é, em sua essência, condição de permanência e instrumento de mudança [...] componente fundamental para o exercício da cidadania no contexto democrático”.

Assim, não basta apenas ter acesso material às informações para firmar a praxe cidadã, pois ainda conforme as autoras, a cidadania necessita dispor também da capacidade de interpretação da realidade e de construção dos sentidos. Então, o pensamento crítico faz-se basilar a estes letramentos e ao exercício da cidadania.

Evocando que a informação pode ser entendida a partir de distintas concepções devido a sua amplitude de estudos que a envolvem, assim como sua maleabilidade e, podendo ser considerada como um processo moderno de transmissão e manifestação de diferentes visões de mundo concebidas diante de

múltiplas e contraditórias experiências da vida do ser humano. Corroborando com essa afirmação, Marteleto sintetizou a informação da seguinte maneira:

No processo de dinâmica cultural, alimentado pelas práticas sociais em geral, **informação se refere a uma forma moderna de veiculação e expressão de visões de mundo diferentes, porque elaboradas a partir de experiências de vida diversas e contraditórias.** Por isso, deve ser considerada no plano das ações e representações dos sujeitos em suas práticas sociais históricas e concretas, enquanto um elemento que permeia cada uma dessas práticas. Num sentido ainda mais 'moderno', a informação é ela também uma prática, num contexto sócio-cultural de produção de discursos, representações e valores que informam cada existência, fornecendo a cada sujeito um modelo de competência (cognitiva, discursiva, comunicacional) para dirigir suas vidas, para se relacionar com os outros, com a sociedade (MARTELETO, 1994, p. 134).

De modo que é possível constatar que o enfoque da construção social (e combate às desinformações de gênero) através de letramentos, é dialógica e construtivista, que oportuniza um crescimento progressivo e multiplicador dos conhecimentos, conforme defende Paulo Freire (1994, p.10) por meio de uma educação problematizadora que rompe com as estruturas verticais características da educação bancária³⁷, fazendo-se assim como prática libertadora “A verdadeira reflexão crítica origina-se e dialetiza-se na interioridade da **práxis** constitutiva do mundo humano – é também práxis”.

A conscientização crítica envolve tomar da opressão a realidade de volta para si e esclarecer questões que confundem os oprimidos e garantem o domínio da opressão (FREIRE, 1994). O alcance da consciência crítica permite a transformação dos seres humanos de objetos para sujeitos. Para Freire (1994), esse processo de intersubjetivação legitima o tornar-se humano. A conscientização também está arraigada na “práxis humana”, em que faz-se unidade resistente entre ação e reflexão de um sujeito sobre o mundo. Apoiado nisto, é possível refletir e questionar a realidade, transformando-a, tanto ao pensá-la de forma radical quanto por uma ação material que acarreta em fazer as coisas de maneira diferente.

Somando-se a isso, é relevante considerar a importância da mediação (BARRETO, 2009) através das multimídias no ambiente *online* como suporte aos diferentes tipos de letramentos. Isso inclui o letramento multimodal, por exemplo,

³⁷ Paulo Freire diz que a educação bancária é “um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante”. (FREIRE, 1994, p. 33).

que capacita as pessoas a serem críticas e envolvidas em diversas formas de mídia. Essa habilidade se faz essencial na era digital em que a transmissão de informações ocorre de formas variadas e está em constante transformação (FREDERICO, 2016; CALDIN; BLATTMANN, 2020).

Em virtude de tais constatações, é legítimo apontar que os letramentos (tanto em modo operacional, como em modo de criticidade), viabilizam sujeitos com autoconsciência ética e politizada. Características estas que fazem parte de uma práxis revolucionária e cidadã e que podem auxiliar e reverter essa conjuntura atual nefasta de desinformação de gênero feminino que assola as democracias.

Para isso, vale evocar Street (1995, p. 16, tradução nossa) em seu livro sobre letramento social, quando diz que “mudança social envolve desafio a formas dadas de discurso dominante e a produção e afirmação de outros discursos inseridos em novas condições materiais.” Ou seja, transferindo para a nossa realidade e para os objetos da pesquisa, a produção e afirmação de outros discursos seriam o conteúdo das postagens do perfil escolhido no Instagram e as novas condições materiais seriam o próprio Instagram.

No que se refere às questões de gênero, é indispensável um letramento que se efetue a partir de “lentes generificadas”:

[...] compreendo **letramento de gênero** como uma prática de leitura política do mundo que nos permite ler os corpos generificados, as relações de poder, as hierarquias sociais e a distribuição desses corpos na vida social, com acessos ou interdições, a partir de lentes generificadas. (FERREIRA, 2021, p. 86).

Outra perspectiva relativa ao letramento de gênero é concernente as contribuições e possibilidades que o movimento feminista³⁸ proporciona para o pensamento crítico e para a construção identitária do gênero feminino:

[...] o feminismo tem muito o que colaborar no campo do letramento. Uma metodologia participativa, que defenda princípios de igualdade, e que ao mesmo tempo explicita as relações de poder, enfrentando constantemente os conflitos das estilizações dos corpos³⁹ no exercício da vida, é sem dúvida uma metodologia que pode desvelar o espaço do letramento como espaço

³⁸ E seu aporte metodológico como expressa Joana Pinto (2011).

³⁹ Corpo como um conjunto de práticas performativas que produzem aquilo que afirmam descrever. (Butler, 2000).

de poder para os corpos e colaborar para refletir sobre e até mesmo reverter a delicada situação das mulheres e das adolescentes em geral diante das tecnologias discursivas. (PINTO, 2011, p. 543).

Na medida em que possibilita-se um empoderamento que vai na direção oposta da instituição da dominação patriarcal “o componente de atribuição de poder, promovido por perspectivas feministas, busca fazer do letramento uma ferramenta para o incentivo a uma vida política mais ativa nos níveis doméstico, comunitário e nacional” (STROMQUIST, 2001, p. 311).

Esses letramentos identificados em práticas informacionais podem ser encontrados na *web* social em perfis tanto individuais quanto coletivos, sendo caracterizados por conteúdos que se efetivam pelas interações e apropriações entre os usuários, fortalecendo elos e gerando um capital social⁴⁰.

Estamos num momento em que as redes sociais pautam significativamente o espaço público mediado pelas postagens de internautas que se tornam produtores de conteúdo e **ativam uma outra forma de marcarem suas posições**. A emergência de um consumidor que possui poder e voz ativa dentro de um sistema digital, cada vez mais, permite se observar um **processo dialógico** entre os participantes dos processos comunicacionais. **Essas interações, estabelecidas nas redes sociais de internet entre os seus interagentes, nos possibilitam observar o surgimento ou fortalecimento de laços sociais e consequentemente a formação de capital social**. (RODRIGUES, 2019, p. 94).

Contraopondo as tensões negativas que o espaço *online* também pode ocasionar, no caso aqui da pesquisa, o conteúdo público mediado por internautas se faz pelo capital social feminista e de empoderamento feminino no perfil escolhido do Instagram, que dialogue com as distintas mulheres e seus marcadores sociais da realidade brasileira, possibilitando um pensamento e letramento crítico em relação as violências exercidas contra as mulheres, efetivadas e enraizadas especificadamente por desinformações de gênero feminino. Considerando esses aspectos discutidos, na próxima seção será discorrido a metodologia do projeto e seu processo de constituição.

⁴⁰ Um elemento relevante para o estudo das redes sociais segundo Recuero, Bastos e Zigo (2015, p. 57) é o conceito de capital social. “O capital social é, basicamente, o tipo de valor que é constituído pelos atores durante as interações. Trata-se de um conceito metafórico, que foca as vantagens para determinados atores de sua posição na estrutura social.”

3 METODOLOGIA

Estudo indutivo de abordagem qualitativa, uma vez que “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (GERHARDT, SILVEIRA, 2009, p. 33). Possui caráter exploratório-descritivo, visto que pretende tornar mais explícito o problema apresentado (GIL, 2002), procurando compreendê-lo melhor. Figueiredo (2004, p.103) expressa:

São pesquisas que geralmente proporcionam maior familiaridade com o problema, ou seja, tem o intuito de torná-lo mais explícito. Essas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições.

Bem como “[...] esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade” (GERHARDT, SILVEIRA, 2009, p. 37), buscando características de correlação entre variáveis da análise e da literatura. Em que, o propósito aqui foi o de buscar compreender por meio das práticas informacionais, de que forma os processos de letramentos (de gênero e/ou informacional) que revelam desinformações de gênero feminino e/ou que se contraponham a elas, manifestam-se nos conteúdos do Perfil Planeta Ella (explicação para a seleção do perfil na subseção 3.2) na plataforma Instagram. Para isso, quanto ao método utilizado, definiu-se pela análise de conteúdo (BARDIN, 2011) acompanhado de uma observação espontânea e assistemática⁴¹ (SILVA, 2013).

A análise de *web* social não tem seu foco apenas nos estudos das conexões, ela dedica-se inclusive aos atributos que essas conexões promovem. Um exemplo desses atributos diz respeito à capacidade de informar que as conexões entre os indivíduos possibilitam. “Assim, uma determinada informação é propagada em um grupo através das conexões entre as pessoas”. (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015, p. 40). Somando a isso, devido a questões operacionais da coleta de dados manual,

⁴¹ Também conhecida como observação livre ou espontânea, é um tipo de abordagem que permite ao pesquisador registrar fatos ou situações do objeto de estudo sem seguir uma ordem ou estrutura pré-definida. Essa técnica é comumente usada em estudos exploratórios e é especialmente útil para a compreensão de fenômenos que envolvem dados públicos (SILVA, 2013).

apenas os *posts* no *feed* foram analisados, uma vez que os *stories* desaparecem depois de 24 horas e os comentários nesse perfil são inúmeros.

Referente à análise de conteúdo, é considerada como uma técnica metodológica que pode ser aplicada a diversos discursos e formas de comunicação independente de seu suporte. Bardin (2011) declara se tratar de:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).

Além disso, ela permite uma categorização dos dados para apreciação dos resultados a partir de três etapas: **1) pré-análise:** leitura flutuante, escolha dos documentos, (re)formulação de objetivos, hipóteses e a formulação de indicadores; **2) exploração do material, categorização ou codificação:** criação de categorias e **3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação:** interpretação dos resultados. (BARDIN, 2011).

A organização e tratamento dos dados nessa proposta não se limita ao conteúdo, mas também aos significados explícitos e implícitos que se dispõe a partir das classificações. Segundo Bardin (2011, p. 49):

[...] o objeto da análise de conteúdo é a fala, isto é, o aspecto individual e atual (em ato) da linguagem. [...] Contrariamente à linguística, que apenas se ocupa das formas e da sua distribuição, a análise de conteúdo leva em consideração as significações (conteúdo), eventualmente a sua forma e a distribuição desses conteúdos.

Explorando assim o ato da linguagem dos interlocutores visando conhecimentos de variáveis de ordem “psicológica, sociológica, histórica, etc. por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares”. (BARDIN, 2011, p. 50).

Afora esses elementos, a primeira fase da pesquisa buscou levantar aspectos teórico-conceituais⁴² em torno da noção de práticas informacionais, desinformação, pós-verdade, desinformação de gênero e letramento informacional para estabelecer

⁴² Em conjunto com os conteúdos estudados ao longo do curso, em que vários foram utilizados para a composição teórica do texto.

o desenho metodológico e dar embasamento às análises. Também realizou-se um levantamento bibliográfico para conhecer o panorama das publicações sobre a temática de desinformação de gênero.

Posteriormente foi executado uma investigação exploratória preliminar para uma melhor aproximação aos objetivos, que teve início no mês de abril de 2022, com a intenção de identificar conteúdos que pudessem evidenciar desinformações de gênero feminino e/ou alguma manifestação que pudesse se opor a esse fenômeno. Como forma de aprofundamento deste processo e execução do propósito, foram elencados quatro perfis do Instagram, que divulgam informações sobre feminismo, empoderamento feminino e denúncias de violências contra as mulheres. De modo que as práticas informacionais foram averiguadas mediante parâmetros, categorias e classificações de postagens e conteúdos.

3.1 Levantamento bibliográfico

Foi realizado um levantamento relativo ao tema no *Google Scholar*, porém, em virtude de distintas possibilidades, optou-se também por analisar as informações obtidas juntamente a outras fontes (*Web of Science* e Brapci - Base de Dados em Ciência da Informação). Procurou-se privilegiar bases de dados abertas (exceto a *Web of Science* que foi escolhida posteriormente devido a sua abrangência internacional), bem como recuperar principalmente artigos de periódicos científicos.

Os dados foram coletados nessas bases no período de março de 2022 e dispostos em uma planilha do Google Drive. O **Quadro 1** (APÊNDICE A) foi esquematizado como forma de demonstrar os procedimentos de busca e ocorrências dos materiais recuperados correspondentes à temática de pesquisa.

As estratégias de busca tiveram variações conforme as especificidades de cada base. Optou-se por selecionar artigos entre o período de 2016 a 2022 devido a sua atualidade. E as áreas de concentração recuperadas foram: comunicação, educação, psicologia, ciência da informação (utilizada na estratégia de busca), ciências jurídicas, ciências da saúde (muitos dos documentos recuperados sobre desinformação estão relacionados à pandemia de Covid), ciências sociais e outras. Os artigos foram publicados predominantemente em inglês, português e espanhol,

provenientes do Brasil, Estados Unidos da América - EUA, Espanha, Inglaterra, Austrália, Canadá, Alemanha, República Checa, Paquistão e Suécia.

Referente ao total de 320 registros recuperados por essas 3 bases, considerou-se apenas 13 registros pertinentes a partir dos títulos, resumos e palavras-chaves dos artigos. Isto posto, compreende-se que esses 13 documentos apesar de relevantes e significativos, ainda se mostram pouco expressivos e incipientes devido à urgência da temática em nossa sociedade. De qualquer modo, os documentos recuperados contribuíram efetivamente para o presente estudo.

3.2 Processo exploratório preliminar: aproximações aos objetivos

Foram analisados 4 perfis (**Quadro 2**) do Instagram que produzem e compartilham conteúdos alusivos ao feminismo e empoderamento feminino com a finalidade de constatar conteúdos que pudessem demonstrar desinformações de gênero feminino e/ou que de alguma forma pudessem ser contrários a esse fenômeno. Os perfis selecionados, *Think Olga*, Arquivos Feministas, Clara Fagundes e Planeta Ella, atenderam aos seguintes critérios:

- a) número de seguidores - acima de 90 mil;
- b) regularidade de postagens (perfil ativo com pelo menos uma postagem semanal);
- c) temática geral - feminismo.

Quadro 2 - Perfis feministas no Instagram.

| PERFIL | COMPOSIÇÃO | TOTAL DE POSTAGENS AVERIGUADAS | NÚMERO DE SEGUIDORES ATÉ ABRIL DE 2022 |
|---------------------------------|--|--------------------------------|--|
| Think Olga ⁴³ | <p>Categoria informada no perfil: Não informada.</p> <p>Descrição informada no perfil: Laboratório de inovação social que educa e cria soluções para a desigualdade de gênero. Combate à Violência, Economia do Cuidado.</p> | 5 | 91,7 mil seguidores |

⁴³ <https://www.instagram.com/think.olga/>

| | | | |
|--|---|----|--------------------|
| Arquivos Feministas ⁴⁴ | Categoria informada no perfil: Comunidade. Descrição informada no perfil: Plataforma de informação e formação feminista. | 16 | 274 mil seguidores |
| Clara Fagundes ⁴⁵ | Categoria informada no perfil: Criadora de conteúdo digital. Descrição informada no perfil: Sergipana em SP, pesquisadora, futurologista e comunicóloga. Formada e pós-graduada na USP. - Feminismo | 5 | 147 mil seguidores |
| Planeta Ella ⁴⁶ | Categoria informada no perfil: Comunidade. Descrição informada no perfil: Rede Internacional de Feminismos. | 30 | 269 mil seguidores |

Fonte: Autora (2022)

O processo se constituiu no primeiro momento através da observação assistemática (SILVA, 2013) dos perfis e posteriormente a partir da leitura flutuante (BARDIN, 2011) das postagens (nos *feeds* de notícias), foi realizada a coleta do *corpus* durante todos os dias do mês de abril de 2022 (tendo o objetivo de obter uma publicação diária de cada perfil) com a inserção dos dados em ordem cronológica em diários de campo organizados em pastas no Google Drive.

Depois, realizaram-se releituras em relação ao *corpus* de dados, permitindo a composição de **09 temáticas** emergidas conforme a Análise de Conteúdo de Bardin (2011) relativas ao *corpus* total de 56 postagens, sendo elas: violência contra a mulher, empoderamento feminino, representatividade do gênero feminino, mulheres indígenas, gordofobia, diversidade sexual, liberdade feminina, misoginia e machismo.

Perante essas temáticas abordadas, para uma conclusão preliminar, identificou-se inicialmente que parte do conteúdo das postagens expõe alguma forma de violência contra mulheres⁴⁷, identificadas nos seguintes tipos: violência política contra mulheres, violência obstétrica, abuso sexual, feminicídio, violência

⁴⁴ <https://www.instagram.com/arquivosfeministas/>

⁴⁵ <https://www.instagram.com/clarafagundes/>

⁴⁶ <https://www.instagram.com/planetaella/>

⁴⁷ Correlacionado a temática do estudo.

contra mulheres indígenas, violência judicial contra mulheres e violência doméstica. Dentre essas violências mencionadas, como a judicial, política e contra mulheres indígenas, conforme o conteúdo apresentado nas postagens, se fundamentam em desinformações quanto ao gênero feminino, pois abordam relatos de violências baseadas em estereótipos, difamação e deturpação de elementos sobre as mulheres.

Os conteúdos dos *posts* no *feed* são diversos, porém todos alusivos a questões da mulher, feminismo, empoderamento feminino, diversidade e representatividade da mulher. Englobam por exemplo os seguintes atributos e características: vídeo filmando assédio, notícia de mulheres nos esportes, vídeo de momento de lazer/descontração de mulheres maduras praticando exercício físico em prol da saúde, relato de morte após aborto, história em quadrinhos sobre educação sexual, ensaio fotográfico de mulheres indígenas, ensaio fotográfico de família com mulheres lésbicas e *cards*⁴⁸ informativos sobre acontecimentos históricos referente a mulher (**Figura 1**).

⁴⁸ “Os *cards* são pedaços interativos de informação apresentados quase sempre em um formato retangular que são postados na *web*. Assim como cartões de crédito ou cartas de jogos, os *cards* da *web* contém informações resumidas, relevantes e de rápida compreensão.” (DINIZ, RODRIGUES, 2020).

Figura 1 - Efeito Matilda (exemplo de post no feed)

MULHERES TÊM TIDO SEUS CRÉDITOS POR CRIAÇÕES E TRABALHOS CIENTÍFICOS TOMADOS HÁ DÉCADAS. E ISSO TEM ATÉ UM NOME:

'Efeito Matilda'

O Efeito Matilda foi cunhado em 1993 pela historiadora Margaret W. Rossiter.

Margaret (1944) é considerada uma **historiadora da ciência**, pois suas pesquisas ajudaram a estabelecer a história das mulheres na ciência como um campo acadêmico.

Ok, mas o que é o efeito Matilda?

O efeito acontece quando as **descobertas e contribuições científicas feitas por mulheres são atribuídas a pesquisadores homens**, tendo sua participação diminuída ou completamente negada.

Exemplo:
Ana é uma mulher cientista que trabalha fielmente em uma pesquisa. Ela tem ideias relevantes e obtve resultados promissores. Mas...
É Pedro, seu colega pesquisador do sexo masculino que está indo obter todo o crédito pelo trabalho de Ana.

Isso aconteceu com diversas mulheres ao longo da história:

LISE MEITNER (1878 - 1948)
Lise criou as bases teóricas para a fissão nuclear e criou o termo. Mas em 1944, Otto Hahn, seu colega de pesquisa, levou todo o crédito e recebeu um Prêmio Nobel de Física.

ROSALIND FRANKLIN (1920 - 1958)
Rosalind foi pioneira da biologia molecular, usando a técnica de difração dos raios x e concluindo que o DNA tinha forma helicoidal. Francis Crick e James Dewey ganharam o Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina, em 1962, sem creditar Rosalind pelo trabalho.

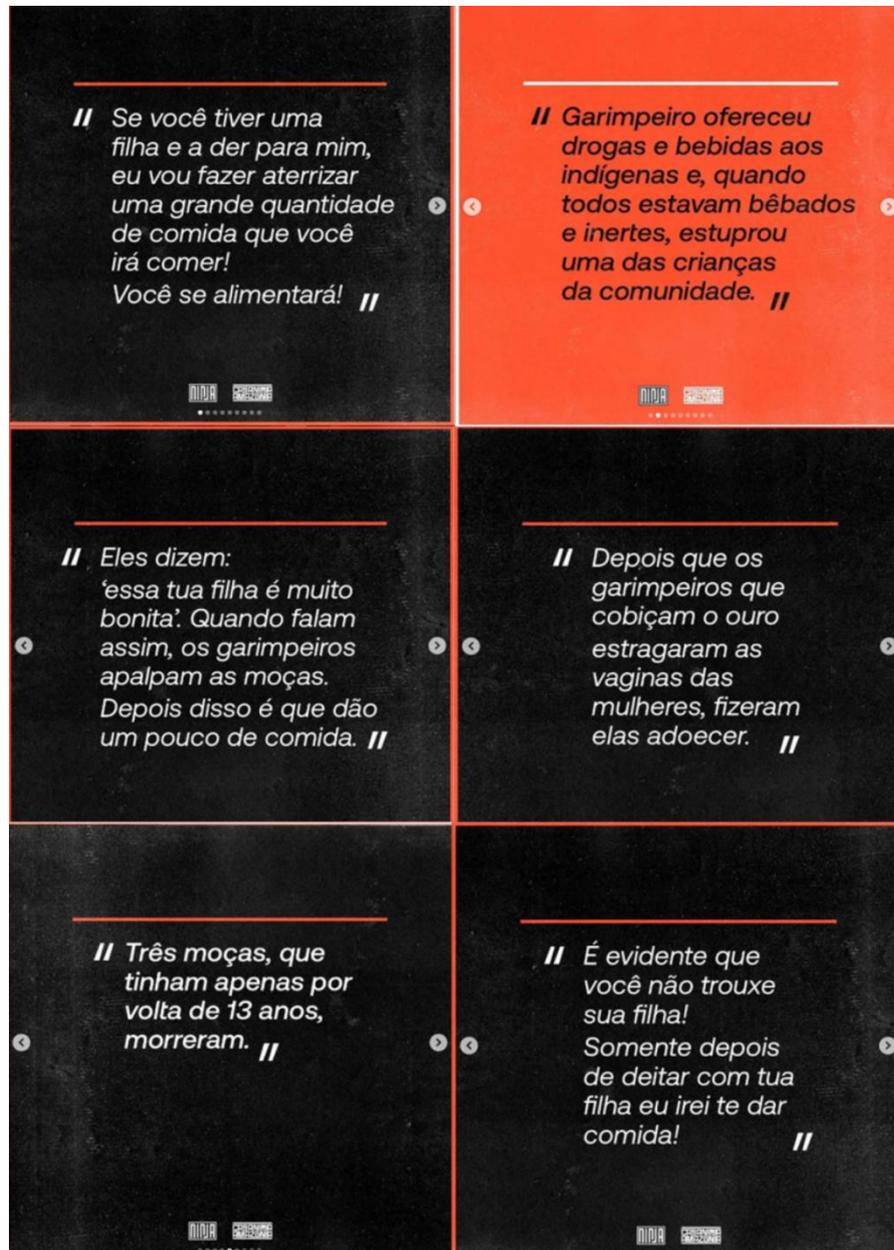
Nosso manifesto é:
NÃO MAIS EFEITO MATILDA! que as mulheres sejam cada vez mais reconhecidas na ciência.

Fonte: Captura da tela do perfil Planeta Ella no Instagram (2022)

Além desses materiais mencionados anteriormente, somam-se também tirinhas sobre machismo e outros conteúdos, como *posts* que trazem *cards* com

trechos de relatos de violências, como por exemplo as direcionadas às mulheres indígenas **(Figura 2)** [ALERTA GATILHO].

Figura 2 - Violência contra mulheres Yanomami (exemplo de *post no feed*).

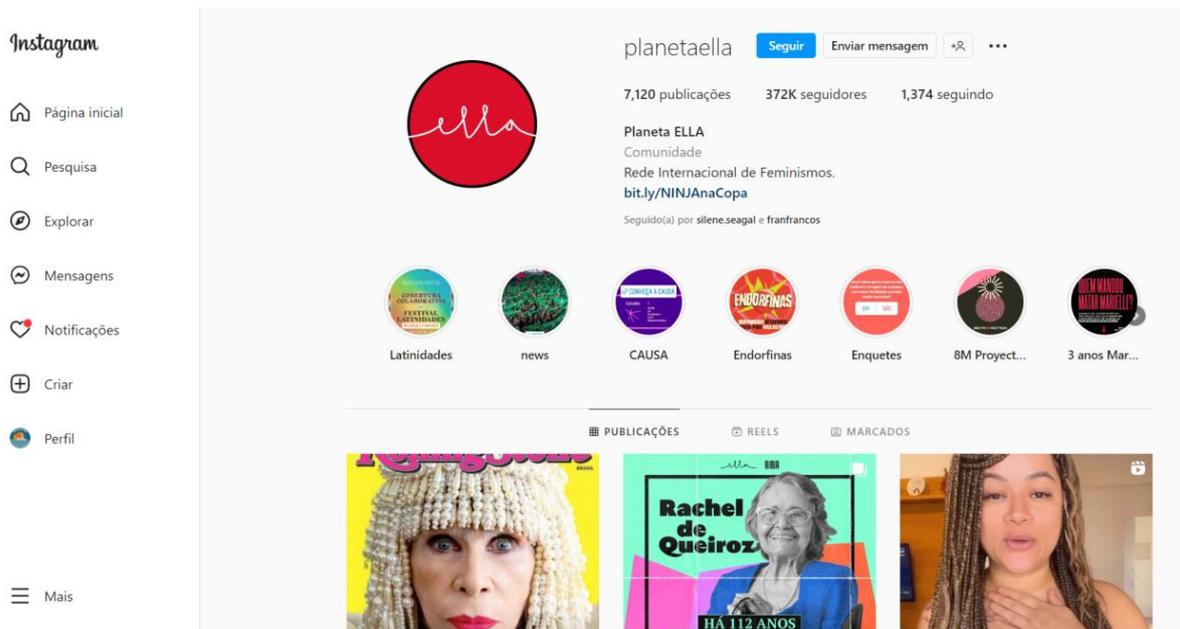


Fonte: Captura da tela do perfil Planeta Ella no Instagram (2022)

Portanto, considerando o processo de investigação preliminar nos quatro perfis e em virtude da potência e da expressiva quantidade de práticas

informativos no perfil Planeta Ella (**Figura 3**), que não disponibiliza conteúdo com anúncios e parcerias pagas e oferece mais de uma postagem por dia ao contrário dos outros perfis que tiveram menos postagens que o previsto, optou-se por ser este o local de análise da pesquisa. Dessa forma, a próxima subseção se dedicará a explorar o Instagram e o perfil Planeta Ella, visando uma melhor compreensão destes espaços.

Figura 3 - Interface Planeta Ella no Instagram

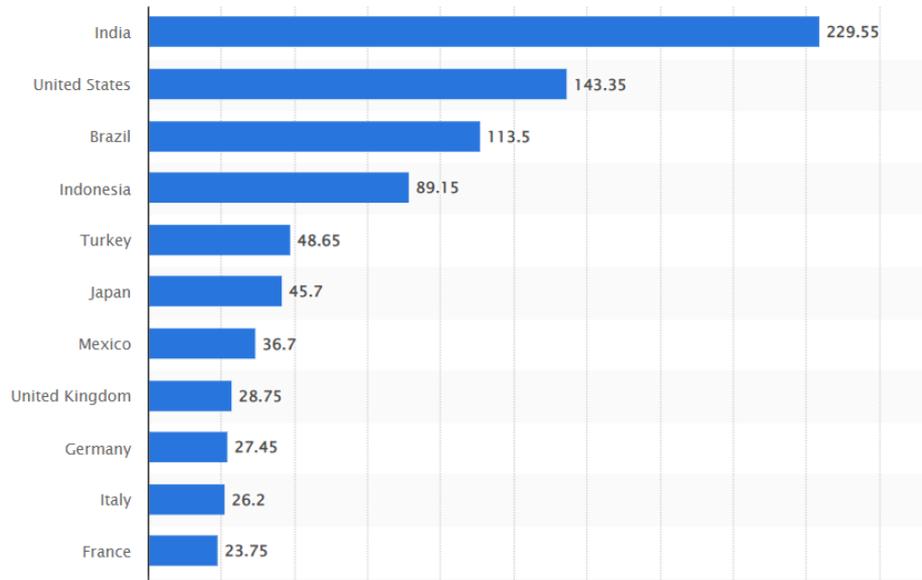


Fonte: Captura da tela do perfil Planeta Ella no Instagram (2022)

3.3 Contexto do estudo: rede de feminismos Planeta Ella no Instagram

A rede social escolhida para observação e análise, como recorte da *web* social, foi o Instagram, pois constitui-se na terceira plataforma mais utilizada no Brasil e quarta mais utilizada no mundo como anteriormente mencionado. Quanto aos países que mais fazem uso da rede, o Brasil ocupa a terceira posição com 113,5 milhões, seguido dos EUA com 143,35 milhões e Índia com 229,55 milhões (**Figura 4**). Em janeiro de 2023, o Instagram atingiu o número de dois bilhões de usuários ativos mensais ao redor do mundo (STATISTA, 2023b).

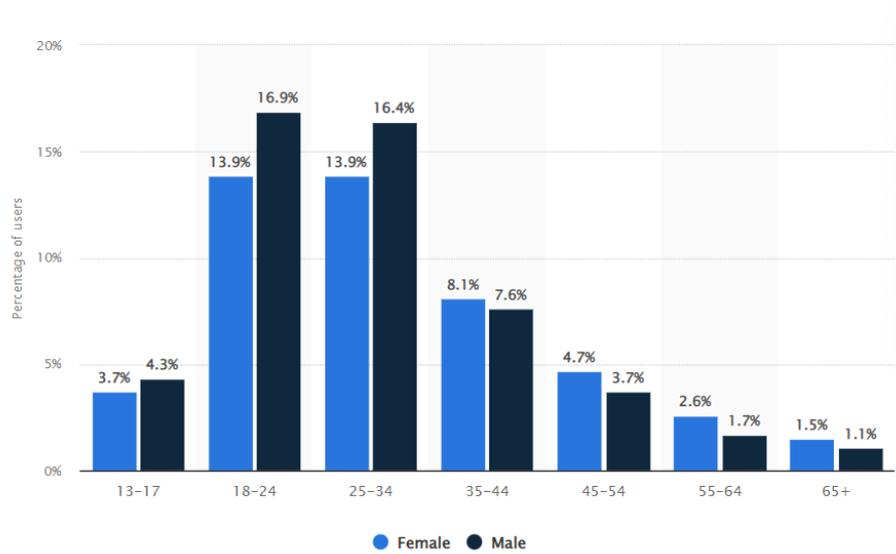
Figura 4 - Principais países com base no tamanho do público do Instagram em janeiro de 2023 (em milhões)



Fonte: Statista (2023b)

Muito popular entre usuários na faixa etária dos 18 a 34 anos (**Figura 5**), é formado por um público constituído em 51,8% masculino e 48,2% feminino (KEMP, 2023b; STATISTA, 2023a). Vale atentar que esses dados disponibilizados não contabilizam perfis institucionais, comerciais ou perfis de pessoas que se identificam com outros gêneros. A adição de informações que abranjam a diversidade de gênero permitiria uma compreensão mais precisa e abrangente do contexto e das realidades das pessoas, no entanto, ainda assim, a partir desses dados disponibilizados pelas plataformas, se faz possível ter uma percepção da sua audiência.

Figura 5 - Distribuição de usuários do Instagram (por idade e sexo) em todo o mundo até janeiro de 2023



Fonte: Statista (2023a)

Lançado em 2010, atualmente pertence a *Big Tech*⁴⁹ Meta Platforms que apostou na expansão de tecnologias emergentes com a compra da empresa em março de 2012. Disposto no ambiente *online*, permite que os indivíduos compartilhem fotos e vídeos (curtos), apliquem filtros e editem seus conteúdos. Além disso, os usuários também podem interagir com distintas pessoas, instituições, organizações e empresas seguindo outras contas, comentando e curtindo postagens. Devido a sua popularidade, o Instagram é amplamente utilizado para fins pessoais e de negócios, tornando-se também uma importante ferramenta de marketing para muitas marcas. Em concordância com Leaver *et al* (2020) o impacto e a influência do Instagram estenderam-se das redes sociais para os espaços físicos da "vida real":

O Instagram é um ícone e um avatar para entender e mapear culturas de mídia sociais, seja no próprio Instagram, ou através de várias maneiras pelas quais o mundo material procurou se tornar "digno do Insta" ao

⁴⁹ Empresas de tecnologia que predominam o mercado, impactando diretamente na sociedade e na economia a partir de suas atividades. Redes sociais, serviços de *streaming*, aplicativos de transporte, *delivery* e etc. são exemplos de ferramentas criadas pelas *Big Techs*. Elas formam um sistema complexo que abrange muitos aspectos da vida pública e privada das pessoas, impactando comunidades e governos cujas atividades diárias estão cada vez mais conectadas às suas dinâmicas. (POELL; NIEBORG; VAN DIJCK, 2020).

redesenhar práticas, instituições culturais e espaços materiais. (LEAVER *et al.*, 2020, p. 14, tradução nossa).

É indiscutível que uma das razões para o êxito do Instagram se dá pelos seus algoritmos que direcionam parte dos conteúdos conforme os interesses dos usuários aumentando assim seu uso e popularidade. De acordo com Leaver *et al* (2020) o algoritmo do Instagram personaliza o *feed* de cada usuário com base em três categorias principais: interesses - considerando visualizações anteriores de conteúdos similares; atualidade - priorizando publicações recentes; e relações - avaliando a proximidade entre o usuário e quem compartilhou o conteúdo. Essas categorias são determinadas por uma variedade de fatores, como histórico de curtidas, comentários e marcação de fotos em conjunto. Ademais, há outros indicadores que incluem: frequência de acesso ao Instagram, número de pessoas seguidas e tempo gasto na plataforma a cada acesso.

Além disso, no que diz respeito ao uso da plataforma, a literatura científica tem debatido sobre os impactos tanto negativos quanto positivos da participação dos indivíduos em mídias sociais, como o Instagram, para a sociedade. Os efeitos negativos estão relacionados ao uso excessivo, o qual pode resultar em diversos transtornos, tais como desconforto pessoal, depressão, dependência digital, afastamento de atividades saudáveis e relações pessoais presenciais, percepção distorcida da imagem corporal, aumento do consumo de informações tendenciosas e polarização política. Em sequência, os efeitos positivos estão relacionados à obtenção de informações, entretenimento, fomento de relacionamentos e participação social. (IZQUIERDO-IRANZO, GALLARDO-ECHENIQUE, 2020). E aqui, quanto aos aspectos positivos, pode-se considerar também a possibilidade de letramentos (por meio de uma apropriação crítica da informação) que se fazem a partir de perfis confiáveis e responsáveis que defendem causas legítimas e progressistas, contribuindo para uma maior conscientização social e valorização da diversidade e inclusão.

O Instagram e seus *stories* são os responsáveis pela popularização do formato vertical de fotos e vídeos hoje em dia. A plataforma está sempre em constante evolução, apresentando novas funcionalidades, permitindo recursos

exclusivos além das postagens no *feed*, tais como o Instagram TV - IGTV e o *reels*, os quais possibilitam a veiculação de conteúdo em formatos variados. *Feed* é um fluxo de conteúdo de postagens que se pode percorrer. *Reels* é um formato de vídeo com um curto limite de tempo com filtros de realidade aumentada e ferramentas de áudio e texto que pode ser criado e compartilhado dentro da rede social. *Stories* permite a publicação de fotos e vídeos que ficam disponíveis para visualização por um período de 24 horas em uma barra específica. O IGTV é um local dedicado a vídeos imersivos e mais longos do que os *reels*. (MONTARDO; VALIATI; SILVA, 2022).

Por sua vez, o Planeta Ella, teve sua conta criada no Instagram em maio de 2014 após o nascimento da rede num encontro de mulheres em Belo Horizonte, que tinham o propósito de trocar experiências, debater desafios e construir uma agenda em comum, uma rede latino-americana de mulheres. Até o momento (2023), o perfil possui 7.772 publicações e 411 mil seguidores. A conta tem seu registro situado no Brasil e a manutenção do perfil é feita pela própria rede (de feminismos), como elas se intitulam, todavia, sua estrutura se assemelha à de uma organização não governamental.

Em 2015, impulsionadas pela tarefa de explorar mais profundamente o feminismo, reuniram mulheres provenientes de diversos territórios, causas, identidades e perspectivas: mulheres indígenas, mulheres trans, feministas negras, feministas radicais, trabalhadoras do sexo, entre outras. Nesse processo, o Planeta Ella compreendeu que não há apenas um único feminismo, mas sim múltiplos feminismos. Então, um novo panorama de questões e lutas emergiu, expandindo os conhecimentos e enfrentamentos, criando uma nova missão para a rede: Como conectar esses feminismos?. Descrição do Planeta Ella no site:

ELLA é uma articulação internacional que parte da cultura e da comunicação para pensar, fortalecer e coletivizar os feminismos. Buscamos transcender o velho conceito da tolerância, para um novo paradigma do século XXI: a celebração da diversidade e da diferença! Iniciado em 2014 como um encontro de mulheres de 11 países, hoje o ELLA conecta mais de 30 países, em um grande movimento de feminismos, através de projetos e campanhas permanentes desenvolvidas de forma colaborativa e coletiva. Queremos um feminismo coletivo e cultural que entenda sua dívida histórica com o futuro, a necessidade urgente de ressignificar o passado e seu

compromisso com o presente e todas as revoluções pendentes! (PLANETA ELLA, 2023, n.p).

De igual modo, é um perfil que se propõe ser dinâmico, versando sobre diversos assuntos contemporâneos dentro da esfera dos feminismos e do empoderamento⁵⁰ feminino, buscando apresentar variados recortes e realidades da mulher brasileira, assim como traz paralelos da realidade de outras mulheres ao redor do mundo. Busca também abordar aspectos importantes deste universo recorrendo a demonstrações (que se fazem pelos *posts* como foi possível observar durante os processos de análise) de arte, música, poesia e literatura, disseminando questões que perpassam ideologias, direcionando-se inclusive a tópicos voltados aos direitos humanos e que fazem parte do ser/existir como mulher atualmente.

Quanto aos **feminismos** que o perfil enfatiza e tenta **conectar**, é válido, mesmo que de maneira geral, contextualizar esse assunto, rememorando Beauvoir (2009) ao afirmar que as mulheres não possuem meios tangíveis para se unirem e constituírem uma classe dirigente e coesa, uma vez que vivem em meio aos homens, conectadas por questões sociais e econômicas “[...] burguesas são solidárias dos burgueses e não das mulheres proletárias; brancas dos homens brancos e não das mulheres negras” (BEAUVOIR, 2009, p. 20) e seu envolvimento político e econômico está intrinsecamente ligado a indivíduos de sua estratificação social.

Posteriormente, Angela Davis em 1981 explorou a situação das mulheres negras nos EUA, considerando o contexto histórico-social e a sua influência no movimento feminista, o qual infelizmente já começava segmentado, uma vez que não abordava as demandas antiescravagistas das mulheres e homens negros. Assim, ela retratou também essa questão discutida por Beauvoir (2009), que trata a ausência de unidade e formação de uma classe entre as mulheres, bem como o fato de que o racismo fragmentou um movimento que buscava a emancipação (DAVIS, 2016).

⁵⁰ “pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto, entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da História.” (BERTH, 2019, p. 19).

Considerando esses problemas de opressão e disparidade, os movimentos feministas surgiram de maneiras diversas em várias culturas, manifestando-se como grupos mais ou menos estruturados, com estratégias para destacar e enfrentar as desigualdades que oprimem as mulheres. As ondas do feminismo são empregadas para descrever as distintas etapas do movimento a partir dos EUA e na Europa. Nessa perspectiva, a primeira fase é representada pelo movimento sufragista, que ocorreu entre o final do século XIX e o início do século XX na Inglaterra. Esse movimento buscava o direito ao voto e a igualdade entre os gêneros, mesmo que já existissem mulheres ocupando funções tradicionalmente masculinas (GARCIA, 2011; HOPPEN, 2021; SCARTASSINI; BARROS, 2021).

A utilização da metáfora das ondas pode levar à falsa impressão de que o movimento sufragista foi o precursor absoluto do feminismo. No entanto, essa visão não reflete a realidade, mesmo quando considerado os contextos dos EUA e Europa. O movimento sufragista tinha limitações, pois não abrangia todas as mulheres, e nem todas as sufragistas eram necessariamente feministas. Vale salientar que todas as feministas daquela época eram sufragistas, mas o inverso nem sempre era verdadeiro (NICHOLSON, 2010).

Além das lutas das mulheres destacadas nessa metáfora das ondas, existiram diversas outras movimentações com diferentes agendas, tanto dentro como fora dessas nacionalidades. No contexto brasileiro, também é possível encontrar textos de mulheres que refletiam sobre a opressão enfrentada pelo sexo feminino, como os da Nísia Floresta, durante o século XIX. No entanto, é a partir dos movimentos sociais de contestação das décadas de 1960 e 1970 que surgem os movimentos de mulheres que acabariam por estabelecer o campo de estudos como uma área acadêmica (LOURO, 1995; HOPPEN, 2021).

Conforme Scartassini e Barros (2021) dentre os distintos feminismos, alguns merecem ênfase: feminismo radical, feminismo cultural, feminismo liberal, feminismo da diferença, feminismo essencialista, feminismo institucional e feminismo negro. No entanto, independente da denominação, o movimento feminista possui um traço singular que deve ser levada em conta “é um movimento que produz sua própria reflexão crítica, sua própria teoria” (PINTO, 2010, p. 15). Por isso, é tão potente e

influyente, assim como a iniciativa do Planeta Ella de conectar e coletivizar esses feminismos, suscitando um feminismo interseccional e diverso.

Assim como outros movimentos sociais, o feminismo tem se utilizado de uma estrutura em rede composta por plataformas de comunicação digital, como blogs, redes sociais e vídeos, para disseminar e fomentar suas causas e demandas. Dentro desse cenário, tem sido observada nos últimos anos uma mudança em relação às participantes desse debate, demonstrando um envolvimento cada vez mais precoce de jovens interessadas na agenda feminista. Esse fenômeno está diretamente relacionado à facilidade de acesso e familiaridade desse público com as tecnologias. Por intermédio da constante atualização de seus significados, essa "consciência feminista" tem sugerido uma nova abordagem estratégica, além de novas formas de produção e compartilhamento do conhecimento. (MARTINEZ, 2019).

3.4 Coleta dos dados

Após a observação assistemática (SILVA, 2013) do perfil selecionado durante o processo exploratório preliminar, que permitiu situar e conhecer o conteúdo a ser investigado, assim como definir qual seria o objeto de exploração dentro do perfil, decidiu-se analisar apenas as postagens no *feed*, visto que os *stories* desaparecem automaticamente em 24 horas, e o perfil recebe uma grande quantidade de comentários conforme previamente mencionado.

Ao empregar dados de mídias sociais para pesquisas qualitativas, Recuero, Bastos e Zago (2018) manifestam que é fundamental priorizar a qualidade (e características), considerando que, geralmente, essa abordagem requer um conjunto reduzido de dados, permitindo que sejam coletados manualmente pelo pesquisador. Dessa maneira, o *corpus* de dados foi coletado manualmente, utilizando a versão *desktop* do Instagram, a partir da verificação de cada *post* seguido de captura da tela e de registros e anotações em uma planilha do Google Drive.

Nesse sentido, segundo Junqueira (2014) os dados provenientes do ambiente digital, por serem gerados e coletados de forma distinta em relação às entrevistas e

documentos, requerem uma abordagem alternativa às técnicas convencionais de análise de discursos. Portanto, os critérios nessa etapa de coleta para escolher as postagens do perfil Planeta Ella foram:

- a) Conteúdo relevante: postagens que abordam diretamente questões relacionadas ao feminismo, violências sofridas por mulheres, empoderamento feminino e combate à desinformação de gênero. Isso pode incluir mensagens de conscientização, análises críticas, debates, relatos pessoais e outros tipos de conteúdo que sejam pertinentes;
- b) Engajamento: postagens que tenham recebido um significativo número de curtidas (acima de 200);
- c) Representatividade: postagens que representam diferentes perspectivas, experiências e vozes entre mulheres, priorizando a diversidade étnica, de idade, classe social, orientação sexual e outros aspectos relevantes que garantam uma inclusão adequada das mulheres;
- d) Período de tempo:⁵¹ semestral (de janeiro de 2023 a julho de 2022) seguindo uma ordem cronológica inversa, já que as postagens estão distribuídas desta maneira (do mais recente ao mais antigo) no *feed* da página.

Por conseguinte, o material publicamente disponível no Instagram postado no perfil @planetaella foi coletado entre os meses de janeiro a março de 2023, perfazendo um *corpus* de 128 postagens que datam do dia 04 de janeiro de 2023 a 23 de junho de 2022. Houve a decisão de estender uma semana o período de coleta de dados além do que foi inicialmente previsto, visto que verificou-se a necessidade de obter uma amostra mais abrangente. Todavia, para a categorização dos dados, somou-se as 30 postagens coletadas durante o processo exploratório preliminar realizado no mês de abril de 2022, **totalizando 158 postagens.**

⁵¹ Conforme Herring (2007) esse critério apresenta como vantagem ser provido em contexto, devido a sua perspectiva longitudinal.

3.5 Análise dos dados

Franco (2005) ressalta que na Análise de Conteúdo, a criação de categorias é um elemento fundamental, envolvendo um processo complexo e exigente, que demanda do pesquisador uma constante interação entre teoria e material de análise. Em vista disso, por meio da investigação e releituras das postagens, bem como vinculação com o referencial teórico, foram emergidas 7 categorias (**Quadro 3**) que possibilitaram a sistematização dos dados.

Quadro 3 - Categorias/subcategorias emergidas da Análise de Conteúdo (AC)⁵²

| | Categoria/Descrição | Subcategorias/Descrição |
|---|--|---|
| 1 | AÇÕES DE INFORMAÇÃO - PRÁTICAS INFORMACIONAIS: processos que possuem o propósito de informar algo. (GÓMEZ, 1999, ARAÚJO, 2017). | Compartilhamento e reuso da informação: repostagem de conteúdo produzido por outras pessoas no próprio Instagram ou em outras plataformas, seguido ou não pela adição de informações para reforçar a validação da informação ou atribuir-lhe um novo significado. Produção de informação: criação própria do conteúdo pelo perfil. |
| 2 | FONTES: proveniência (plataforma) do conteúdo das fontes de informação utilizadas na elaboração da postagem (compartilhamento e reuso). | Instagram Twitter Youtube TikTok |
| 3 | HIPERMÍDIAS: suportes utilizados para apresentação da postagem. | Graphics Interchange Format (GIF): Imagem em movimento curta ou trecho de imagem em movimento, sem áudio. Não é considerado vídeo. Imagem: representação, reprodução ou imitação da configuração de algo ou alguém. Texto: conjunto de palavras escritas que transmitem um conceito ou ideia. No caso aqui a legenda também foi considerada como texto para a análise, já que igualmente apresenta conteúdo. Pode incluir ou não <i>emojis</i> (ícone visual que transmite uma emoção, situação ou conceito de maneira ágil e simples) e <i>hashtag</i> (tópicos ou debates que se deseja marcar em redes sociais, adicionando o símbolo de cerquilha (#) antes da palavra, frase ou expressão). Vídeo: sequência audiovisual que pode ser acompanhada de som e texto. |
| 4 | FORMAS DE DESINFORMAÇÃO DE GÊNERO: disseminação de informações falsas, enganosas ou estereotipadas relacionadas a questões de gênero. Essa forma de desinformação busca distorcer ou perpetuar estereótipos de gênero, disseminar preconceitos e reforçar desigualdades de gênero. A desinformação de gênero pode | Boatos (BO): informação ou história não confirmada, geralmente espalhada de forma rápida e ampla por meio de rumores, sem uma base factual sólida. Os boatos geralmente contêm informações sensacionalistas e exageradas. Difamação/Detração (DD): consiste na divulgação de informações falsas ou inverídicas sobre alguém, com o objetivo de prejudicar sua imagem e reputação |

⁵² Além da Análise de Conteúdo, as categorias 1, 2 e 3 foram embasadas também na pesquisa de Valerim (2022).

| | | |
|--|--|---|
| | <p>abranger uma ampla gama de tópicos, como papéis de gênero, direitos das mulheres, discriminação de gênero, violência de gênero, identidade de gênero e sexualidade. (JUDSON, 2020; BRISOLA; BEZERRA, 2018).</p> | <p>perante terceiros. A difamação pode ocorrer de diversas formas, como por meio de calúnia ou injúria.</p> <p>Deturpação (DET): ato de distorcer, modificar ou alterar intencionalmente informações, fatos ou eventos de modo a apresentá-los de forma falsa, enganosa ou inadequada. Pode envolver a omissão de informações relevantes, a manipulação de dados estatísticos, a seleção seletiva de evidências ou a interpretação tendenciosa de fatos.</p> <p>Rótulos (RO): generalizações simplistas ou preconceituosas sobre um grupo de pessoas com base em características compartilhadas. Esses rótulos podem ser baseados em estereótipos e podem levar a preconceito, discriminação ou tratamento desigual.</p> <p>Suposição (SUP): ideias que são consideradas verdadeiras ou plausíveis sem uma confirmação ou evidência concreta. Podem ser baseadas em conjecturas e hipóteses e até em julgamento prévio.</p> <p>Descontextualização (DES): quando um determinado conteúdo é apresentado ou interpretado fora do contexto original em que foi produzido. Isso pode levar a uma compreensão distorcida ou incompleta do significado ou intenção original da mensagem.</p> <p>Informação manipulada (IM): informações que foram intencionalmente alteradas, distorcidas ou apresentadas de forma enganosa para influenciar a percepção, opiniões ou comportamentos das pessoas.</p> <p>Informação fragmentada (IFR): informações que são apresentadas de forma incompleta, parcial ou isolada, sem fornecer um contexto adequado ou uma visão abrangente do assunto em questão. É quando apenas parte da informação é apresentada, sem apresentar o quadro completo para uma compreensão precisa.</p> <p>Informação tendenciosa (IT): apresentada de maneira parcial ou enviesada, com o objetivo de promover uma determinada perspectiva, opinião ou agenda específica. É caracterizada por uma falta de imparcialidade e objetividade na apresentação dos fatos, visando influenciar a opinião do receptor de forma deliberada.</p> <p>Informação falsa (IF): também conhecida como desinformação ou informação incorreta, refere-se a informações que são deliberadamente fabricadas, distorcidas ou enganosas com o objetivo de enganar as pessoas.</p> <p>Apagamento da realidade (AR): refere-se a uma situação em que determinados aspectos, fatos ou perspectivas da realidade são ignorados, negados, minimizados ou suprimidos. Busca ocultar, silenciar ou desvalorizar certos elementos da realidade para promover uma narrativa ou agenda específica.</p> <p>Sem desinformação (SD): não há desinformação.</p> |
|--|--|---|

| | | |
|---|---|--|
| 5 | <p>OCORRÊNCIA DE DESINFORMAÇÃO DE GÊNERO: como o objeto desinformação (se houver) é abordado (direto ou indiretamente) no conteúdo do <i>post</i>.</p> | <p>Mensagem contra a desinformação (MSD)⁵³: visa combater ou refutar a disseminação de informações falsas, enganosas ou desinformativas. Pode incluir argumentos, evidências, fatos e exemplos que desacreditam ou desmascaram informações falsas.</p> <p>Desinformação não evidente/explicita (DNE): refere-se a posts que abordam sobre informações falsas, enganosas ou desinformativas que não são imediatamente óbvias ou reconhecíveis como tal. Essas informações podem ser sutis, apresentadas de forma enganadora ou mascaradas de maneira que parecerem verdadeiras, confiáveis ou legítimas. Nesses casos, a desinformação pode ser mais difícil de detectar.</p> <p>Denúncia de desinformação (DED): <i>post</i> que tem o objetivo de chamar a atenção para a disseminação de informações falsas, online ou não, pode incluir a apresentação de fatos verificáveis que contradizem as informações falsas e a solicitação para que o público verifique a veracidade das informações antes de acreditar.</p> <p>Desinformação evidente (DE): <i>post</i> que expõe informações claramente falsas, incorretas ou enganosas.</p> <p>Ausência de desinformação: não há desinformação ou menção sobre no <i>post</i>.</p> |
| 6 | <p>TIPIFICAÇÃO DA DESINFORMAÇÃO: manifestações de desinformação fundamentadas na distinção segundo a intencionalidade ou ausência de intencionalidade. (STAHL, 2006; KARLOVA; FISHER, 2013).</p> | <p>Misinformation: quando não há intenção de desinformar.</p> <p>Disinformation: quando há intenção de desinformar.</p> |
| 7 | <p>INTENCIONALIDADE PARA LETRAMENTOS: objetivo a ser alcançado que traz a possibilidade de letramentos que auxiliam na aprendizagem e instrução das temáticas do <i>post</i>. (GÓMEZ, 1999; SILVA, 2017)</p> | <p>Exemplificativo (EXE): quando exemplos são amplamente utilizados para ilustrar conceitos, ideias e situações. Pode enfatizar a exposição a exemplos reais e concretos para promover e facilitar a compreensão.</p> <p>Informativo (INF): tem o intuito de fornecer informações. Seu objetivo principal é transmitir conhecimento, esclarecer fatos ou fornecer detalhes relevantes sobre um determinado assunto.</p> <p>Representativo (REP): tem a qualidade de representar ou simbolizar algo maior ou mais amplo. Algo característico ou emblemático de um grupo, categoria, ideia ou fenômeno. Exemplo: posts que trazem a representatividade de gênero feminino em diversos setores da sociedade.</p> <p>Explicativo (EXP): se refere a algo que tem a finalidade de explicar, esclarecer ou tornar algo compreensível. significa que o propósito do <i>post</i> é fornecer informações detalhadas, instruções claras ou explicações abrangentes sobre um determinado assunto.</p> <p>Instrutivo (INS): tem a capacidade ou intenção de instruir, ensinar ou fornecer informações educativas.</p> |

⁵³ Essas abreviaturas foram utilizadas na planilha do Google Drive como forma de facilitar a contagem das ocorrências.

| | |
|--|--|
| | <p>Tem a finalidade de transmitir conhecimento, educar ou fornecer orientações úteis sobre um determinado assunto.</p> <p>Reflexivo (REF): ponderar sobre algo ou considerar diferentes perspectivas, incitando questionamentos e promovendo uma análise mais profunda de ideias, experiências ou questões.</p> |
|--|--|

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Em relação à obtenção dessas categorias emergidas, se deu pela seguinte maneira: as categorias 1, 2, 3, 6 e 7 foram derivadas tanto da articulação teórico-conceitual quanto da análise empírica; a categoria 4 foi obtida somente por meio da fundamentação teórico-conceitual, enquanto a categoria 5 emergiu somente pela articulação indutiva empírica. Especificamente nas categorias 4 e 7, houve uma combinação de conceitos teóricos.

Adicionalmente, considerando os conteúdos dos *posts* e o objeto do estudo, estabeleceu-se alguns parâmetros operacionais para detalhamento e descrição das postagens (**Quadro 4**) que serviram de instrumento para auxiliar no manuseio dos dados, contribuindo ainda na garantia de consistência das informações. Além disso, eles forneceram critérios específicos que orientaram a elaboração e estruturação da coleta e organização dos dados.

Quadro 4 - Parâmetros operacionais para organização, detalhamento e descrição das postagens (*posts*)

| | |
|---|--|
| LINK DA POSTAGEM | Registro dos <i>links</i> do material, caso seja preciso retornar para consultar novamente o conteúdo. |
| CAPTURE DE TELA | Gravação e armazenamento da imagem exata do conteúdo exibido no <i>post</i> . |
| DESCRIÇÃO DO POST: Impressões/Anotações/Observação | Relatar sobre o que o <i>post</i> se trata, assim como pareceres quanto ao conteúdo. |
| FEED: data do post | Data da publicação para documentar o <i>post</i> . |
| CURTIDAS NA DATA DA COLETA | Registro de quantas curtidas o <i>post</i> tinha na data de coleta. |
| TEMÁTICAS | Classificação do <i>post</i> por assuntos com a finalidade de facilitar a compreensão e exploração do conteúdo (AC). |

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Seguindo a explicação do percurso metodológico desenvolvido, os resultados e discussões serão descritos na seção subsequente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, serão apresentadas as informações coletadas, com o objetivo de compreensão dos resultados, fornecendo subsídios para responder às questões de pesquisa e alcançar os objetivos estabelecidos propostos neste estudo.

O intuito de exposição dos dados se deu inicialmente pela classificação geral do conteúdo em temáticas e curtidas conforme exposto no **Quadro 4** (seção 3.4) e depois prosseguiu a ordem das categorias descritas no **Quadro 3** (seção 3.4). Para organizar a visualização das análises, destacou-se em negrito a categoria identificada, seguida de seus desdobramentos, em que, caso tenha sido observado algum *post* bastante significativo referente à categoria, foram acompanhadas por imagem ilustrativa conforme se manifestaram empiricamente.

De acordo com AC, no primeiro momento foi possível realizar uma classificação temática, a partir da qual emergiram 10 categorias, como demonstrado a seguir.

Quadro 5 - Categorias temáticas emergidas da Análise de Conteúdo (AC) conforme incidência (número de ocorrências) no conteúdo das postagens:

| | TEMÁTICA GERAL DO POST | NÚMERO DE OCORRÊNCIAS |
|----|--|-----------------------|
| 1 | Violência contra a mulher | 60 (37,97%) |
| 2 | Representatividade da mulher em esferas da sociedade | 37 (23,41%) |
| 3 | Empoderamento da mulher | 15 (9,49%) |
| 4 | Desigualdade de gênero | 14 (8,86%) |
| 5 | Saúde da mulher | 10 (6,32%) |
| 6 | Maternidade | 7 (4,43%) |
| 7 | Direitos e legislação da mulher | 5 (3,16%) |
| 8 | Objetificação da mulher | 4 (2,53%) |
| 9 | Estereótipo da mulher | 4 (2,53%) |
| 10 | Combate ao machismo | 2 (1,26%) |

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

É necessário ressaltar que essas são as temáticas gerais identificadas. No entanto, elas são abordadas nos *posts* por meio de uma diversidade de assuntos, ao

passo que também são sinalizados outros temas subjacentes. Concernente ao **Quadro 5**, foi observado que a temática **1 - Violência contra a mulher**, se manifesta nos *posts* a partir dos seguintes assuntos: gordofobia, violência moral/abuso moral/assédio moral, violência jurídica, estupro/abuso sexual/assédio sexual, etarismo, violência contra as mulheres na política, violência obstétrica, racismo, violência doméstica, violência emocional/violência psicológica, feminicídio, violência legitimada pelo estado/violência institucional/desmonte de políticas públicas para mulheres vítimas de violência no governo do ex-presidente/institucionalização do machismo, violência em ambiente de trabalho, violência física, políticas públicas de enfrentamento à violência contra a mulher/luta contra a violência de gênero, opressão contra as mulheres e mulheres indígenas marginalizadas. Apresenta-se na **Figura 6** um *post* exemplar que explora a temática da violência contra a mulher.

Figura 6 - Post que aborda a temática da violência contra a mulher.



Fonte: Captura da tela do perfil Planeta Ella no Instagram (2023)

Nesta postagem, o conteúdo produzido pelo próprio perfil, é composto por um conjunto de *cards* em formato de carrossel que, juntamente com o texto da legenda, fornecem uma visão geral das conquistas dos direitos das mulheres e das políticas públicas voltadas para o combate à violência contra a mulher. Ademais, ressalta-se

a importância da data em questão "25 de Novembro - Dia Internacional de Luta contra a Violência à Mulher".

Por sua vez, a temática **2 - Representatividade da mulher em esferas da sociedade** é abordada nos *posts* através dos seguintes temas: ocupação de mulheres em espaços tradicionalmente masculinos, mulheres no movimento sindical, mulheres guerreiras/exército de mulheres, emancipação de mulheres quilombolas, emancipação de mulheres extrativistas, emancipação da mulher negra latino-americana, emancipação de mulheres indígenas, mulheres na literatura, mulheres PCD na literatura, mulheres no audiovisual, mulheres na ciência, mulheres negras na ciência, mulheres indígenas na ciência, mulheres na política, mulheres lésbicas na política, mulheres trans na política, mulheres mães na política, mulheres trans maternando, mulheres nos esportes, visibilidade de mulheres agricultoras, mulheres negras na música e mulheres guerrilheiras na ditadura.

No tocante à temática **3 - Empoderamento da mulher**, é evidenciada nos *posts* por meio dos seguintes tópicos: afirmação de identidade, feminismo, movimento feminista negro, sororidade⁵⁴, protagonismo feminino e luz à história das mulheres.

Esses assuntos relativos às três primeiras categorias temáticas foram separados para facilitar a visualização devido a sua alta incidência, porém, alguns deles são conectados entre si e podem surgir em outras subcategorias temáticas também. Assim, os tópicos abordados nas demais categorias serão consolidados e apresentados como temas subjacentes, sendo eles: discrepância de métodos contraceptivos entre homens e mulheres, disparidade de gênero na insegurança alimentar, disparidade de gênero no trabalho doméstico, educação sexual, relações de poder, liberdade feminina, desvalorização da mulher, *mansplaining*⁵⁵, machismo estrutural, invisibilidade histórica das mulheres, pobreza menstrual, sobrecarga da

⁵⁴ A **sororidade** engloba a ideia de uma conexão fraterna entre mulheres, relacionada aos movimentos feministas contemporâneos. Ela modifica a forma como uma mulher percebe e se relaciona com outra, promovendo empatia, acolhimento e colaboração, desde situações cotidianas até iniciativas conjuntas de apoio mútuo entre mulheres.

⁵⁵ O ***mansplaining*** ocorre quando um homem faz uma exposição de conceitos evidentes para uma mulher, frequentemente adotando um tom condescendente, como se ela não fosse intelectualmente capaz para compreender tais assuntos. Infelizmente esse termo ainda não tem tradução para o português, mas literalmente falando seria "explicação do homem" ou "masculinexplicação".

mulher, privilégios masculinos, patriarcado, padrões de beleza misóginos, diversidade de gênero, sexismo, aborto, mulheres e ecologia, machismo velado e papéis na sociedade.

Evidenciou-se que a ocorrência desses assuntos reitera o propósito do perfil (descrito na seção 3.3) de trazer vários recortes, abordando experiências e desafios específicos enfrentados por mulheres que pertencem a diferentes grupos sociais, promovendo uma luta mais ampla e abrangente por justiça social. E ainda, no que tange à categoria **1 - Violência contra a mulher**, em meio a todas as formas de violência identificadas, é fundamental atentar para a **violência contra as mulheres na política**, também conhecida como violência política de gênero ou violência política sexista conforme a *Organization of American States* (OAS) no documento “Declaração sobre Assédio Político e Violência Contra as Mulheres” de 2015, pois esse é um tipo de violência que muitas vezes é vinculada às desinformações de gênero, “os desinformadores frequentemente empregam narrativas direcionadas ao gênero e à sexualidade das mulheres para romper a democracia”. (SOUZA, 2022, p. 54). De maneira geral, essa expressão de violência pode ser definida como: “atitudes praticadas em razão de **discriminação** de gênero, e cujo propósito seja minar, anular, impedir ou restringir os direitos políticos das mulheres.” (SOUZA *et al.*, 2023, p. 6). Isso pode incluir ações que ocorrem tanto em espaços públicos quanto privados, como o direito de ocupar cargos públicos, de votar de forma secreta, de se associar e se reunir, de realizar campanhas de forma livre e de exercer sua liberdade de opinião e expressão.

A violência pode ocorrer por meio virtual (com ataques em suas páginas, *fake news*⁵⁶ e *deepfakes*⁵⁷) e também nas ruas, quando as mulheres que atuam na política são atacadas por eleitores. Elas podem ser vítimas tanto em seus partidos como dentro de casa. As ações se dão de forma gradativa e podem chegar até ao assassinato. (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2023, n.p).

⁵⁶ Aqui no presente estudo, optou-se por utilizar o termo desinformação, visto que abrange todo o fenômeno que envolve e abarca as notícias falsas (*fake news*), que por sua vez, se restringem a um tipo específico de informação falsificada. No entanto, é preciso ponderar que isso pode se contradizer, uma vez que as notícias não poderiam ser falsas.

⁵⁷ Tecnologia utilizada para criar vídeos falsos em que geralmente envolve a substituição do rosto das pessoas, sincronização de movimentos labiais, expressões e outros movimentos de forma realista.

No Brasil, dentre os casos extremos desta forma de violência, pode-se mencionar o assassinato da vereadora Marielle Franco, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) no Rio de Janeiro, em 2018.

Direcionando o enfoque para o engajamento especificamente por curtidas, observou-se uma grande diferença entre o *post* mais popular, que recebeu um total de 156.185 curtidas, e o *post* menos popular, com apenas 299 curtidas. Esses números podem indicar que a postagem com maior repercussão (**Figura 7**) pode ter despertado mais interesse, relevância e impacto entre os seguidores ou até por envolver uma personalidade popular, resultando em maior interação por meio das curtidas. Todavia, vale ressaltar que para obter uma dimensão mais abrangente dessa questão, seria enriquecedor examinar também os comentários, compartilhamentos e *directs*⁵⁸. No entanto, os comentários, como mencionado anteriormente, não foram incluídos na coleta de dados, e as informações sobre compartilhamentos e *directs* são acessíveis apenas ao proprietário do perfil.

Figura 7 - *Post* que recebeu maior volume de curtidas no período da coleta dos dados.



Fonte: Captura da tela do perfil Planeta Ella no Instagram (2023)

Nessa publicação, foi compartilhado um *print screen* de um *tweet* que aborda uma situação concreta relacionada aos estereótipos de gênero (NICHOLSON, 2000) e aos papéis impostos às mulheres pela sociedade de forma patriarcal. Através

⁵⁸ Fruto das interações no aplicativo que viabiliza a troca privada de mensagens de texto, fotografias, publicações e *stories* com uma ou múltiplas pessoas.

dessa publicação faz-se possível evidenciar as dinâmicas sociais que perpetuam desigualdades e injustiças baseadas no gênero. Ao apresentar essa situação, o conteúdo do *post* se propõe a estimular reflexões sobre a necessidade de questionar e desafiar esses estereótipos, buscando uma sociedade mais equitativa e inclusiva. No caso em questão, a política Gleisi Hoffman se manifesta contra o discurso carregado de rótulos e estereótipos proferido pela jornalista Eliane Castanheda, que afirmou que Janja (socióloga e esposa do Presidente Lula) ocupa um espaço excessivo na política e na esfera presidencial.

Posteriormente, em relação à categoria **1 - Ações de informação/Práticas informacionais** constante no **Quadro 3**, verificou-se que todos *posts* que repostaram um conteúdo, acabaram também reutilizando esse material adicionando informações, mesmo que apenas na legenda. Deste modo, considerando que a legenda também foi incluída na análise, embora o compartilhamento e o reuso de informações sejam distintos, devido a fatores operacionais, essas duas subcategorias foram combinadas de maneira empírica. Ao examinar esses dados, foi possível observar a dinâmica de conteúdo produzido pelo próprio perfil, bem como suas particularidades. Além disso, constatou-se o padrão de conteúdos compartilhados e reutilizados, indicado no **Quadro 6**. Essas variantes do conteúdo demonstradas a seguir não foram quantificadas devido à circunstância de que elas só foram identificadas num segundo momento do estudo, a partir de releituras do material, posteriormente à coleta e organização dos dados.

Quadro 6 - Ações de informação - práticas informacionais conforme incidência (número de ocorrências).

| PRODUÇÃO DA INFORMAÇÃO | COMPARTILHAMENTO E REUSO DA INFORMAÇÃO |
|---|--|
| 55 (34,81%) | 103 (65,18%) |
| Variante do conteúdo: notícias, celebrações, dedicatórias, homenagens, atualidades, curiosidades, saberes aplicados, denúncias, reivindicações e advertências. | Variante do conteúdo: notícias, reflexões, relatos, reportagens, entrevistas, representações humorísticas, sátiras, dados estatísticos, denúncias, reivindicações e ensinamentos. |

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Foi constatado que o perfil tem uma maior frequência de compartilhamento e reuso de informações em comparação à produção de conteúdo original, essa prática

informativa pode ser atribuída a diferentes motivos, incluindo a intenção de fornecer valor aos seus seguidores, selecionando cuidadosamente postagens de outras fontes que consideram relevantes, interessantes e informativas. Nesse caso, o perfil atua também como um curador de conteúdo “ferramenta que aumenta drasticamente os níveis de eficiência e assertividade da navegação” (GORDON, 2014, p. 152), buscando oferecer uma variedade de informações e perspectivas para seus seguidores. Identificou-se inclusive que uma parcela significativa de postagens é repostada do perfil Mídia Ninja⁵⁹, o que pode sugerir uma parceria e/ou colaboração mútua na divulgação de informações e na ampliação do alcance de ambos os perfis. Um *post* que ilustra a **categoria 1** relacionado ao compartilhamento e reuso de informações, que teve maior incidência, e consequentemente a **categoria 2**, indicando a **fonte** do conteúdo vindo diretamente do Instagram, mais precisamente do perfil @vamosjuntasorg, pode ser observado na **Figura 8**.

Figura 8 - Post com exemplo de compartilhamento e reuso de informações.



Fonte: Captura da tela do perfil Planeta Ella no Instagram (2023)

Nessa publicação, é feito o compartilhamento e reuso (por meio da legenda) de um conjunto de *cards* de outro perfil, contendo informações e dados pertinentes

⁵⁹ A Mídia Ninja é uma plataforma de comunicação que tem sua abordagem reconhecida por uma atuação engajada nas questões sociais, políticas e identitárias, se posicionando como uma alternativa à mídia convencional. “Entendemos a comunicação democrática como um direito humano e defendemos o interesse público, a diversidade cultural e o direito à informação, visibilizando pautas de comunicação, causas identitárias, cultura, meio ambiente, juventude e outras que dialogam com os desafios do século XXI.” (MÍDIA NINJA, 2023, n.p).

sobre a flexibilização das leis de posse de armas durante o governo do ex-presidente, e como isso está intrinsecamente ligado à violência contra mulheres e, conseqüentemente, aos feminicídios.

No que diz respeito às plataformas repostadas pertencentes à categoria **2 - Fontes do Quadro 3**, foram registrados os seguintes resultados destacados no **Quadro 7**, demonstrando a intercambialidade das redes sociais, ainda que com uma frequência restrita aqui no caso do perfil. O maior número de repostagens provenientes do Instagram revela um movimento endogênico, que em certa medida, evidencia que essas informações não são apenas produzidas, mas também compartilhadas e reutilizadas com a intenção de alcançar a própria audiência da plataforma.

Quadro 7 - Plataformas provenientes das repostagens conforme incidência (número de ocorrências).

| INSTAGRAM | TWITTER | YOUTUBE | TIKTOK |
|-------------|-------------|-----------|-----------|
| 81 (78,64%) | 20 (19,41%) | 1 (0,97%) | 1 (0,97%) |

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

No que se refere aos suportes multimídias empregados nas postagens relacionadas à categoria **3 - Hiperlinks do Quadro 3**, foram documentados os resultados mencionados no **Quadro 8**. É relevante salientar que a categoria exclusivamente textual se refere a situações em que a publicação consiste unicamente em texto, acompanhado da respectiva legenda.

Quadro 8 - Suportes utilizados para apresentação da postagem conforme incidência no *feed* (número de ocorrências).

| IMAGEM + TEXTO | VÍDEO + TEXTO | TEXTO | GIF ANIMADO + TEXTO |
|----------------|---------------|-------------|---------------------|
| 105 (66,45%) | 32 (20,45%) | 20 (12,65%) | 1 (0,63%) |

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A preponderância de imagens (e texto) no Instagram, em comparação aos vídeos, pode significar que as postagens visuais estáticas sejam mais comuns. Essa preferência por imagens pode ser atribuída a vários fatores, como a facilidade de compartilhamento, a visualização rápida do conteúdo, e a capacidade de transmitir uma mensagem ou contar uma história de forma visualmente marcante. Um exemplo

que se enquadra na **categoria 3**, no contexto de **imagem+texto**, pode ser visualizado na **Figura 9**.

Figura 9 - Post que apresenta imagem+texto.



Fonte: Captura da tela do perfil Planeta Ella no Instagram (2023)

Nesse *post*, é apresentado um carrossel de *cards* com imagens e texto, juntamente da legenda textual, em que aborda brevemente a história da baiana Leolinda de Figueiredo Daltro (1859-1935), que lutou pelo voto feminino no Brasil e foi uma das fundadoras do Partido Republicano Feminino, em 1910. Além de ser feminista, Leolinda também apoiava a causa indígena e tinha o objetivo de integrar os povos indígenas do Brasil à sociedade por meio da educação, especialmente sem qualquer abordagem religiosa.

As hipermídias podem auxiliar nos letramentos, pois oferecem uma forma interativa e multimodal de acesso à informação (FREDERICO, 2016). Elas podem combinar diferentes formas de comunicação, como texto, imagens, vídeos, áudios e animações. Isso permite que os indivíduos explorem e compreendam informações de maneiras diversas, adaptando-se às suas preferências e estilos de aprendizagem. Elas podem também incentivar a interação ativa dos usuários. Ademais, essa interatividade aumenta o engajamento e a motivação, tornando o processo aprendizagem mais imersivo, permitindo navegar e explorar o conteúdo de forma não linear, seguindo os interesses e necessidades das pessoas. “É de se

esperar que as multimídias interativas mudem a forma de letramento. De fato, é isso que acontece” (CALDIN; BLATTMANN, 2020, p. 694).

Em contrapartida, adentrando no contexto das desinformações, para viabilizar a identificação de postagens que manifestassem algo no conteúdo com teor desinformativo (não com intencionalidade em espalhar informações falsas, mas sim com o propósito de detectar tópicos que poderiam abrigar desinformações), utilizou-se de suporte e apoio a categoria **4 - Formas de desinformação de gênero** por meio das subcategorias: boatos, difamação/detração, deturpação, rótulos, suposição, descontextualização, informação manipulada, informação fragmentada, informação tendenciosa, informação falsa e apagamento da realidade.

Qualquer publicação em que tenha sido observada alguma das características mencionadas nas subcategorias foi classificada como uma ocorrência de desinformação, sendo fundamental destacar que uma única postagem poderia ocorrer a presença simultânea de várias subcategorias (**Tabela 1**).

Tabela 1 - Formas de desinformação de gênero conforme incidência no *feed* (número de ocorrências).

| FORMAS DE DESINFORMAÇÃO DE GÊNERO | OCORRÊNCIAS/ PORCENTAGEM |
|--|-----------------------------|
| RÓTULOS/SUPOSIÇÕES | 13 (25,49%) |
| DESCONTEXTUALIZAÇÃO/ APAGAMENTO DA REALIDADE | 13 (25,49%) |
| RÓTULOS/SUPOSIÇÃO/DIFAMAÇÃO/DETRAÇÃO | 12 (23,52%) |
| DETURPAÇÃO/RÓTULOS/ SUPOSIÇÃO/ DESCONTEXTUALIZAÇÃO | 4 (7,84%) |
| DETURPAÇÃO/SUBTRAÇÃO DA REALIDADE | 4 (7,84%) |
| RÓTULOS/SUPOSIÇÃO/ INFORMAÇÃO MANIPULADA/ DESCONTEXTUALIZAÇÃO | 2 (3,92%) |
| INFORMAÇÃO FRAGMENTADA/ INFORMAÇÃO TENDENCIOSA/ INFORMAÇÃO MANIPULADA | 1 (1,96%) |
| APAGAMENTO DA REALIDADE | 1 (1,96%) |
| BOATOS/ DIFAMAÇÃO/DETRAÇÃO | 1 (1,96%) |
| SUBTOTAL DESINFORMAÇÕES | 51 (32,27%) |

| | |
|--------------------|------------|
| TOTAL DE POSTAGENS | 158 (100%) |
|--------------------|------------|

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Desta maneira, somou-se o total de **51 posts** com desinformação de gênero, equivalente a 32,27% do total de postagens coletadas (158). Com o intuito de ilustrar um *post* que abordasse questões com premissas desinformativas, apresenta-se na **Figura 10** um exemplo:

Figura 10 - Post com exemplo de desinformação que afeta especificamente mulheres.



Fonte: Captura da tela do perfil Planeta Ella no Instagram (2023)

Esse *post* traz um carrossel de *cards* com ilustrações retratando situações em que as mulheres enfrentam discriminação de gênero, evidenciando a disparidade de julgamento em relação a comportamentos iguais entre homens e mulheres, ou seja estereótipos pré estabelecidos (NICHOLSON, 2000). Em suma, essas disparidades são atribuídas às questões arraigadas na estrutura patriarcal da sociedade (LOURO, 1995). No entanto, com base nos objetivos da pesquisa, foi identificada também de forma subjetiva a presença de desinformação de gênero (assinalada na subcategoria desinformação não evidente/explicita na **Tabela 2**), caracterizada por **deturpação, rótulos, suposições e descontextualização**.

A partir disso, expresso na categoria **5 - Ocorrência de desinformação de gênero** do **Quadro 3**, foi verificado se o referido conteúdo apresentava a desinformação de forma clara e explícita, se transmitia uma mensagem contra a

desinformação, se a desinformação era facilmente identificável ou se tratava de uma denúncia de desinformação (**Tabela 2**).

Tabela 2 - Ocorrência de desinformação de gênero conforme incidência no *feed*.

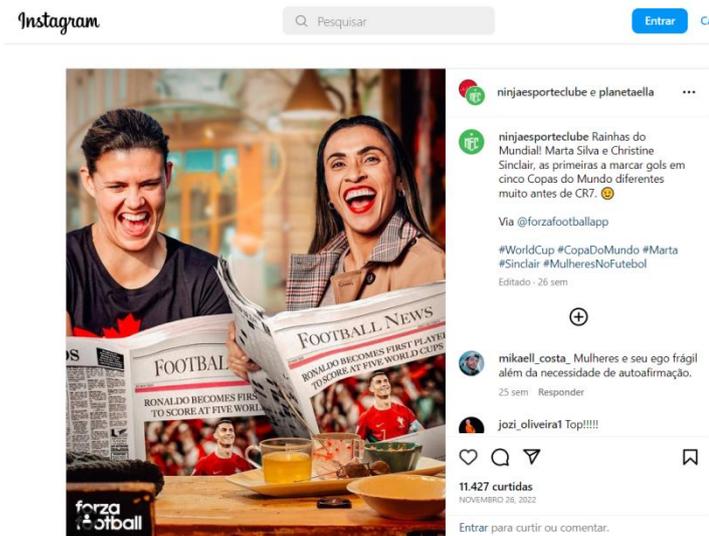
| DESINFORMAÇÃO DE GÊNERO PRESENTE NO POST | OCORRÊNCIAS/PORCENTAGEM |
|---|--------------------------------|
| AUSÊNCIA DE DESINFORMAÇÃO | 107 (67,72%) |
| DESINFORMAÇÃO NÃO EVIDENTE/EXPLÍCITA | 30 (18,98%) |
| MENSAGEM CONTRA A DESINFORMAÇÃO | 16 (10,12%) |
| DESINFORMAÇÃO EVIDENTE | 5 (3,16%) |
| DENÚNCIA DE DESINFORMAÇÃO | 0 (0%) |
| SUBTOTAL DESINFORMAÇÕES | 51 (32,27%) |
| TOTAL DE POSTAGENS | 158 (100%) |

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A ausência de denúncias de desinformação pode indicar que muitos aspectos em nossa sociedade, especialmente em relação às estruturas que destacam as desigualdades de gênero, ainda não são amplamente atreladas a questões desinformativas, mesmo que sejam evidentes. Isso ilustra em certa medida as relações desiguais de poder (SCOTT, 1995), em que uma parcela da sociedade persiste em perpetuar essas dinâmicas em curso.

Referente à subcategoria **desinformação evidente**, com o objetivo de exemplificar um *post* que trate de questões com premissas desinformativas, apresenta-se a **Figura 11**.

Figura 11 - Post com exemplo de desinformação evidente.



Fonte: Captura da tela do perfil Planeta Ella no Instagram (2023)

Neste caso, é possível observar duas renomadas jogadoras de futebol, Marta Silva (brasileira) e Christine Sinclair (canadense), que foram as primeiras a marcar gols em cinco Copas do Mundo diferentes. De forma descontraída e irônica, elas seguram um jornal impresso com uma manchete que diz "[Cristiano] Ronaldo *becomes first player to score at five World Cups*". Aqui, a desinformação reside na manchete, que além de trazer informações falsas, acaba minimizando as conquistas já alcançadas pelas duas mulheres, apagando a realidade (JUDSON, 2020). Não há confirmação se o jornal mostrado na postagem é real, no entanto, verificou-se que essa manchete foi veiculada em diversos meios de comunicação *online*. Alguns, posteriormente, corrigiram a informação, acrescentando um "*first male*", como se fosse apenas uma questão léxica.

Dos 51 *posts* com desinformação de gênero, conforme a categoria **6 - Tipificação da desinformação** do **Quadro 3**, 28 foram identificados em *Disinformation* e 23 em *Misinformation*, tal como evidenciado na **Tabela 3**, demonstrando se a natureza da desinformação que o conteúdo abordava era intencional ou não.

Tabela 3 - Tipificação da desinformação conforme incidência (número de ocorrências)

| TIPOS | OCORRÊNCIAS/ PORCENTAGEM |
|-----------------------|-----------------------------|
| <i>DISINFORMATION</i> | 28 (54,9%) |
| <i>MISINFORMATION</i> | 23 (45,09%) |
| TOTAL | 51 (100%) |

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A propagação de *misinformation* e *disinformation* tem o poder de influenciar significativamente as ações e práticas das pessoas. Nesse contexto, a presença da materialidade é observada, mesmo que a essência daquilo que é transmitido seja direcionada por distorções, equívocos ou argumentos falaciosos, seja de forma honesta ou desonesta, com ou sem intenção de enganar, e com falta de compromisso com a representação precisa dos fatos ou com o resultado de um exercício intelectual sistemático. Para produzir desinformação, pode ocorrer, como anteriormente mencionado, a edição comprometida com o objetivo de distorcer e/ou corromper os fatos em benefício de interesses ou motivações políticas, econômicas, convicções, e valores, incluindo aspectos morais, ideológicos e religiosos (VIGNOLI; RABELLO; ALMEIDA, 2021, p. 10). Uma ilustração de postagem com *disinformation* pode ser observado na **Figura 12**.

Figura 12 - Post com exemplo de *disinformation*.

Fonte: Captura da tela do perfil Planeta Ella no Instagram (2023)

Nessa publicação, exclusivamente textual, compartilhada da plataforma Twitter, acrescida do texto da legenda, é discutido um caso ocorrido em 2022, envolvendo as meninas imigrantes venezuelanas que foram vítimas de assédio por parte do ex-presidente e posteriormente sujeitas a desinformações intencionais de gênero, acometendo-as a uma situação de vulnerabilidade (ele afirmou que “pintou um clima” entre ele e as meninas e sugeriu também que elas iriam “fazer programa”). Nessa situação, caracterizou-se como intencional, devido ao fato de que a intenção era de culpabilizá-las pelo assédio sofrido.

Entendendo o conteúdo pela sua natureza, a identificação das motivações por trás da disseminação intencional ou não da desinformação pode auxiliar na criação de estratégias eficazes para enfrentá-la. Essa compreensão possibilita a responsabilização daqueles que deliberadamente espalham informações enganosas, por meio de medidas legais, denúncias e/ou outras abordagens que possam combater esse fenômeno. A partir disso, é possível também educar as pessoas, por intermédio dos letramentos, sobre as táticas usadas para enganá-las, aumentando sua conscientização, criticidade e capacidade de discernimento em relação às informações encontradas, diminuindo, assim, sua suscetibilidade à manipulação.

Com base nisso, constatou-se que uma parcela significativa dos conteúdos abordados não traz a desinformação de gênero de maneira evidente e clara (não é o objetivo do perfil), porém opera de modo latente e preventivo na contribuição ao combate a desinformação quanto ao gênero feminino, expondo relatos verídicos e trazendo notícias com fontes procedentes. Isso pode acontecer por intermédio de assuntos subjacentes a essa temática tão preocupante e urgente enraizada através de percepções morais em nossa sociedade e que fomentam diversos letramentos.

Em última análise, quanto aos letramentos supramencionados, ao considerar a categoria **7 - Intencionalidade para letramentos** e a combinação de suas subcategorias como uma ferramenta de suporte para identificar possíveis letramentos, observou-se que todos os **158 posts** demonstram intencionalidades para letramento (independentemente de serem direcionados para o combate à desinformação ou não) como demonstrado na **Tabela 4**. Com efeito, é possível

sustentar que esse pode ser um dos objetivos centrais do perfil, cujo propósito é empoderar mulheres (como mencionado na seção 3.3) por meio do fornecimento de conhecimento e informações, promovendo e difundindo os diversos feminismos.

Tabela 4 - Ocorrência de letramentos combinando subcategorias conforme incidência.

| LETRAMENTOS | OCORRÊNCIAS/ PORCENTAGEM |
|--|-----------------------------|
| EXEMPLIFICATIVO | 35 (22,15%) |
| INFORMATIVO/EXPLICATIVO | 28 (17,72%) |
| REPRESENTATIVO | 17 (10,75%) |
| REFLEXIVO | 16 (10,12%) |
| EXEMPLIFICATIVO/REPRESENTATIVO/INFORMATIVO | 15 (9,49%) |
| EXEMPLIFICATIVO/INFORMATIVO | 14 (8,86%) |
| INFORMATIVO | 14 (8,86%) |
| EXPLICATIVO | 6 (3,79%) |
| INSTRUTIVO | 5 (3,16%) |
| INFORMATIVO/REPRESENTATIVO | 5 (3,16%) |
| REPRESENTATIVO/REFLEXIVO | 3 (1,89%) |
| TOTAL DE POSTAGENS | 158 (100%) |

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Na **Figura 13**, pode-se visualizar um exemplo de *post* que desconstrói algumas premissas desinformativas do gênero feminino relacionadas ao aborto. O propósito aqui é fomentar a conscientização e a compreensão, em que a intenção de letramento se evidencia através de *cards informativos e explicativos*.

Figura 13 - Post com possibilidades para o letramento contra a desinformação de gênero.



Fonte: Captura da tela do perfil Planeta Ella no Instagram (2023)

Nesse contexto, não foi demonstrado um exemplo característico da subcategoria com maior ocorrência (**exemplificativo**), mas sim a segunda mais frequente. Essa escolha foi feita com o intuito de evidenciar a conexão entre as possibilidades de letramento como forma de mitigar a desinformação de gênero, que é o foco da investigação.

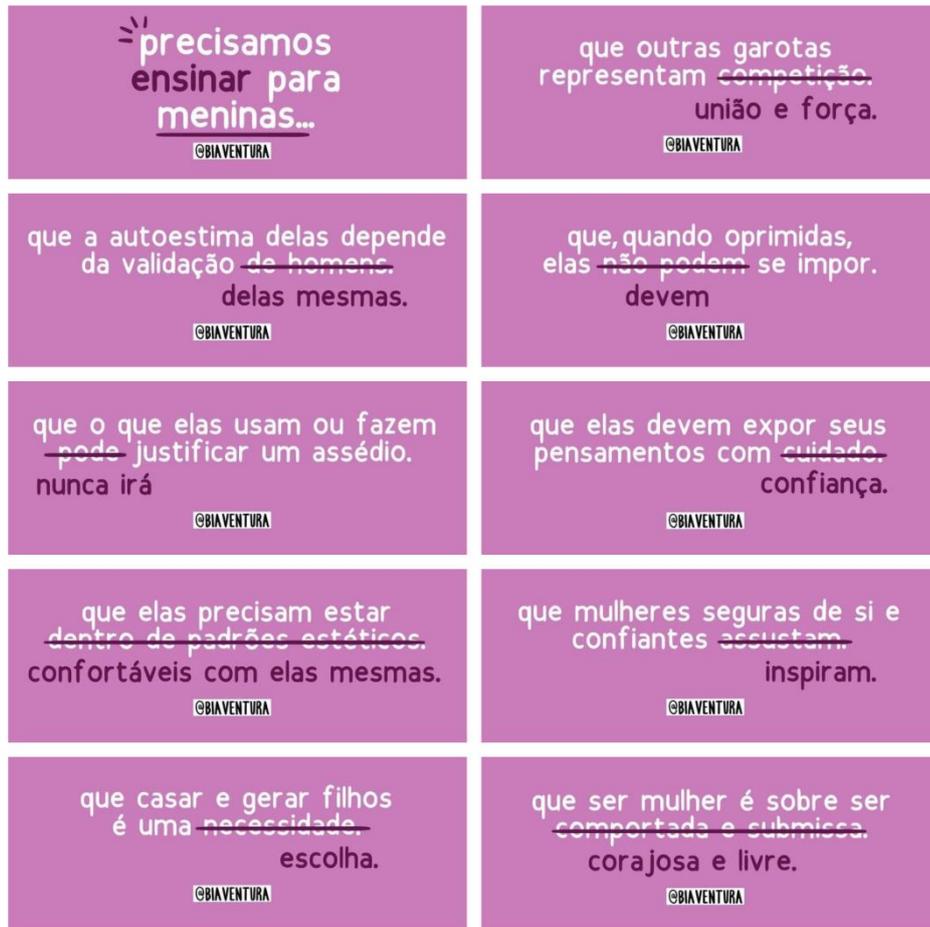
É perceptível também constatar que o perfil busca criar vínculo com seus seguidores por meio do conteúdo dos *posts*. Estabelecer uma conexão entre a mensagem e o receptor é fundamental para o êxito da comunicação e, por conseguinte, proporcionam letramentos que levam em consideração não apenas a própria comunicação, mas também a atitude, o contexto e a realidade dos indivíduos envolvidos, atribuindo assim significados ao código da mensagem (BARRETO, 2009).

Alternativamente, embora o *feed* no Instagram tenha como base o recurso textual (na legenda) que agrega e complementa os aparatos multimídia das postagens, ainda sim é difícil aprofundar-se nos conteúdos, justamente pela limitação de espaço que a plataforma proporciona, demonstrando o caráter mais instantâneo do Instagram, “[...] tem no seu nome a palavra instantâneo.” (LEMOS; SENA, 2018, p. 6). Deste modo, pode-se considerar sob certo aspecto que esse tipo

de conteúdo apresenta-se por meio de "pequenas doses de informação" ou até "*drops*" de informação: "*Drops*, do inglês gotas, representaria neste contexto pequenas doses de informação, ou seja, explicar conceitos, dar dicas e etc a partir de pequenas e rápidas informações por meio de uma postagem nas redes sociais." (HELLER, 2021, p.140).

Apesar de relativamente breves, os *posts* do perfil selecionado denotam criatividade aliada ao propósito de engajar pessoas, trazendo significativas pautas que devem ser consideradas, de maneira que elas possam proporcionar reflexões críticas nos indivíduos. Assim, para demonstrar um dos *posts* relacionados ao letramento, é apresentado na **Figura 14** um exemplo que acompanhava a seguinte legenda: "Quando a gente fortalece as meninas, prepara o mundo para grandes mudanças. Com autoestima, empoderamento e liberdade, o futuro será melhor para elas e para todo mundo. Arte @biaventura". O carrossel de *cards* foi compilado para que se possa visualizar o *post* na sua amplitude.

Figura 14 - Post com exemplo de possibilidades de letramentos.



Fonte: Captura da tela do perfil Planeta Ella no Instagram (2023)

Nesse *post*, pode-se contemplar intencionalidades para letramentos que trazem mensagens de empoderamento feminino, estimulando a **reflexão** sobre a redefinição dos papéis de gênero na sociedade, que historicamente têm colocado as mulheres em desvantagem (BUTLER, 1990; NICHOLSON, 2000; PINTO, 2011).

Acerca da postagem da **Figura 15**, conjuntamente do texto da legenda, é factível perceber um exemplo de intencionalidade para letramento **informativo e representativo**.

Figura 15 - Post com exemplo de possibilidades de letramento informativo e representativo.



Fonte: Captura da tela do perfil Planeta Ella no Instagram (2023)

Esta publicação aborda um conteúdo composto por **imagem+texto**. A imagem mostra a **representação** de uma criança indígena brasileira. O material foi fundamentado no **compartilhamento e reuso** de informações provenientes de outro perfil no Instagram, juntamente com o texto da legenda produzido pelo próprio perfil. Nesse contexto, é abordada de forma sucinta, porém significativa, a importância da valorização e celebração das mulheres indígenas pertencentes aos povos originários da América Latina. Além de serem mulheres fortes e resilientes, desempenham também um papel essencial na preservação do meio ambiente, na conservação da biodiversidade e no desenvolvimento de estratégias sustentáveis para o futuro saudável para o planeta.

É preciso considerar, portanto, que esses processos de letramento, tanto para combater e mitigar a desinformação de gênero, quanto para outras pautas abordadas no perfil, podem se expressar por distintas maneiras, incluindo a valorização e exposição das diversas experiências femininas. Nesse sentido, fica evidente que o Planeta Ella se tornou um espaço significativo para a disseminação do feminismo, auxiliando na construção de uma comunidade virtual de mulheres empoderadas e atuantes. No entanto, é fundamental reconhecer que esses letramentos não devem ser vistos como um objetivo final, mas sim como um meio ou instrumento para promover a transformação social por meio do imaginário coletivo. A

conscientização e o ativismo devem ir além das telas, se traduzindo em ações concretas no mundo real. É necessário que esses letramentos possam ser aplicados também em práticas cotidianas, na busca por mudanças estruturais e na promoção da equidade de gênero em todas as esferas da sociedade.

E por fim, para efeitos de verificação e visualização das informações, os *links* correspondentes às postagens ilustradas nas figuras nesta seção foram incluídos no **Quadro 9** do APÊNDICE B.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa empreendida nesta dissertação explorou as práticas informacionais no Instagram de um perfil feminista (analisando especificamente as postagens do *feed* @planetaella), visando compreender as possibilidades de letramentos disponíveis para combater e mitigar a desinformação de gênero. Conforme mencionado na seção introdutória, vários fatores, como elementos epistemológicos, metodológicos, contextuais e pessoais, despertaram o interesse em compreender, à luz da Ciência da Informação como área transdisciplinar, em seu paradigma social, as práticas informacionais, a desinformação e suas variantes, pós-verdade, desinformação de gênero, violência contra a mulher, questões de gênero, e distintos letramentos. Dessa forma, ao adotar uma abordagem que reconhece a natureza social e coletiva do uso da informação, este trabalho distingue-se de outros estudos recentes que tenham o Instagram como plataforma de práticas sociais fundamentadas na produção, compartilhamento e reuso da informação.

Nesse sentido, as discussões propostas permitiram a aproximação desses aspectos conceituais levando em consideração o cenário informacional moldado pelas inovações tecnológicas na *web* social. Compreender como as práticas informacionais se efetivam pelas transformações digitais é fundamental para investigar as dinâmicas de produção, compartilhamento e reuso de informações nas plataformas *online*. A interação entre os conceitos da CI e o contexto das inovações tecnológicas na *web* social contribui para uma interpretação mais completa das implicações e dos desafios atuais relacionados à desinformação, aos letramentos e à construção do conhecimento em ambiente digital.

Além disso, partindo do pressuposto que a desinformação de gênero é extremamente prejudicial e nefasta para a sociedade, uma vez que perpetua as relações desiguais de poder, reforçando a marginalização da mulher como segundo sexo, é de suma importância buscar meios de letramentos que possam efetivamente contribuir para combater essa problemática. Por meio de letramentos adequados, é possível empoderar indivíduos, desconstruir estereótipos de gênero, promover a igualdade e fomentar uma consciência crítica, oferecendo-lhes ferramentas para identificar, questionar e confrontar informações equivocadas e prejudiciais

relacionadas a questões de gênero. Dessa forma, os letramentos tornam-se aliados na luta contra a desinformação de gênero, colaborando para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e igualitária.

Fruto de um abrangente processo metodológico, que envolveu um levantamento bibliográfico, seguido por uma exploração na web, com o recorte do Instagram, no sentido de elencar qual seria o perfil mais produtivo que pudesse tencionar a relação de letramento e desinformação de gênero, selecionou-se o perfil Planeta Ella e a partir dele conduziu-se uma Análise de Conteúdo (AC), perfazendo um *corpus* de 158 postagens, no qual, emergiram categorias temáticas e de investigação que se materializaram tanto empiricamente, de forma indutiva, quanto com base em aspectos teóricos e conceituais. Essa exploração permitiu também, ainda que de forma preliminar, a visualização de uma gama de manifestações relacionadas à violência contra a mulher, sendo um elemento articulador com a desinformação de gênero.

É evidente que o Instagram, por intervenção dos algoritmos, segue uma logicidade mercadológica e por vezes imediatista/efêmera. Porém, paralelamente, está inserido na rotina de milhares de pessoas, como um hábito diário. Portanto, para que haja um equilíbrio entre sua dimensão comercial e seu potencial de uso entre os sujeitos, é urgente encontrar maneiras de utilizá-lo de forma mais consciente e crítica, dinâmica essa que o Planeta Ella possibilita aos seus seguidores por meio do seu conteúdo.

Para tanto, através da AC, observou-se que o perfil selecionado oferece uma variedade de conteúdos que trazem visibilidade e engajamento para questões feministas, promovendo a conscientização, o diálogo e a reflexão crítica entre suas seguidoras, informando, educando e inspirando mulheres, embora também conte com seguidores de outros gêneros e/ou características. E, além disso, por meio das postagens, o perfil também cria um ambiente de solidariedade, construindo uma rede de apoio e encorajamento para as mulheres enfrentarem os desafios e as opressões impostas pela sociedade.

É necessário destacar que apenas um terço dos materiais analisados estavam pautados em desinformação de gênero, evidenciando a predominância de

elementos relacionados ao letramento de gênero no perfil analisado. Sendo assim, é viável inferir que as práticas informacionais adotadas priorizam abordagens que difundem o conhecimento e a sensibilização sobre questões de gênero. Essa constatação é reforçada pela total ausência de conteúdos que denunciam casos de desinformação (sendo essa uma das subcategorias emergidas de maneira indutiva, visto que o perfil apresentava outros tipos de denúncias).

Embora o perfil não seja direcionado especificamente para o combate à desinformação de gênero, ele fornece oportunidades de letramentos que impactam na capacidade das mulheres de reconhecer e resistir a discursos enganosos e prejudiciais e podem também capacitar as mulheres a se tornarem agentes ativas na busca por igualdade de gênero, na desconstrução de estereótipos e na defesa de seus direitos, exigindo políticas públicas que garantam a igualdade de gênero e desafiando as estruturas de poder opressivas. Inclusive, o perfil se destaca como um espaço de resistência e construção de identidades feminina (e suas diversidades), em que é fundamental fomentar o diálogo e a participação ativa na construção de uma comunidade virtual mais inclusiva e informada, onde as vozes e experiências marginalizadas sejam valorizadas e os discursos de ódio e desinformação combatidos.

Em virtude de tais constatações, sugere-se pesquisas que possam oferecer contribuições para as discussões relacionadas ao assunto no campo da Ciência da Informação, especialmente no que diz respeito aos princípios éticos da informação referentes as práticas informacionais, letramentos e desinformação, bem como os aspectos fronteiriços da moralidade e estrutura social.

REFERÊNCIAS

- ANDERSEN, J.; SØE, S. O. Communicative actions we live by: The problem with fact-checking, tagging or flagging fake news – the case of Facebook. **European Journal of Communication**, v. 35, n. 2, p. 26 -139, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0267323119894489#bibr29-0267323119894489>. Acesso em 13 maio 2021.
- ARAÚJO, C. A. A. Estudos de usuários conforme o paradigma social da ciência da informação: desafios teóricos e práticos de pesquisa. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 23-39, 2010.
- ARAÚJO, C. A. A. Estudos de usuários da informação: comparação entre estudos de uso, de comportamento e de práticas a partir de uma pesquisa empírica. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 1, n.1, p. 61-78, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/index.php/informacaoempauta/article/view/2970>. Acesso em: 03 out. 2022.
- ARAÚJO, C. A. A. O que são “práticas informacionais”? **Informação em pauta**, Fortaleza, v. 2, n. esp., p. 217-236, out. 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20655/31068>. Acesso em: 04 out. 2022.
- ARAÚJO, C. A. A. Uma história intelectual da ciência da informação em três tempos. **RACIn - Revista Analisando em Ciência da Informação**, João Pessoa, v. 5, n. 2, p. 10-29, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/80719>. Acesso em: 13 maio 2021.
- ARAÚJO, C. A. A. A pós-verdade como desafio central para a ciência da informação contemporânea. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 13-29, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/101666>. Acesso em: 11 set. 2022.
- ARAÚJO, C. A. A.; DUARTE, A. B. S.; DUMONT, L. M. M. As perspectivas de estudos sobre os sujeitos no PPGCI/UFMG. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, p. 85-101, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22272>. Acesso em: 2 set. 2022.
- ARAÚJO, E. A. Informação, sociedade e cidadania: práticas informacionais de organizações não governamentais (ONGs) brasileiras. **Informação e Informação** 248. Londrina, v. 6, n. 1, p. 31-54, 2001. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1683>. Acesso em: 13 maio 2021.
- BANDEIRA, L. M. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 29, n.2, p. 449-469, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/QDj3qKFJdHLjPXmvFZGsrLq/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 maio 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETO, A. A. Mediações digitais. **DataGramaZero**, [s. l.], v. 10, n. 4, p. 1-16, 2009. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/34503>. Acesso em: 20 abr. 2023.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENTO, B. É o queer tem pra hoje? Entrevista com Berenice Bento. **Áskesis**, São Carlos, v. 4, n. 1, p. 156, 2015. Disponível em: <https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/61>. Acesso em: 13 maio 2021.

BERTH, J. Empoderamento. São Paulo: Pólen, 2019.

BOURDIEU, P. **Distinction: a social critique of the judgement of taste**. London: Doutledge, 1984.

BRASIL. Decreto-lei nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932. **Diário Oficial da União**: seção 1, Rio de Janeiro, p. 3385, 26 fev. 1932. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21076-24-fevereiro-1932-507583-norma-pe.html>. Acesso em: 13 dez. 2021.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Política nacional de enfrentamento à violência contra as mulheres**. Brasília: SPM, 2011. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/politica-nacional-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres>. Acesso em 18 abr. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.104**, de 9 de março de 2015. Brasília. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm. Acesso em: 01 fev. 2023.

BRISOLA, A. C.; BEZERRA, A. C. Desinformação e circulação de “fake news”: distinções, diagnóstico e reação. In: XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19, 2018, Londrina. **Anais...** Londrina: Associação Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2018. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIX_ENANCIB/xixenancib/paper/view/1219/1636. Acesso em: 12 set. 2021.

BRISOLA, A. C.; ROMEIRO, N. L. A competência crítica em informação como resistência: uma análise sobre o uso da informação na atualidade. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 14, n. 3, 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1054>. Acesso em: 12 jan. 2021.

BROWN, E. Propaganda, misinformation, and the epistemic value of democracy. **A Journal of Politics and Society**, [s. l.], v. 30, n. 3-4, p. 194-218, 2019. Disponível

em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/08913811.2018.1575007>. Acesso em: 13 mar. 2022.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 4, n. 5, p. 351-360, 1991. Disponível em: [https://skat.ihmc.us/rid=1KR7VC4CQ-SLX5RG-5T39/BUCKLAND\(1991\)-informationasthing.pdf](https://skat.ihmc.us/rid=1KR7VC4CQ-SLX5RG-5T39/BUCKLAND(1991)-informationasthing.pdf). Acesso em: 13 maio 2021.

BUFREM, L. S.; NASCIMENTO, B. S. A Questão do Gênero na Literatura em Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 199-214, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/33285>. Acesso em: 14 set. 2022.

BUTLER, J. Corpos que Pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.) **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <https://moodle.ufrgs.br/pluginfile.php/4896342/course/section/3109530/louroguaciraLLopescorpoeducado.pdf>. Acesso em: 14 set. 2022.

BUTLER, J. **Gender trouble: Feminism and subversion of identit**. London: Routledge, 1990. Disponível em: http://lauragonzalez.com/TC/BUTLER_gender_trouble.pdf. Acesso em: 13 maio 2021.

CABAÑES, J. Digital disinformation and the imaginative dimension of communication. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, Columbia, v. 97, n. 2, p. 435-452, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1077699020913799>. Acesso em: 13 maio 2022.

CALDIN, C. F.; BLATTMANN, U. Letramento digital: e-books interativos para crianças. **Ágora: Arquivologia em debate**, Florianópolis, v. 30, n. 61, p. 680-702, 2020. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/937>. Acesso em: 10 maio 2023.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Violência política de gênero, a maior vítima é a democracia**. 2023. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/secretarias/secretaria-da-mulher/violencia-politica-de-genero-a-maior-vitima-e-a-democracia>. Acesso em: 05 abr. 2023.

CAMBRIDGE, Dictionary. **Definição de Web Social**. Cambridge University Press, 2022. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/social-web>. Acesso em: 02 set. 2022.

CAMPOS, M. de L.; ALMEIDA, G. H. M. D. Violência contra a mulher: uma relação entre dimensões subjetivas e a produção de informação. **Rdbci: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 15, n. 2, 2017. Disponível

em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8645969/pdf>. Acesso em: 13 mar. 2022.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: V ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Ciência da Informação, 2003. Disponível em: <http://www.capurro.de/infoconcept.html>. Acesso em: 09 set. 2021.

CAREGNATO, S. E. O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 8, p. 47-55, 2000. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/11663/1/artigoRBC.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2022.

CARVALHO, L. M.; ARAUJO, G. M. de; WELZEL, V. M.; SILVA, L. H. da. Comunicação humanizada nas mídias sociais digitais das organizações jornalísticas: estratégias de combate à desinformação. In: ENCONTRO VIRTUAL DA ABCIBER, 2020. **Anais...** São Paulo: ABCiber, 2020. Disponível em: <https://abciber.org.br/simposios/index.php/virtualabciber/virtual2020/paper/viewFile/1007/469>. Acesso em: 21 jan. 2022.

CORRÊA, E. C. D. Usuário, não! interagente. proposta de um novo termo para um novo tempo. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 19, n. 41, p. 23-40, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2014v19n41p23>. Acesso em: 03 nov. 2022.

COSTA, S. A. da. **Empresas e Consumidores On-line: a humanização do discurso como estratégia mercadológica nas mídias sociais**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/13142/1/DISSERTA%c3%87%c3%83%20S%c3%adlvia%20Almeida%20da%20Costa.pdf>. Acesso em: 15 set. 2022.

CURZI, Y. Disinformation (Gendered). In: BELLI, L.; ZINGALES, N.; CURZI, Y. **Glossary of platform law and policy terms**. Rio de Janeiro: FGV, 2021. Disponível em: https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/31365/0.%20MIOLO_Glossary%20of%20Platform%20Law_digital.pdf#page=148. Acesso em: 13 abr 2022.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DINIZ, S. N.; RODRIGUES, S. N. Avaliação de Cards em Posts de Rede Social Facebook para Campanha Educativa da Prevenção de Sarampo. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, Londrina, v. 21, n. 1, p. 2-7, 2020. Disponível em:

<https://revistaensinoeducacao.pgsscogna.com.br/ensino/article/view/7574>. Acesso em: 03 mar. 2023.

DODEBEI, V. (Des) Informação e [Pós] Verdade: possíveis contextos discursivo-conceituais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 117-137, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/99273>. Acesso em: 12 set. 2022.

DUARTE, A. B. S. **Práticas informacionais**: ensino e pesquisa. Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, n. XVIII ENANCIB, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/104264>. Acesso em: 22 out. 2022.

ELLISON, N. B.; BOYD, D. Sociality through social network sites. In: DUTTON, W. H. (Org.). **The Oxford handbook of internet studies**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 151-172.

FERREIRA, E. G. A.; ABREU, F. F.; LIMA, G. i M. C. de; SÁ, J. P. S. de. A construção do conceito de práticas informacionais pelos pesquisadores do EPIC, **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 4, n. esp., maio. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/41077>. Acesso em: 01 out. 2022.

FERREIRA, H. S.; SANTOS, R. do R.; AMARAL, L. A. F. de O. do. O uso dos dispositivos de comunicação da web social pelas instituições arquivísticas públicas estaduais brasileiras. **Informação@Profissões**, Londrina, v. 9, n. 2, p. 150-175, 2020. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/39166>. Acesso em: 5 set. 2022.

FERREIRA, M. A. G. O olhar como performance de gênero. letramento interseccional no instagram. **Revista Tecnologia & Cultura**, Rio de Janeiro, Edição especial, p. 83-92, 2021. Disponível em: http://www.cefet-rj.br/attachments/article/195/revista_especialPPRER.pdf. Acesso em: 5 set. 2022.

FIGUEIREDO, N. M. A. de. **Método e metodologia na pesquisa científica**. São Caetano do Sul: Difusão Paulista de Enfermagem, 2004. 247 p.

FIGUEIREDO, N. M. de. **Estudo de uso e usuários da informação**. Brasília: IBICT, 1994. 154 p. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/handle/1/452>. Acesso em: 01 out. 2021.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5>. Acesso em: 05 fev. 2023.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

FREDERICO, A. O futuro do leitor ou o leitor do futuro: o livro infantil interativo e os letramentos múltiplos. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, v. 26, n. 52, p. 101-120, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1994.

FREIRE, B. M. J.; AQUINO, M. A. Ciência da Informação: buscando abrigo para um sujeito. **Transinformação**, Campinas, v. 12, n. 2, p. 71-79, 2000. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1529/1503>. Acesso em: 12 nov. 2021.

GALVÃO, S. B.; CUNHA, M. B. da. Estudo de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23788>. Acesso em: 2 ago. 2022.

GARCIA, C. C. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOBBI, M. C.; BETTI, J. G.; ASSIS, I. P. de. Efemeridade e permanência: a tecnologia na construção de uma memória jornalística. **Razón y Palabra**, Quito, v. 21, n. 97, p. 346-360, 2017. Disponível em: <https://www.revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/998/pdf>. Acesso em: 2 ago. 2022.

GÓMEZ, M. N. G. O caráter seletivo das ações de informação. **Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 7-30, jul./dez. 1999. Disponível em: https://brapci.inf.br/_repositorio/2010/03/pdf_6d5abbbf137_0008552.pdf. Acesso em: 27 set. 2021.

GÓMEZ, M. N. G. Novas fronteiras tecnológicas das ações de informação: questões e abordagens. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 1. 2004.

GORDON, L. Paralelos entre a Curadoria de Conteúdo em Redes Sociais e a Gestão do Conhecimento. **Human Factors in Design**, Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 147-157, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/hfd/article/view/5164>. Acesso em: 05 fev. 2023.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio, Apicuri, 2013. Disponível em: https://moodle.ufrgs.br/pluginfile.php/4903865/mod_resource/content/1/INTRODU%C3%87%C3%83O%20S%20HALL.pdf. Acesso em: 16 mar. 2022

HARLAN, M. A. **Information practices of teen content creators: the intersection of action and experiences.** A Grounded Theory study. 2012. Thesis (Doctor of Philosophy) - School of Information Systems, Science and Engineering Faculty, Queensland University of Technology, Queensland, Austrália, 2012. Disponível em: http://eprints.qut.edu.au/57125/1/Mary_Harlan_Thesis.pdf. Acesso em: 16 mar. 2022.

HELLER, B. **Competências infocomunicacionais: ações em bibliotecas universitárias do rio grande do sul para combater a desinformação.** 2021. 189 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/231622/001133291.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05 abr. 2023.

HERRING, S. C. A faceted classification scheme for computer-mediated discourse. **Language@internet**, [s.l.], v. 4, 2007. Disponível em: <https://www.languageatinternet.org/articles/2007/761>. Acesso em: 10 fev. 2023.

HOPPEN, N. H. F. **Retratos da pesquisa brasileira em estudos de gênero: análise cientométrica da produção científica.** Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/220744/001123955.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 13 set 2022.

IGF. **Exploring the concept of Gendered Disinformation.** Katowice: IGF, 2021. Disponível em: https://www.intgovforum.org/en/filedepot_download/62/20661. Acesso em: 15 jul. 2022.

INFOCOM (org.). **Glossário de conceitos InfoComunicacionais.** Porto Alegre: InfoCom, 2020. 23 p. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/infocom/wp-content/uploads/2020/11/Glossario-Final-Revisado.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2021.

IZQUIERDO-IRANZO, P.; GALLARDO-ECHENIQUE, E. Studygrammers: learning influencers. **Comunicar: Media Education Research Journal**, [s.l.] v. 28, n. 62, p. 111-12, 2020. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ1239109>. Acesso em: 12 jan. 2023.

JONUSAITE, R.; SESSA, M. G.; WILFORE, K.; MECO, L. di. **Gender-based disinformation 101: theory, examples, and need for regulation.** Eu DisinfoLab, 2022. Disponível em: https://www.disinfo.eu/wp-content/uploads/2022/10/20221012_TechnicalDocumentGBD-2.pdf. Acesso em: 01 dez. 2022.

JUDSON, E.; ATAY, A.; KRASODOMSKI-JONES, A.; LASKO-SKINNER, R.; SMITH, J. **Engendering hate: the contours of state-aligned gendered disinformation online.** London: Demos, 2020. Disponível em: <https://demos.co.uk/wp-content/uploads/2020/10/Engendering-Hate-Report-FINAL.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2022.

JUNQUEIRA, A. H. **Literacias digitais no ensino-aprendizagem de professores: uma abordagem netnográfica dos cursistas do programa 150 Redefor-USP**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-16102014-094412/publico/AntonioHelioJunqueiraCorrigida.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2023.

KARLOVA, N. A.; FISHER, K. E. A social diffusion model of misinformation and disinformation for understanding human information behaviour. **Information Research**, Borås, v. 18, n. 1, 2013. Disponível em: <http://informationr.net/ir/18-1/paper573.html#.Y3E7vHbMKAs>. Acesso em: 21 jan. 2021.

KEMP, S. Digital 2023: Brasil. In: **We are social**. 2023a. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2023-brazil>. Acesso em: 5 maio 2023.

KEMP, S. **We are social**. 2023b. Disponível em: <https://wearesocial.com/uk/blog/2023/01/digital-2023/>. Acesso em: 5 maio 2023.

LARA, M. L. L. G. Informação, informatividade e linguística documentária: alguns paralelos com as reflexões de Hjørland e Capurro. **DataGramZero**, [s. l.], v. 9, n. 6, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/6550>. Acesso em: 20 maio 2022.

LAURETIS, T. de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5673685/mod_resource/content/4/DE%20LAURETIS%2C%20Teresa.%20A%20Tecnologia%20do%20G%2C%20A%20Anero%20%281987%29.pdf. Acesso em: 20 maio 2022.

LEAVER, T.; HIGHFIELD, T.; ABIDIN, C. **Instagram. Visual Social Media Cultures**. Cambridge, UK: Polity Press, 2020.

LELO, T. V.; CAMINHAS, L. R. P. Desinformações sobre gênero e sexualidade e as disputas pelos limites da moralidade. **Matrizes**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 179-203, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/179801>. Acesso em: 13 jan. 2022.

LEMO, A.; SENA, C. Mais livre para publicar: efemeridade da imagem nos modos “galeria” e “stories” do Instagram. **Revista Mídia e Cotidiano**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/10035>. Acesso em: 13 jan. 2022.

LOURO, G. L. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 101-132, 1995. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71722>. Acesso em: 13 jan. 2022.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARTELETO, R. M. Cultura da modernidade: discussões e práticas informacionais. **Revista Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 115-137, jul./dez. 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/38275>. Acesso em 23 abr. 2022.

MARTELETO, R. M. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p.89-93, 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/613>. Acesso em 23 abr. 2022.

MARTINEZ, F. Feminismos em movimento no ciberespaço*. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 56, p. 1-34, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/kb7C5tVWZP7nppBDSQjNqTm/?lang=pt#>. Acesso em: 05 fev. 2023.

MATTA, N. Fake news: o poder das notícias falsas. **Revista do Tribunal de Contas do Município do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 71, p. 6-9, 2019. Disponível em: http://www.tcm.rj.gov.br/Noticias/13573/revistaTCMRJ_n71_v13_opt.pdf. Acesso em: 14 dez. 2020.

MCKAY, S.; TENOVE, C. Disinformation as a threat to deliberative democracy. **Political Research Quarterly**, Salt Lake City, v. 74, n. 3, p. 703-717, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1065912920938143>. Acesso em: 13 jan. 2022.

MCKENZIE, Pamela J. A model of information practices in accounts of everyday-life information seeking. **Journal of Documentation**, Bingley, v.59, n.1, p.19-40, 2003. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/00220410310457993/full/html>. Acesso em: 23 set. 2022.

MEYER, M. Fake news, conspiracy, and intellectual vice. **Social Epistemology Review and Reply Collective**, [s. l.], v. 8, n.10, p. 9-19, 2019. Disponível em: <https://wp.me/p1Bfg0-4tp>. Acesso em: 13 jan. 2022.

MÍDIA NINJA. **Quem somos**. 2023. Disponível em: <https://midianinja.org/quem-somos/>. Acesso em: 05 maio 2023.

MONTARDO, S. P.; VALIATI, V. A. D.; SILVA, C. Affordances e produção de conteúdo no instagram: análise do perfil “fora do plástico”. **Comunicação &**

Informação, Goiânia, v. 25, p. 643-667, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/71600>. Acesso em: 11 jan. 2023.

MOSCOVICI, S. **A Representações Sociais**: investigações em psicanálise. Petrópolis: Vozes, 2003. Disponível em: https://moodle.ufrgs.br/pluginfile.php/4898219/mod_resource/content/1/MOSCOVICI%20%201%20PARTE%20O%20PODER%20DAS%20IDEIAS.pdf. Acesso em: 13 jan. 2022.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917>. Acesso em: 13 jan. 2022.

NICHOLSON, L. Feminism in “waves”: useful metaphor or not? **New Politics**, New York, v. 12, n. 4, 2010. Disponível em: https://newpol.org/issue_post/feminism-waves-useful-metaphor-or-not/. Acesso em: 05 fev. 2023.

OAS. **Declaration on political harassment and violence against women**. Disponível em: <https://www.oas.org/es/mesecvi/docs/DeclaracionViolenciaPolitica-EN.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2022.

OXFORD, Learner’s Dictionaries. **Definição de Pós-verdade**. Oxford University Press, 2022. Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/definition/english/post-truth?q=post-truth>. Acesso em: 02 set. 2022.

PALETTA, F. C.; MUCHERONI, M. L. O desenvolvimento da web 3.0: linked data e dbpedia. **Prisma.com**, Porto, n. 25, p. 73-90, 2014. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/1869>. Acesso em: 24 set. 2022.

PAGÁN, L. M.; ORTIZ, L. A. Web social y alfabetización informacional: experiencia en la Universidad de Puerto Rico. **E-Ciencias de la Información**, San José, v. 7, n. 1, p. 1-24, 2016. Disponível em: <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/eciencias/article/view/26374>. Acesso em: 5 out. 2022.

PEIXOTO, P. N.; ARAÚJO, R. F. de. Práticas informacionais na web social e os influenciadores digitais: uma análise espaço-temporal dos YouTubers brasileiros. **Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v. 8, n. 1, p. 162-187, 29 abr. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/852>. Acesso em 5 out. 2022.

PEREIRA, P. P. G. Queer nos trópicos. **Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 2, p. 371, 2012. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/88>. Acesso em: 5 out. 2022.

PEREIRA, P. P. G. Queer decolonial: quando as teorias viajam. **Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 5, p. 411, 2015. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/340>. Acesso em: 5 out. 2022.

PETTEGREE, A. **The Invention of News: How the World Came to Know About Itself**. New Haven: Yale University Press, 2014. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/j.ctt5vm7hz>. Acesso em: 11 set. 2022.
PILEROT, O.; HAMMARFELT, B; MORING, C. The many faces of practice theory in library and information studies. **Information Research**, [s.l.], v. 22, n. 1, mar. 2017. Disponível em: <http://informationr.net/ir/22-1/colis/colis1602.html>. Acesso em: 10 maio 2022.

PINHEIRO, M. M. K.; BRITO, V. de P. Em busca do significado da desinformação. **DataGramZero: Revista de Informação**, [s.l.], v.15, n.6, p.01-06, 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/45886>. Acesso em: 10 dez. 2020.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/GW9TMRsYgQNzxNjZNcSBf5r/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 9 dez. 2022.

PINTO, F. V. M.; ARAÚJO, C. A. A. Estudos de usuários: quais as diferenças entre os conceitos comportamento informacional e práticas informacionais? **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 6, n. 3, p. 15-33, 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/803>. Acesso em: 03 out. 2022.

PINTO, J. P. Ler e escrever sobre corpos: metodologia feminista para letramento de jovens. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 143, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/cn5XrmGnjqV49KSt4FwRT5m/?lang=pt#>. Acesso em: 03 set. 2022.

PLANETA ELLA. **Quem somos**. 2023. Disponível em: <https://planetaella.org/quem-somos/>. Acesso em 03 maio de 2023.

POELL, T.; NIEBORG, D.; VANDIJCK, J. Plataformização. **Revista Fronteiras - Estudos Midiáticos**, São Leopoldo, v.22, n.1, p.2-10, 2020. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.221.01/60747734>. Acesso em 05 fev. 2023.

PPGCIN UFRGS. **Área de concentração e Linhas de Pesquisa**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ppgcin/pesquisa/area-de-concentracao/>. Acesso em: 11 set. 2022.

RAIS, D. O que é "Fake news". **Portal Mackenzie**, São Paulo, 13 abr. 2017. Disponível em: <https://www.mackenzie.br/fakenews/noticias/arquivo/n/a/i/o-que-e-fake-news/>. Acesso em: 14 dez. 2020.

RECUERO, R. Atos de ameaça à face e à conversação em redes sociais na internet. In: PRIMO, A. (Org). **Interações em Rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

RECUERO, R.; BASTOS, M.; ZAGO, G. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

RODRIGUES, A. I. Representações LGBTQIA+ na publicidade televisiva e suas repercussões no Facebook. In: OLIVEIRA-CRUZ, M. F. de (Org.). **Publicidade e gênero: representações e práticas em questão**. Santa Maria: Facos-UFSM, 2018. 198 p. Disponível em: https://moodle.ufrgs.br/pluginfile.php/4896342/course/section/3109532/Publicidade_e_G%C3%AAnero_Oliveira-Cruz_Org_FACOS_UFSM_2019.pdf. Acesso em: 11 ago. 2022.

ROCHA, J. A. P.; DUARTE, A. B. S; PAULA, C. P. A. de. Modelos de práticas informacionais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 36–61, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/67014>. Acesso em: 29 out. 2022.

SAMPAIO, D. B.; LIMA, I. F.; OLIVEIRA, H. P. C. Estratégias fact-checking no combate à fake news: análises informacional e tecnológica no e-farsas e boatos.org. In: XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19, 2018, Londrina. **Anais...** Londrina: Associação Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/103103>. Acesso em: 10 dez. 2020.

SANTOS, C. A. dos. **Competência em Informação na formação básica dos estudantes da Educação Profissional e Tecnológica**. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/150036>. Acesso em: 16 dez. 2020.

SAVOLAINEN, R. Everyday life information seeking: approaching information seeking in the context of "way of life". **Library & Information Science Research**, Amsterdam, v. 17, n. 3, p. 259-294, 1995. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0740818895900489>. Acesso em: 06 maio 2022.

SAYÃO, L. F. Digitalização de acervos culturais, reuso, curadoria e preservação. In: SEMINÁRIO SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO E MUSEUS, 4., São Paulo, 2016. **Anais [...]**, 2016.

SCARTASSINI, V. B.; BARROS, T. H. B. Feminismo e ciência da informação: uma abordagem a partir da análise do discurso. **Informação & Informação**, Londrina, v.

26, n. 3, p. 450-477, 2021. DOI: 10.5433/1981-8920.2021v26n3p450 Acesso em: 03 maio 2023.

SILVA, C. R. S.; NUNES, J. V.; TEIXEIRA, T. M. C. Do conceito de informação ao discurso sobre competência em informação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 2, p. 185-205, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/158094>. Acesso em: 06 maio 2022.

SILVA, M. A. da. A técnica da observação nas ciências humanas. **Educativa – Revista de Educação**. Goiânia, v. 16, n. 2, p. 413-423, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/3101/1889>. Acesso em: 06 maio 2022.

SILVA, J. L. C. Pós-verdade e informação: múltiplas concepções e configurações. In: XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19, 2018, Londrina. **Anais...** Londrina: Associação Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/103784>. Acesso em: 12 set. 2021.

SILVA, M. P. da. **As práticas informacionais na produção científica dos pesquisadores na pós-graduação**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/35672>. Acesso em 13 abr 2022.

SILVA, S. S. da; TANUS, G. F. de S. C. O bibliotecário e as fake news. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 58-82, 27 dez. 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/41558/99877>. Acesso em 14. dez. 2020.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação & realidade**, Porto Alegre, v. 20, n.2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 21 jan. 2022.

SCHRAIBER, L. B. *et al.* Violência de gênero no campo da Saúde Coletiva: conquistas e desafios. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n.4, p. 1019-1027, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000400009. Acesso em: 18 maio 2022.

SOUSA, R. S. C. de. *et al.* Em busca de categorias de mansplaining: pesquisadoras compartilhando informações sobre violências sofridas. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, 2019. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/4603>. Acesso em: 13 maio 2021.

SOUSA, R. S. C de. *et al.* Fetichismo da desinformação na web: uma pandemia agravada. **Revista TOMO**, São Cristovão, n. 38, 2021. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/14452>. Acesso em: 13 dez. 2021.

SOUZA, E. D.; ARAÚJO, R. F. Monitoramento e métricas da informação na web social: dispositivos, usuários e redes sociais. *Ciência da Informação em Revista*, Maceió, v. 2, n. 1, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/35996>. Acesso em: 01 maio 2023.

SOUZA, C. de; FRIGO, D.; ROMERO L.; BORELLI, V. Violência Política de Gênero: A Circulação de Sentidos em Episódios Comunicacionais das Eleições de 2020. **Revista Comunicando**, Lisboa, v. 12, n. 1, p. e023005, 2023. Disponível em: <https://revistacomunicando.sopcom.pt/index.php/comunicando/article/view/308>. Acesso em: 22 abr. 2023.

SOUZA, L. **Violência Política de Gênero**: uma análise da tipologia a partir da vivência das parlamentares brasileiras. 2022. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direitos Humanos e Cidadania, Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/45242/1/2022_LadyaneKatlyndeSouza.pdf. Acesso em: 21 jan. 2023.

STAHL, B. C. On the difference or equality of information, misinformation, and disinformation: a critical research perspective. **Informing Science**, Santa Rosa, v. 9, p. 83-96, 2006. Disponível em: <http://www.inform.nu/Articles/Vol9/v9p083-096Stahl65.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2021.

STATISTA. **Distribution of Instagram users worldwide as of January 2023, by age and gender**. 2023A. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/248769/age-distribution-of-worldwide-instagram-users/>. Acesso em 01 maio 2023.

STATISTA. **Leading countries based on Instagram audience size as of January 2023**. 2023b. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/578364/countries-with-most-instagram-users/>. Acesso em 01 maio 2023.

STREET, B. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

STROMQUIST, N. P. Convergência e divergência na conexão entre gênero e letramento: novos avanços. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 301-320, jul./dez. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/thpHdq6KYxbFfdCXY8GfhDc/?lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2021.

TALJA, S. The domain analytic approach to the study of scholars' information practices. In: FISHER, K.; ERDELEZ, S.; MCKECHNIE, L. (ed.). **Theories of Information Behavior**. Medford: Information Today, 2005. p. 123-127. Disponível

em: <https://researchportal.tuni.fi/en/publications/the-domain-analytic-approach-to-the-study-of-scholars-information>. Acesso em: 5 fev. 2022.

TEWELL, E. A decade of critical information literacy: a review of the literature.

Communications in Information Literacy, [s. l.], v. 9, n.1, p. 24-43, 2015.

Disponível em: <https://pdxscholar.library.pdx.edu/comminfolit/vol9/iss1/2/>. Acesso em: 5 fev. 2022.

TORRÃO FILHO, A. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 24, p. 127–152, 2005. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cpa/a/9qWCTLFW8Qvr9bTspS9dSsd/?lang>. Acesso em: 5 fev. 2022.

TÖRNBERG, P. Echo chambers and viral misinformation: Modeling fake news as complex contagion. **Plos one**, San Francisco, v. 13, n.9, p. 1-21, 2018. Disponível em:

<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0203958>.

Acesso em: 14 dez. 2021.

TUOMINEN, K.; TALJA, S.; SAVOLAINEN, R. The social constructionist viewpoint on information practices. In: FISHER, K.; ERDELEZ, S.; MCKECHNIE, L. (ed.).

Theories of Information Behavior. Medford: Information Today, 2005. p. 328-333.

Disponível em:

https://www.academia.edu/48682320/Talja_S_Tuominen_K_and_Savolainen_R_2005_Isms_in_Information_Science_Constructivism_Collectivism_and_Constructionism_Journal_of_Documentation_61_1_79_101. Acesso em: 14 dez. 2021.

VALERIM, P. **Entre a efemeridade e a permanência**: práticas informacionais em perfil do Instagram com a temática de ciência e maternidade. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Porto Alegre, 2022. Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/249823/001149894.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 13 out 2022.

VIEIRA, L.; CHRISTOFOLETTI, R. Métricas, ética e “cultura do clique” no jornalismo online brasileiro: o caso de resistência do nãofo.de. **Dispositiva**, Belo Horizonte, v. 4, n.1, 2015. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/11346>. Acesso em: 14 dez. 2021.

VIGNOLI, R. G.; RABELLO, R.; ALMEIDA, C. C. de. Informação, Misinformação, Desinformação e movimentos antivacina: materialidade de enunciados em regimes de informação. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 26, p. 01-31, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/75576>. Acesso em: 03 abr. 2023.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Dimensões da competência informacional (2).

Ciência da Informação, Brasília, v. 40, n. 1, p. 99-110, jan./abr., 2011. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/SjcbWRPPfNPjhF5DhFTSkcv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2021.

ZAGO, G. da S.; SILVA, A. L. M. da. Sites de rede social e economia da atenção: circulação e consumo de informações no Facebook e no Twitter. *Vozes e Diálogo*, Itajaí, v.13, n.1, p. 5-17, 2014. Disponível em: <https://www6.univali.br/seer/index.php/vd/article/view/530>. Acesso em: 13 maio 2021.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. Strasbourg: Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-researc/168076277c>. Acesso em: 14 dez. 2021.

YEOMAN, A. Applying McKenzie's model of information practices in everyday life information seeking in the context of the menopause transition. **Information Research**, Lund, v.15, n.4, 2010. Disponível em: <http://InformationR.net/ir/15-4/paper444.html>. Acesso em: 13 abr. 2022.

APÊNDICE A

Quadro 1 - Estratégias de busca e documentos recuperados

| Fonte de Informação | Estratégias de Busca | Número de Registros Recuperados | Registros selecionados conforme análise do título, resumo e palavras-chaves pertinentes à temática |
|------------------------------|---|--|---|
| <p>Google Scholar</p> | <p>1 – desinformação de gênero (período de busca: ordenado por data mais recente).</p> <p>2 – “desinformação de gênero” AND “ciência da informação” (período de busca em aberto).</p> <p>3 – “violência de gênero” OR “desinformação de gênero” AND “Ciência da informação” (período de busca: desde 2020).</p> <p>4 - "gender disinformation" OR "gender misinformation" AND "information science" (período de busca em aberto).</p> | <p>1 – 30 registros.</p> <p>2 – Nenhum registro.</p> <p>3 – 190 registros.</p> <p>4 – 6 registros.</p> | <p>1- MOTA, A. A. S.; SILVA, A. F. da ; GASPARETTO NETO, Z. L. Reflexões sobre gênero, desinformação e educação na cidade de palmas - to. Tropos: comunicação, sociedade e cultura, [s. l.], v. 10, n. 1, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/4924. Acesso em: 22 ago. 2022.</p> <p>2 -LELO, T. V.; CAMINHAS, L. R. P. Desinformações sobre gênero e sexualidade e as disputas pelos limites da moralidade. MATRIZES, [s. l.], v. 15, n. 2, p. 179-203, 2021. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v15i2p179-203. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/179801. Acesso em: 22 ago. 2022.</p> <p>SILVA, M. P. A. S. da; GOMES, G. P. Movimentos antifeministas e desinformação: uma análise dos discursos promovidos no Instagram. REBECIN, São Paulo, v. 9, número especial, p. 1-13, 2022. DOI: 10.24208/rebecin.v9inúmero especial.329. Acesso em: 22 ago. 2022.</p> <p>3- CAVIERES-HIGUERA, H.; MESSIAS, J. C. C.; BALDAN, L. Imagens estereotípicas de família e casal no contexto da pandemia da Covid-19. Revista Psicologia e Saúde, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 181–195, 2021. DOI: 10.20435/pssa.v13i2.1542. Disponível em: https://pssa.ucdb.br/pssa/article/view/1542. Acesso em: 22 ago. 2022.</p> <p>MEDEIROS, F. S. B.; CAMPOS, S. A. P. de. As Relações de Gênero, os Estereótipos e a Violência Simbólica no Mercado de Trabalho. Revista de Administração Imed, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 127, 2020. DOI: http://dx.doi.org/10.18256/2237-7956.2020.v10i1.3496. Acesso em: 22 ago. 2022.</p> <p>4- HERRERO-DIZ, P.; PÉREZ-ESCOLAR, M.; SÁNCHEZ, J. F. P. Desinformación de género: análisis de los bulos de maldito feminismo. <i>Revista Icono14 Revista Científica de Comunicación y Tecnologías Emergentes</i>, [s. l.], v. 18, n. 2, p. 188-216, 1 jul. 2020. DOI: http://dx.doi.org/10.7195/ri14.v18i2.1509. Acesso em 22 ago. 2022.</p> <p>CALANDRIA, E. C.; HERRERO-DIZ, P.; VARONA-ARAMBURU, D. Desinformación de género en Honduras: medios de comunicación y jóvenes frente a las noticias sobre violencia contra las mujeres. <i>Estudios Sobre El Mensaje Periodístico</i>, [s. l.], v. 28, n. 1, p. 41-52, 4 fev. 2022. DOI: http://dx.doi.org/10.5209/esmp.73263. Acesso em 22 ago. 2022.</p> |

| | | | |
|-----------------------|--|--|---|
| Web of Science | 1 – ALL= (gender disinformation OR gender misinformation AND information science) (período de busca em aberto). | 1 – 58 registros. | <p>1 – DENBORG, E. Disinformation and gendered boundarymaking: Nordic media audiences making sense of “Swedish decline.” Cooperation and Conflict, [s. l.]. 2021. DOI: https://doi.org/10.1177/00108367211059445. Acesso em: 22 ago. 2022.</p> <p>FREEDMAN, J.; HOOGENSEN, G.; TAHINJANAHARY, R. V. Identidad, estabilidad, amenazas híbridas y desinformación. ICONO 14, [s. l.], v.19, n.1, p. 38-69, 2021. DOI: https://doi.org/10.7195/ri14.v19i1.1618. Acesso em: 22 ago. 2022.</p> <p>CUSHMAN, E.; AVRAMOV, K. Eurosodom: aspectos específicos de la sexualidad armada y las narrativas basadas en el género en la desinformación rusa y prorrusa contemporánea. ICONO 14, [s. l.], v.19, n.1, p. 123-154, 2021. DOI: https://doi.org/10.7195/ri14.v19i1.1626. Aceso em: 22 ago 2022.</p> <p>DI MECO, L. a digital social contract that safeguards democracies and promotes women's rights is urgently needed. Turkish policy quarterly, [s. l.], v. 20, n.3, p. 113-121, 2021. Disponível em: https://www-webofscience.ez45.periodicos.capes.gov.br/wos/woscc/full-record/WOS:000727964600011. Acesso em: 22 ago. 2022</p> |
| BRAPCI | <p>1 – desinformação de gênero (período de busca: 1972 a 2022).</p> <p>2 – desinformação AND gênero (período de busca: 1972 a 2022).</p> <p>3 – desinformação AND violência de gênero (período de busca: 1972 a 2022).</p> <p>4 – violência de gênero (período de busca: 1972 a 2022).</p> | <p>1 – Nenhum registro.</p> <p>2 – Nenhum registro.</p> <p>3 – Nenhum registro.</p> <p>4 – 36 registros.</p> | <p>4- FERREIRA, L. C. S.; CORTES, G. R. Enfrentando a violência contra as mulheres por meio da informação: o olhar dos/as estudantes de biblioteconomia. Conhecimento em Ação, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 19-44, 2017. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/71519. Acesso em: 22 ago. 2022.</p> <p>CAMPOS, M. L.; ALMEIDA, G. H. M. D. Violência contra a mulher: uma relação entre dimensões subjetivas e a produção de informação. Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação, [s. l.], v. 15, n. 2, p. 349-367, 2017. DOI: 10.20396/rdbci.v15i2.8645969 Acesso em: 07 set. 2022.</p> |

Fonte: Autora (2022)

APÊNDICE B

Quadro 9 - Links das postagens representadas por figuras no estudo.

| |
|--|
| Figura 1: https://www.instagram.com/p/CcQKFoguzVM/ |
| Figura 2: https://www.instagram.com/p/CcVSz-wunyH/ |
| Figura 6: https://www.instagram.com/p/CIZY8MpPWGO/ |
| Figura 7: https://www.instagram.com/p/Ck3zncqJ6mD/ |
| Figura 8: https://www.instagram.com/p/CkQ7jAPOI0G/ |
| Figura 9: https://www.instagram.com/p/CkTOzdfu59E/ |
| Figura 10: https://www.instagram.com/p/Ckyn3tDOKSO/ |
| Figura 11: https://www.instagram.com/p/Clbrz1fuK_K/ |
| Figura 12: https://www.instagram.com/p/Cj0t9-OuITX/ |
| Figura 13: https://www.instagram.com/p/CjEQldrOiqR/ |
| Figura 14: https://www.instagram.com/p/CghKUvIOrOE/ |
| Figura 15: https://www.instagram.com/p/CiJIUXwubJX/ |